



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

**EÇA DE QUEIRÓS E A SUA VISÃO DA
POLÍTICA INTERNACIONAL**

MANUEL FERNANDO URSINHA ALCARIO

Orientação: PROFESSOR DOUTOR SILVÉRIO DA
ROCHA E CUNHA

Mestrado em Estudos Europeus e Relações Internacionais

Área de especialização: Relações Internacionais

Dissertação

Évora, 2015

Agradecimentos

Ao terminar a elaboração desta dissertação não posso deixar de registrar, grato, algumas pessoas que contribuíram para que chegasse a esta fase e sem as quais não seria possível este trabalho, agora entregue.

Ao Professor Doutor Silvério Rocha da Cunha, pelo incentivo e pela orientação essenciais para o concretizar deste projeto,

À minha mulher e às minhas filhas, determinantes no resultado conseguido pelo apoio persistente, colaborante e confiante durante um longo período temporal,

A outros familiares que, embora à distância iam mostrando o seu interesse e apoio,

Aos colegas que me estimularam e se disponibilizaram para qualquer colaboração que fosse necessária,

Aos meus amigos que além de me apoiarem, ouviram atentamente a apresentação informal de resultados que iam surgindo ao longo do trabalho de investigação,

A todos os meus muito sinceros agradecimentos!

RESUMO

Nesta dissertação, propomos fazer um estudo dos artigos publicados por Eça de Queirós no jornal *Districto de Évora*, de que foi fundador, diretor e, praticamente, único redator, bem como dos seus artigos em diversos jornais portugueses e brasileiros, da sua vasta obra literária e da forma como desempenhou os seus cargos de cônsul em várias cidades de Cuba, Inglaterra e França. Faremos, ainda, uma leitura, também ela crítica, da forma analítica e irónica como Eça de Queirós estudava a política internacional e das opiniões que nos deixou.

Tentaremos, ainda, demonstrar que se pode considerar coerente a interpretação que foi fazendo das posições políticas dos diversos países, especialmente dos europeus, dos conflitos e acontecimentos internacionais. Será dado especial destaque à sua relação com a emigração. As posições adotadas por Eça são notórias nos seus artigos, em diversos textos e em muitas das personagens criadas na sua vasta obra.

Palavras-chave:

Eça de Queirós; Política; Europa; Governo; Operários; Chineses

Abstract:

In this thesis, we propose to develop a study on the articles published by Eça de Queiroz in the newspaper *Districto de Évora*, founded by him and where he was the editor and almost the single writer; on his articles published in several Portuguese and Brazilian newspapers; on his vast literary work and the way he acted as diplomat (cônsul) in several cities in Cuba, England and France and a critical reading, on the analytical and ironic way Eça studied international politics. We also aim at demonstrate that his political opinions on several countries, namely in Europe, on conflicts and on several international events, can be considered as a coherent interpretation. We also highlight his relationship towards emigration. The positions adopted by Eça are evident on his several articles, texts and characters created by him.

Keywords:

Eça de Queirós; Policy; Europe; Government; Workers; Chines.

ÍNDICE

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	iv
Índice	v
INTRODUÇÃO	1
Breve Abordagem sobre a Cronologia.....	6
Capítulo I- EÇA, A EUROPA E OUTROS CONCEITOS	7
Capítulo II- EÇA E AS RELAÇÕES BI-LATERAIS	
II.1- A Inglaterra	13
II.1.1- A Inglaterra e o caso irlandês	20
II.1.2- A Inglaterra e o Afeganistão	23
II.1.3 - A Inglaterra e o Egito	27
II.2- A Espanha	34
II.2.1- Portugal e Espanha	39
II.3- A América	44
Capítulo III- EÇA E AS FUNÇÕES CONSULARES	55
III.1- Cuba	59
III.2- Inglaterra	86
III.3- França	89
Capítulo IV- O PENSAMENTO POLÍTICO NAS PÁGINAS DE FICÇÃO	92

V- CONCLUSÃO	107
VI- BIBLIOGRAFIA	113
OUTROS DOCUMENTOS	116

“É o grande dever do jornalismo fazer conhecer o estado das coisas públicas, ensinar ao povo os seus direitos e as garantias da sua segurança, estar atento às atitudes que toma a política estrangeira, protestar com justa violência contra os actos culposos, frouxos, nocivos, velar pelo poder interior da pátria, pela grandeza moral, intelectual e material em presença de outras nações, pelo progresso que fazem os espíritos, pela conservação da justiça, pelo respeito do direito, da família, do trabalho, pelo melhoramento das classes infelizes.”

(Eça de Queirós, Jornal Districto de Évora, nº 1, 6 de Janeiro de 1867)

INTRODUÇÃO

Conhecendo-se a enorme importância de Eça de Queirós na literatura de Portugal, e em toda a literatura de língua portuguesa, e que tem sido bastante conhecida e estudada, debruçar-nos-emos sobre a sua obra, no âmbito do estudo das Relações Internacionais.

Mas significa este facto que não nos deveremos debruçar sobre outros campos muito particulares da sua obra? Nada disso. Eça é de tal dimensão que o enorme legado que nos deixou, pode e deve ser abordado, também, no campo do seu pensamento e da sua intervenção pública sobre as relações de poder entre as nações.

Não podemos esquecer que, durante a sua vida pública, representou Portugal, como cônsul, em Cuba (Havana), Inglaterra (Newcastle e Bristol) e França (Paris), onde viria a falecer em 1900. Viajou muito e foi um observador muito atento das convulsões internacionais (não falar da sua intervenção interna não significa ignorá-la ou reduzir a sua importância). E sobre elas opinou sem qualquer tipo de contenção verbal e escrita, com palavras certeiras usadas com grande maestria. A ironia e o humor também são uma constante das suas crónicas e, que usa de forma exemplar.

A primeira atividade profissional de Eça que se conhece, após a conclusão dos estudos em Coimbra e de uma curta colaboração na imprensa de Lisboa, é a de diretor e redator do Districto de Évora de que é responsável entre janeiro e julho de 1867. Era, então, um jovem de 21 anos, mas a sua juventude não o impediu de conseguir, sozinho, manter o jornal, bissemanário, durante sete meses. “Eça de Queirós viera parar a Évora em Janeiro de 1867 e aqui se conserva até Agosto do mesmo ano, a dirigir e a escrever quasi todo o Districto de Évora, bi-semanário político, literário e noticioso. Conhecedor do meio e deste conhecido? Não. Se em Coimbra não o tinham notado, em Évora poucos saberiam quem era esse homem que deixava Lisboa pela província e vinha iniciar aqui a sua vida jornalística, pois que a literária já êle, como disse, a iniciara em 1866 com os folhetins da Gazeta de Portugal”¹. Não se limitou a fazer oposição aos poderes, locais e nacionais instalados, (principal objetivo para que foi contratado),

¹ Eça de Queirós em Évora, Celestino David, pag. 85

conseguindo incluir secções de crítica literária, de acontecimentos locais, de pretensos correspondentes em Lisboa e mesmo noutras cidades nacionais e estrangeiras (na verdade o autor de todos os artigos era Eça de Queirós) e, o aspeto que mais nos interessa neste estudo, de análise e comentário de política internacional.

Eça tinha, claramente, uma opinião muito desfavorável de ingleses e espanhóis. Não se coibiu, no entanto, de criticar a corte francesa, a sociedade brasileira e os comportamentos das potências da época. É sobre este legado da sua análise sobre a Inglaterra e, em particular, da guerra no Afeganistão e das revoltas na Irlanda que esta primeira parte do nosso estudo se vai debruçar.

O ponto de partida será a sua participação no Districto de Évora. Por serem os primeiros registos conhecidos do seu pensamento e por terem sido publicados em Évora, na secção de “Política Estrangeira”. Outros documentos, que serão analisados, são fontes importantes para que possamos estudar e registar o pensamento de Eça de Queirós numa dimensão claramente global, nacionalista e anti-imperialista, do mundo do seu tempo.

Serão também considerados como fontes alguns dos inúmeros estudos feitos sobre a sua obra e publicados, quer em Portugal, quer no estrangeiro, especialmente no Brasil onde Eça é muito admirado, pese embora as suas observações nem sempre simpáticas sobre a sociedade brasileira e, em particular, sobre o seu primeiro Imperador, D. Pedro.

Dos estudos consultados salientaremos os que, em nosso entender, melhor caracterizam Eça de Queirós e o seu pensamento sobre o tema que nos propusemos trabalhar, mas também outros que, sem se relacionarem tão diretamente com o tema, nos podem ajudar a conhecer melhor Eça e possibilitam uma melhor contextualização da sua vida e da sua obra.

Numa primeira fase procuraremos dar a conhecer, embora de forma sucinta, Eça e o seu tempo. Como ponto de partida teremos as publicações de Queirós no Districto de Évora. Os livros “Eça de Queirós em Évora”, de Celestino David, e “Sociabilidade e Distinção em Évora no Século XIX, O Círculo Eborense,” de Maria Ana Bernardo, poderão ajudar-nos a situar melhor a experiência alentejana do autor, cuja obra é objeto do nosso estudo.

Recorreremos à obra que alguns dos maiores especialistas queirosianos nos disponibilizam². Pensamos debruçarmo-nos, também, sobre algumas dissertações de mestrado e teses de doutoramento onde a obra de Eça de Queirós é analisada.

Depois, há toda a obra de Eça de Queirós cuja (re)leitura será fundamental para o nosso trabalho. A fase da vida política de Eça de Queirós no estrangeiro será relevada no nosso trabalho.

Estamos certos que, no decorrer das investigações que nos propomos fazer, outras fontes se revelarão importantes, e a elas recorreremos.

Pensamos ser possível explorar a coerência sobre a visão da política internacional do seu tempo, uma vertente menos estudada na obra de Eça de Queirós e que, nem por isso, deixa de merecer estudo e análise. Poderemos mesmo dizer que é surpreendente a visão internacionalista deste português.

Como já referimos, debruçar-nos-emos sobre as opiniões de Eça à cerca do conflito em que a Inglaterra se viu envolvida, mais uma vez, no Afeganistão e onde Eça de Queirós vislumbra mais uma falsa vitória inglesa para os seus jornais mesmo que a situação no campo de batalha não seja tão clara. Outro acontecimento em que Eça de Queirós vislumbra um comportamento imperialista e de uma violência sem justificação, por parte da Inglaterra, é a justa revolta do povo irlandês: “Quem não conhece as queixas seculares da Irlanda, terra de bardos e terra de santos, onde uma plebe conquistada, resto nobre de raça céltica, esmagada por um feudalismo agrário, vivendo em buracos como os servos góticos, vai

²Em primeiro lugar, A. Campos Matos (Eça de Queiroz, uma Biografia, Diálogo com Eça de Queiroz, Imagens do Portugal Queirosiano e outras) certamente o autor que melhor nos apresenta Eça e o seu pensamento. Também João Medina, (Eça de Queiroz e o Seu tempo e Relendo Eça de Queiroz – das Farpas aos Maias) e Maria Filomena Mónica (Biografia e outros estudos), entre os portugueses e Beatriz Berrini desenvolveram trabalhos de fundo que nos ajudarão a entender melhor como viveu e o que escreveu Eça. Também Paulo Neves da Silva organiza no livro “Citações e Pensamentos de Eça de Queirós” um volume de utilidade indiscutível. Ainda o livro de Joaquim Palmilha da Silva “O Nosso Cônsul em Havana”, onde expressa uma opinião diferente sobre o desempenho de Eça como cônsul nesta cidade caribenha, não deixará de ser estudado e referido. As respeitadas opiniões de outros grandes académicos, Fidelino de Figueiredo (“... um pobre homem da Póvoa de Varzim ...”) e Alan Freeland (Correspondência Consular) são, para nós, fontes muito credíveis, assim como o volume em que Raul Rêgo edita, em 1979, um relatório de Eça de Queirós feito a pedido do MNE português e onde Eça deixa o seu fundamentado juízo sobre a emigração (A emigração como força civilizadora).

disputando à urze, à rocha, ao pântano, magras tiras de terra onde cultivava em lágrimas a batata?”.³

A forte desigualdade é assinalada e, por Eça de Queirós na sua abordagem sobre o conflito: “... enquanto os proprietários, lordes ingleses ou escoceses, sempre ausentes das terras, não admitindo a despesa de um shilling⁴ para as melhorar, estão em Paris ou Londres, comendo pêssegos em Janeiro e jogando pelos clubes o whist⁵ a libra o tento”⁶.

Na fase seguinte do nosso trabalho, apresentaremos a nossa interpretação das opiniões expressas por Eça de Queirós acerca da vizinha Espanha e dos principais acontecimentos internacionais da sua época, com destaque para a sua passagem por Havana, onde tomou em mãos a defesa dos direitos dos imigrantes “*chinos*”, ao mesmo tempo que procuraremos provar a coerência que ressalta dessas opiniões.

Parece-nos importante que apresentemos uma leitura sobre as opiniões de Eça de Queirós sobre o gigante que emergia do outro lado do Atlântico, os Estados Unidos da América, tanto mais que Eça vislumbrava já o nascimento de outra potência imperialista, concorrente da Europa, que tanto valorizava e, a pedido do Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Andrade Corvo, foi incumbido de lá se deslocar para avaliar das condições de vida dos muitos portugueses emigrados para a América.

A partir da análise das opiniões de Eça sobre estas três potências, do seu legado como Cônsul, da sua vasta obra e de estudos já realizados sobre a mesma, poderemos traçar um perfil do pensamento de Eça de Queirós sobre a política internacional e sobre as grandes potências do seu tempo.

³ Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres, pag 10

⁴ O xelim era uma moeda usada, no Reino Unido, antes da adoção do sistema decimal em 1971. Um xelim equivalia a 1/20 de libra. Foi substituído pela nova moeda de 5 pence, que inicialmente, tinha idênticos tamanho e peso. (<https://pt.wikipedia.org/wiki>)

⁵ “Whist”, é um jogo de cartas, de duas duplas, com parceiros frente a frente. Este jogo é considerado o antepassado do “bridge”. O objetivo é vencer a maioria das treze vazas numa mão e marcar pontos. É um jogo com semelhanças ao jogo “copas” e à segunda parte do “king”. Em cada rodada, cada um dos participantes joga uma carta do mesmo naipe do primeiro. Caso não possua uma carta desse naipe, ele estará livre para jogar qualquer carta. Há no jogo um naipe que tem sempre maior valor do que os outros. (<https://pt.wikipedia.org/wiki>)

⁶ Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres, pag 10

Seguiremos, depois, para os registos que Eça de Queirós nos deixou sobre outros fatos da política internacional e analisá-los-emos à luz da citada coerência que vislumbramos em todos eles.

Não deixaremos de introduzir um capítulo onde tentaremos relacionar figuras e episódios criados na sua obra de ficção com as experiências vividas na sua vida real, quer como viajante privilegiado, (visitou muitos países em vários continentes e esteve num dos maiores acontecimentos da época, a inauguração do Canal do Suez), quer como diplomata.

Finalmente, apresentaremos as nossas conclusões a partir da análise crítica, que tentaremos fazer de forma isenta e situando sempre Eça de Queirós no seu tempo e nos lugares que frequentou, de forma a que possamos responder a duas perguntas que não deixamos de formular.

- Teve Eça de Queirós intervenção política durante a sua vida pública?

-Deixou-nos testemunhos para que possamos considerar essa intervenção coerente e constante, quer nos seus textos, quer na sua atividade como cônsul de Portugal?

BREVE ABORDAGEM CRONOLÓGICA

Não iremos aqui fazer uma apresentação cronológica exaustiva da vida de Eça de Queirós, mas apenas deixar indicação de algumas datas que nos podem ajudar a melhor situar, no tempo e no espaço, a intervenção pública de Eça, que é objeto do nosso estudo.

- 1845- (25 de Novembro), nasce na Póvoa do Varzim
- 1855- Entra como aluno interno no Colégio da Lapa, no Porto
- 1861- Matricula-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra
- 1866- Forma-se em Direito
- 1867- Assume a direção e redação do jornal *Districto de Évora* (janeiro a agosto)
- 1869- Assiste à inauguração do Canal de Suez
- 1870- Presta provas para cônsul
- 1872- É Cônsul em Havana (nomeado em março, sai de Lisboa a 9 de novembro)
- 1873- Visita os Estados Unidos, em missão do Ministério dos Negócios Estrangeiros
- 1874- É Cônsul em Newcastle (toma posse em dezembro)
- 1878- É Cônsul em Bristol
- 1886- Casa com Emília de Castro Pamplona
- 1888- É Cônsul em Paris
- 1900- Morre em Paris (agosto)

I – EÇA, A EUROPA E OUTROS CONCEITOS

Quando chega a Évora, Eça de Queirós vai-se deparar com uma sociedade fechada e muito diferente das sociedades coimbrã e lisboeta que conhecia, e onde as tertúlias e as discussões sobre o que se passava na Europa eram constantes. Para caracterizarmos a sociedade eborense dessa época, recorreremos aos já citados Celestino David e Maria Ana Bernardo, particularmente a esta autora, que faz um estudo e uma análise brilhantes acerca dos locais e formas representativas de convívio das várias classes existentes à época na cidade de Évora, com particular relevo para as suas elites: “Na década de 60 do século XIX, os rituais da sociabilidade passavam preponderantemente pelo espaço doméstico e privado, sendo as manifestações públicas caracterizadas pelos ofícios religiosos e pelo assinalar de momentos e factos tradicional e/ou institucionalmente reconhecidos. Os jornais relevavam a época carnavalesca, a Semana Santa, as festividades em honra de diversos santos, as feiras, as celebrações de momentos importantes do ciclo de vida da família real e as comemorações do 1º de Dezembro. Também havia notas relativas aos espectáculos teatrais e musicais, bem como à realização de touradas — de carácter comemorativo ou não.”⁷

Havia, em Évora, várias sociedades recreativas que se podiam considerar espaços privilegiados de encontro e de convívio. Segundo Maria Ana Bernardo, “De facto, as sociedades — termo que designava correntemente as associações deste tipo — apareciam como espaço intermédio entre a privacidade doméstica e os locais que, situando-se ou não ao ar livre, possibilitavam uma acessibilidade com menores restrições. Os requisitos morais e civis e a obrigatoriedade de pagamento de uma quota, coadjuvavam-se para impor uma certa selectividade à admissão de novos elementos. Também só os homens podiam figurar como sócios.”⁸

Apesar do importante papel desempenhado pelas sociedades recreativas, as limitações que lhes eram impostas diminuíam o seu papel de eventuais locais de tertúlia, especialmente para indivíduos que, como Eça de Queirós, privilegiavam esta forma de polemizar: “Outro aspecto relevante em relação a este tipo de associações prende-se com a sua faceta de

⁷ Sociabilidade e Distinção em Évora no Século XIX, O Círculo Eborense, pag 30/31

⁸ Idem, pag 41

voluntarismo. Na brecha da ambiguidade liberal entre a desconfiança pelos grupos e o respeito pelas liberdades individuais, emergiam estas associações voluntárias que procuravam afirmar-se sob o olhar atento dos poderes públicos. A restrita margem legal em que se moviam, e as obrigava a demarcar-se da prossecução de objectivos políticos e religiosos.”⁹

Se é verdade que nestas sociedades com frequência se realizavam bailes que reuniam muitas famílias eborenses, não o é menos que outros tipos de actividades ocupavam também lugar de destaque nas diversões: “Quanto às sessões musicais, dramáticas, ou até de prestidigitação, há que distinguir as que eram realizadas por amadores locais das que resultavam da visita à cidade de companhias e executantes de outras partes do País, sobretudo Lisboa, ou até do estrangeiro. Os artistas espanhóis eram os que mais frequentavam Évora, embora também acoressem artistas italianos ou brasileiros que, depois de actuarem na capital, saíam em digressão pela província.”¹⁰

Ainda segundo Maria Ana Bernardo os cafés eram lugar de encontro e convívio na cidade eborense no período em que Eça de Queirós cá viveu: “Ainda no âmbito das práticas de sociabilidade efectivadas em recintos fechados, há que fazer referência aos cafés existentes em Évora durante o século XIX”.¹¹

Continuando a seguir a mesma autora, deve referir-se um grande acontecimento na cidade em 1864: a construção e inauguração do Passeio Público (correspondente e no local do hoje Jardim Público), que veio aumentar os locais de encontro, tanto mais que, como espaço aberto poderia ser frequentado por todas as classes sociais: “O Passeio Público era o espaço mais citado pelos periodistas eborenses de Oitocentos, quando se referiam a práticas de sociabilidade desenroladas em espaços abertos e ligadas à actividade musical. As notícias identificam Évora como uma cidade onde as sessões musicais suscitavam interesse, fossem elas realizadas em casas particulares, nos teatros, nas sociedades recreativas ou ao ar livre.

⁹ Sociabilidade e Distinção em Évora no Século XIX, O Círculo Eborense, pag 41

¹⁰ Idem, pag 53

¹¹ Idem, pag 54

Ora, é precisamente no último caso que o Passeio adquire importância, quando, após 1864, se abre à população.”¹²

Durante a Feira de S. João (como hoje no final de junho), todas as camadas sociais tinham oportunidade de frequentar diversas diversões e assistir a outra manifestação pública festiva e empolgante. Referimo-nos às touradas, cujo período de realização se prolongava por todo o verão: “As touradas tinham largas tradições na sociedade portuguesa, integradas que estavam nas estratégias de prestígio e poder da corte — espectáculo do Antigo Regime. Em Évora, eram actividades costumeiras dos ciclos festivos.”¹³

Refira-se, ainda, que ao longo de todo o ano Évora era palco de variadas festividades e celebrações religiosas com destaque para a Procissão do Corpo de Deus. Face ao carácter que estas manifestações adquiriram interessavam transversalmente a toda a população: “As festividades de índole religiosa, para além da prestação do culto, incluíam, de forma integrada, práticas festivas de carácter profano em que a convivialidade ocupava lugar central. O calendário litúrgico desdobrava-se numa pluralidade de cerimónias religiosas, que pontuavam o ano civil, mobilizando regularmente os crentes. As práticas de sociabilidade ocorridas sob o signo da religião prolongavam-se dos recintos fechados dos templos para os espaços abertos das ruas e impregnavam a malha urbana, estendendo a sua presença a diversos pontos da cidade, mediante a realização de procissões e arraiais.”¹⁴

Celestino David resume em duas frases a vivência social em Évora à época da vinda de Eça de Queirós: “A província portuguesa (entenda-se por tal a gente que fora de Lisboa faz o movimento das ruas, praças e vielas, falaceia nos estabelecimentos, dá ordens em casa, trabalha nas repartições, ajoelha e reza nos templos, alterca a bisbilhoteia nos chafarizes, tem dias certos para se divertir) era na Beira o mesmo que era no Alentejo. Os que não podiam, em certa época do ano: frequentar a côrte, ouvir música em S. Carlos, passar as noites nos serões consagrados de algumas casas distintas, vaguear no Passeio Público, ter uma quinta em Sintra, tomar banhos em Cascais, contentavam-se com a sorna pacatez que

¹² Sociabilidade e Distinção em Évora no Século XIX, O Círculo Eborense, pag 59

¹³ Idem, pag 60

¹⁴ Idem, pag 63

indicamos e com o intervalo agradável dos mercados e das feiras, dos arraiais e romarias e, se era tempo disso, a eleiçãozinha que elegeria o deputado, quási sempre desconhecido, mas sempre considerado merecedor dos seus votos”.¹⁵

E Celestino David vai mais longe e “mostra-nos” o interior de casas das classes dominantes, afinal o espaço mais usado para socializar: “Évora era a cidade típica do fidalgo-lavrador. Ao lado dos seus palacetes historiados e ricos, mostrava-se, orgulhoso, o casario que comportava a adega, a cabana do gado, o palheiro, a abegoaria, o celeiro. Na adega, eram as fiadas de pipas e dornas de madeira ou a teoria dos potes de barro pesgado de Aldeia do Mato ou Campo-Maior, muito datados e de bojos inverosímeis; nas cavaliças, eram os cavalos de raça e as muares de trabalho, o landau e o churrião, o breque e o carro de canudo; no celeiro, eram os milhares de moios de cereais de toda a espécie: o trigo, o centeio, a aveia.”¹⁶

É, ainda, Celestino David que introduz Eça de Queirós neste espaço, deixando já antever que não seria fácil para o jovem jornalista adaptar-se a uma forma de viver bem diferente da que até aí tinha seguido: “Eça de Queiroz aparece na cidade assim esboçada, em Janeiro de 1867. Vem iniciar a sua vida de jornalista político e depois a de advogado sem causas – dois traços da sua biografia – dois aspetos bem curiosos da existência do escritor e do homem de leis. O que seria o dia um romancista consagrado e distinto diplomata, é, nessa por nós recordada, a figura que no *Distrito de Évora* revelaria o seu temperamento de combativo em activa e aberta oposição contra o governo. O povo e as suas regalias encontram nêle um grande defensor, capaz de usar largamente do entusiasmo da mocidade de que gozava, ou servir-se da nobre independência que lhe concedia a superioridade radiosa do seu espírito.”¹⁷

Como se pode ler na opinião de Celestino David, apesar de toda a envolvência não ser particularmente instigadora e inspiradora, o jovem Eça de Queirós deu logo mostra de algumas características que o iriam acompanhar ao longo da vida e que, no nosso trabalho,

¹⁵ Eça de Queirós em Évora, Celestino David, pag. 37

¹⁶ Idem, pag 39

¹⁷ Idem, pag 83

procuraremos destacar: uma nobre independência e uma superior argumentação que, nas mais diversas situações iria colocar sempre ao serviço dos mais desfavorecidos.

Pois é com esta forma de viver e apesar desta forma de viver que Eça de Queirós, com a responsabilidade de diretor e único redator do jornal *Districto de Évora*, nos deixa o registo das suas posições sobre os acontecimentos na Europa e no mundo, em que os países europeus colonialistas mantêm as suas possessões. Vamos transcrever algumas das ideias expostas, por Eça, nas páginas do jornal eborense.

Logo no primeiro número do jornal Eça refere: “A moderna época política da Europa é uma luta de velhas tradições e novas renascenças: ao lado de enérgicas defesas católicas, de cruzadas papais e clericais, há uma profunda crítica filosófica, que reduz as velhas superstições e lendas históricas”¹⁸. Como se vê, Eça de Queirós começa por considerar que, na Europa, se vive uma época de luta entre duas correntes. Mas vai mais longe e acrescenta: “ao mesmo tempo que há territórios violentados, conflitos trágicos de exércitos, armamentos sinistros, um espírito de guerra aceso e actuante, o princípio de conquista, de guerra e do heroísmo é aniquilado pela filosofia e pela história”¹⁹, considerando que os conceitos e as teorias de poder vigentes poderão levar a melhor sobre os que defendem a afirmação pelo poder das armas.

Acrescenta que é uma época em que tudo é posto em causa: “Nem é o direito divino, nem o direito popular, nem é a política monárquica da passividade, nem a ideia democrática com a sua anarquia individual e desassombrada expansão das almas”²⁰. Eça interpreta o seu tempo como uma época de algum caos, com muitas indefinições em que os confrontos ideológicos são uma realidade e com o risco de poderem resultar em confrontos muito mais perigosos porque podem degenerar em perigosos conflitos armados: “nem é a política em que os territórios hão-de ter uma justa e fecunda importância, e o individualismo há-de enfraquecer pela dispersão de forças, nem a política em que os territórios nada eram e as individualidades poderosas riscavam as sociedades no vazio; nem é a política egoísta pela

¹⁸ *Discricto de Évora* de 6 de janeiro de 1867

¹⁹ *Idem*

²⁰ *Idem*

qual uma nacionalidade se encolhe nas suas fronteiras, sem ligação moral com as outras pátrias; nem política humanitária, em que as raças se unem”.²¹

Mas Eça de Queirós mostra algum otimismo sobre o resultado final dessa luta entre as várias visões da relação entre os países: “É um embate de sistemas, de políticas, de filosofias, onde, apesar do espírito burguês de mercancia e lucro, dos feudalismos financeiros, da concentração de forças, das raças martirizadas, da Irlanda chorosa, da Polónia crucificada, da Cândia²² e da Grécia dilaceradas, o princípio tirânico do dogma e da tradição, da autoridade, se vai apagando como a efigie duma moeda velha”²³. Como se vê, a sua preocupação com a situação vivida pela Irlanda, decorrente da forma como esta é tratada pela Inglaterra e de outras situações de domínio por parte de outros países, fica expressa logo no primeiro número do jornal.

Eça debruça-se sobre a existência de colónias e considera bem diferentes as justificações para a sua criação na Antiguidade, que se justificavam e que foram, para Eça, fonte de progresso, e sobre as que se formaram como consequência das viagens marítimas dos séculos XV e XVI.

Escreve sobre acriação de colónias na Antiguidade como uma coisa natural: “A fundação de colónias era uma das ocupações principais das sociedades antigas. Então nas cidades, que eram uma pátria, as discórdias, o choque de interesses, o acréscimo da população, causavam contínuas emigrações, quando não eram expulsões”²⁴. A criação de colónias era útil e vantajosa desde sempre: “Os colonos traziam todos os adiantamentos, todas as influências civilizadoras, as artes, as virtudes cívicas, o amor da liberdade e encontravam um solo virgem e fecundo. As colónias romanas, essas tiveram um carácter quase exclusivamente militar”²⁵. Por outro lado, as mais recentes desenvolveram a economia e o comércio: “As

²¹Discripto de Évora de 6 de janeiro de 1867

²² O Reino de Cândia ou Ducado de Cândia era o nome oficial de Creta durante o período em que a ilha foi uma colónia da República de Veneza. Quando em 1571 Chipre foi conquistado pelo Império Otomano, Creta passou a ser o maior porto da República Veneziana, fora de Veneza. A sua riqueza e a sua excelente localização estratégica, permitiam-lhe o controlo do Mediterrâneo Oriental. (<https://pt.wikipedia.org/wiki>)

²³ Discripto de Évora, 6 de janeiro de 1867

²⁴ Idem, 13 de janeiro de 1867

²⁵ Idem

descobertas nos séculos XV e XVI deram origem a uma nova espécie de colónias; o seu fim não era criar nações novas, era enriquecer as metrópoles.../... tinham por fim o ganho. Estas colónias não eram livres; os governos das metrópoles nomeavam-lhes governadores, faziam-lhes as leis e recebiam-lhes os rendimentos”²⁶. Eça de Queirós acreditava que a manutenção de colónias ainda podia ser útil, mas só se os países colonizadores observarem certas condições de justiça e de equidade no tratamento dos povos colonizados. “A colonização é a forma mais louvável e mais justa da conquista, é o meio mais direto de propagar a civilização”²⁷ e “Mas só um povo cuja organização política seja fundada na justiça, pode tirar proveito duma colónia, porque só ele a saberá tratar com justiça”²⁸. Mas entre estes países Eça abriu uma exceção para a Inglaterra. “A Inglaterra cometeu muitos erros com as suas colónias, cometeu mesmo muitos crimes.....”²⁹.

Se Eça de Queirós pensava que a existência de colónias, por si só, não representava a exploração dos colonizados, também nos deixou múltiplos testemunhos sobre a emigração e, a pedido do Ministro dos Negócios Estrangeiros, João Andrade Corvo, um extenso relatório que só seria publicado em livro em 1979³⁰.

Nesta parte do nosso trabalho pretendemos deixar registo de ideias expressas por Eça de Queirós quando jovem, mas que nos parecem ser uma semente que mais tarde germinará, criará fortes raízes, crescerá e que será, de alguma forma, influenciadora da sua forma de agir no palco internacional.

Poderíamos recorrer a várias das ideias expostas por Eça de Queirós, mas optamos, pela transcrição de uma frase de Eça que, julgamos, mostra de uma forma clara o seu pensamento e a sua opção por uma avaliação positiva da emigração, como factor de desenvolvimento: “Verdadeiramente, só depois das guerras do primeiro império e da pacificação traida pelos tratados de 1815, é que a emigração toma este amplo carácter de universalidade, de espontaneidade e de liberdade, que a tornam um dos factos mais

²⁶ Discripto de Évora, 13 de janeiro de 1867

²⁷ Idem

²⁸ Idem

²⁹ Idem

³⁰ A Emigração como Força Civilizadora, com prefácio de Raul Rego

poderosos da moderna actividade económica, e uma das forças de civilização contemporânea”³¹

E, embora para Eça de Queirós a emigração seja uma das formas de levar a civilização europeia para outros continentes, valoriza, e de que maneira, a sua influência na economia dos países de emigração: “A emigração é um frete considerável para a marinha mercante, e o forte recurso dos transportes transatlânticos. É além d’isso um lucro permanente para os portos ingleses: além de provocar um alto movimento marítimo no porto, cria um numero notável de industrias filiaes: hospedarias de emigrantes, venda de ferramentas, utensílios, vestidos, etc.: assim se explica a sôfrega emulação com que Liverpool, Glasgow, e os portos da Irlanda se disputam a posse do transito emigrante.”³²

Mas, se a emigração é importante para a Europa, torna-se, na opinião de Eça, determinante para a América: “A emigração tem hoje tal solidariedade com a prosperidade transatlântica, que os Governos Americanos julgão-na como matéria de direito internacional, e não de direito publico privado das nações europeas. Attaca-la é atacar um dos elementos de civilização internacionais”.³³

Eça de Queirós era, claramente, o que hoje se pode considerar um eurocêntrico e disso nos deixou vários testemunhos realçados por quase todos os seus estudiosos. Por exemplo, Julita Scarano refere: “O próprio Eça aceita a superioridade da Europa e considera inviável que povos desse continente sejam vistos como os substitutos dos escravos. Isto não o impediu de, dentro de sua possibilidade, criticar a migração chinesa tal qual foi realizada, considerá-la imoral e injusta”.³⁴

Também sobre este sentimento da supremacia europeia, que Eça de Queirós professava, Fidelino de Figueiredo escreve: “Eça de Queiroz como cônsul, residiu em Cuba, conhecendo de perto as repúblicas centrais e pôde viajar pela costa atlântica dos Estados Unidos. O que havia de mais característico e extra-europeu na vida e no espírito americano feria

³¹ A Emigração como Força Civilizadora, pag 15

³² Idem, pag 51

³³ Idem, pag 115

³⁴ Migração sobre contrato: a opinião de Eça de Queiroz, pag 12

profundamente a sensibilidade deste latino, muito «francisé», muito literato e, nessa altura, muito alheado da vida combativa”³⁵.

Fidelino sabe que, para Eça de Queirós, a Europa e os europeus detêm os principais valores e a primazia nas ciências sociais, e relembra a sua convicção da superioridade europeia:

“Os americanos não tinham o direito de ser nativistas, porque nem sequer eram nativos eles mesmos, nem eram criadores da própria civilização que guardavam – é a tese de Eça.”³⁶

Ao lermos as suas opiniões sobre as colónias e a emigração poder-se-á pensar que estamos em presença de um homem conservador. Pensamos que não o era. Eça de Queirós deixou-nos mais alguns conceitos, que nos parece importante registar, pela tradução que fazem do pensamento queirosiano em pontos basilares da leitura das forças em presença na sua sociedade. E logo no primeiro número do *Districto de Évora* balizava os deveres dos jornalistas de uma forma que se pode considerar completamente atual: “É o grande dever do jornalismo fazer conhecer o estado das coisas públicas, ensinar ao povo os seus direitos e as garantias da sua segurança, estar atento às atitudes que toma a política estrangeira, protestar com justa violência contra os actos culposos, frouxos, nocivos, velar pelo poder interior da pátria, pela grandeza moral, intelectual e material em presença de outras nações, pelo progresso que fazem os espíritos, pela conservação da justiça, pelo respeito do direito, da família, do trabalho, pelo melhoramento das classes infelizes.”³⁷

Houve vários escritores que influenciaram decisivamente Eça de Queirós. Destes não podemos deixar de referir Proudhon e Antero de Quental, já que deles recebeu ensinamentos das suas teorias revolucionárias e socialistas. Disse ele: “A revolução é um facto permanente, porque é manifestação concreta da lei natural de transformação constante, e uma teoria jurídica, pois obedece a um ideal, a uma ideia. É uma influência proudhoniana. O espírito revolucionário tem tendência a invadir todas as sociedades modernas, afirmando-se nas áreas científica, política e social. A revolução constitui uma forma, um mecanismo, um sistema, que também se preocupa com o princípio estético. O

³⁵ ... um pobre homem da Póvoa do Varzim..., pag 137/138

³⁶ Idem

³⁷ *Districto de Évora*, 6 de janeiro de 1867

espírito da revolução procura o verdadeiro na ciência, o justo na consciência e o belo na arte.”³⁸

E se dúvidas houvesse do seu compromisso com a democracia como forma suprema de justiça, bastará lermos este trecho para constatar que essas dúvidas não se justificam: “Transcrevemos do Jornal de Lisboa uma curiosa notícia sobre o ministro espanhol González Bravo, que fez descrever das generosidades cheias de justiça que a mocidade tem, e faz lembrar aquele horrível dito de Veillot: «Aos vinte anos todos têm a virtude democrática; alguns levam a exageração até aos trinta, mas em geral aos quarenta todos sossegam.» Se isto assim fosse, não havia futuro, nem esperança; a democracia não é uma virtude da idade, é uma justiça eterna.”³⁹

Eça de Queirós, não deixa de abordar outros temas e analisá-los com palavras certas e nem sempre convenientes. E mesmo sobre as representações diplomáticas, onde ele viria a participar ao desempenhar as funções de cônsul, e referindo-se apenas aos embaixadores, já que ao cônsul estava reservado executar tarefas administrativas refere: “As embaixadas fazem parte das cortes, das camarilhas, dos saraus.”⁴⁰ E não deixa escapar nenhuma oportunidade de salientar o, cada vez maior, divórcio entre o Povo e os seus governantes: “Os embaixadores representam os reis, não representam o povo. Eles são o rosto das velhas camarilhas feudais e católicas.”⁴¹ e “É a mais fina nata das aristocracias que se manda aos países estrangeiros, a desdobrar o aparato e a flor do luxo das nações.”⁴²

³⁸ 4ª Conferência do Casino, realizada a 12 de Junho de 1871

³⁹ Districto de Évora, 21 de fevereiro de 1867

⁴⁰ Idem, 10 de fevereiro de 1867

⁴¹ Idem

⁴² Idem

II – EÇA E AS RELAÇÕES BI-LATERAIS

II.1 – A Inglaterra

Eça tem com a Inglaterra e os ingleses uma estranha relação ambivalente de admiração, por vezes exaltação mesmo, e de um repúdio pela prosápia e pelo enorme e injustificado, segundo Eça, complexo de superioridade que manifestam. Mas também sobre a sua manifesta ignorância sobre a cultura e hábitos do continente europeu.

Creemos mesmo, a avaliar o que Eça escreve sobre outros conflitos na Europa e noutros continentes e também a forma como desempenhou as suas funções consulares, especialmente em Havana, onde teria um importante papel na defesa dos imigrantes chineses e contra a escravatura de que eram vítimas, que Eça de Queirós era profunda e convictamente anti-imperialista e defensor dos mais fracos. Para esta convicção contribui também a forma como Eça de Queirós reage às ameaças que Inglaterra lança a Portugal.

A avaliação que Eça faz dos ingleses é, muitas vezes, de uma profunda admiração de características do seu carácter, enquanto noutras considerações os avalia como arrogantes e discriminatórios.

Já que falámos de emigração, vejamos como ele distingue a emigração inglesa da portuguesa e, por outro lado, como a sua opinião da emigração em geral era, nesta altura da sua vida, diferente da que atrás mostrámos: “ A emigração é decerto um mal. Porque aqueles que se oferecem mostram ser, por essa resolução, os mais enérgicos e os mais rijamente decididos; e num país de fracos e de indolentes, é um prejuízo perder as raras vontades firmes e os poucos braços viris”⁴³. Esta observação não é muito lisonjeira para os portugueses, mas não podemos esquecer que Eça de Queirós, nesta fase da sua vida militava entre os opositoristas ao governo de Lisboa.

Acrescenta: “Porque a emigração entre nós, não é como em toda a parte a transbordação de uma população que sobra, é a fuga de uma população que sofre; Porque não é o espírito de indústria, de atividade, de expansão, de criação, que leva os nossos colonos, - como leva os

⁴³ Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, *As Farpas*, "8 - Dezembro de 1871"

ingleses à Austrália e à Índia - é a miséria de um país esterilizado que expulsa, sacode e que instiga a emigrar, a procurar longe o pão; Porque a emigração, tomando o rumo dos países estranhos, contraria a necessidade de regularizar interiormente uma emigração de província a província;”⁴⁴

Conclui o seu pensamento de forma que não reste qualquer dúvida da sua visão crítica: “Porque a emigração em Portugal não significa - ausência - significa abandono: o inglês por exemplo vai à Austrália, à América, fazer um começo de fortuna - para voltar a Inglaterra, viver, casar, acabar de enriquecer, servir o seu país, a sua comuna, trazer-lhe auxílio da vontade robustecida, da experiência adquirida, do dinheiro ganho; para Portugal ninguém volta, a não vir provido de boa fortuna, ser improdutivo, burguês retirado, inutilidade a engordar”.⁴⁵

Mas para Eça, não é só nos objetivos dos emigrantes que os ingleses diferem de portugueses e de outros povos.

Ao contrário de outros, mais preocupados com a compreensão dos outros povos, os ingleses, na opinião de Eça, utilizam sempre em seu proveito e de forma fria, as vantagens de ser uma potência industrial e comercial mesmo que para isso ajudem a empobrecer os parceiros, como Portugal (recorde-se a Aliança Inglesa, que faz de Portugal e Inglaterra os países com a mais antiga aliança do mundo).

Vejamos como Eça analisa e avalia o Tratado de Methuen:⁴⁶ “Antes do Tratado de Methuen, a Inglaterra, já rica pela sua indústria, não tinha capitais. Portugal, pelo contrário, possuía

⁴⁴ Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, *As Farpas*, "8 - Dezembro de 1871"

⁴⁵ Idem

⁴⁶ O Tratado de Methuen, foi um tratado de comércio (1703), e promovia a troca de textéis ingleses por vinho português. O tratado é muitas vezes considerado ruinoso para Portugal. O principal resultado para Portugal, foi o abandono de uma política de fomento industrial, lançada pelo conde de Ericeira. O resultado do Tratado foi desfavorável a Portugal porque os panos ingleses eram fabricados com técnica apurada, muito superiores aos produzidos pela indústria portuguesa. Além disso, o acréscimo na exportação de vinho não bastou para equilibrar a balança comercial entre ambos os países. As terras cultiváveis foram, em boa parte, cultivadas por vinha, originando escassez de alimentos e necessidade do recurso à importação. Quase todos os produtos manufaturados eram importados de Inglaterra. Assim, a dívida a Inglaterra aumentava para níveis elevadíssimos e para pagar essas dívidas restava o ouro vindo do Brasil, onde de toda a extração apenas ficava uma pequena parte. Com estes pagamentos, quem mais se beneficiou com o ouro do Brasil acabou por ser a Inglaterra. (<https://pt.wikipedia.org/wiki>)

riquezas consideráveis sobretudo em numerário acumulado...”⁴⁷ e “Foi evidente que aquele comércio empobrecia Portugal e enriquecia a Inglaterra”.⁴⁸

Esta forma da Inglaterra atuar no campo internacional não seria mais do que a coerência com a situação interna onde “As companhias são grandes reuniões de capitalistas, de fabricantes e de gente de negócio, associados para empreenderem grandes operações de comércio, de indústria ou de trabalhos públicos”⁴⁹.

De todas as companhias, algumas atingiram dimensão e poder nunca vistos até à época e há uma que se salienta e representa fielmente o orgulho, a forma de pensar dos ingleses e, se quisermos, uma dimensão multinacional: “A grande Companhia das Índias, em Inglaterra, tornou-se mesmo tão poderosa que o Parlamento britânico submeteu as suas operações ao exame de um conselho especial que bem depressa tomou a importância de um ministério”⁵⁰.

Na sua leitura da sociedade inglesa Eça de Queirós analisa comportamentos individuais e atitudes do governo. Nos comportamentos individuais crítica a estranha forma de vida na Ilha. Mas também a forma como o inglês se comporta quando viaja pela Europa, especialmente pela França (cuja cultura Eça admira), mereceu a sua atenção, espicçou-lhe a ironia, não podendo deixarmos de transcrever esta verdadeira pérola, que nos pode revelar um Eça de Queirós estranhamente moralista, para quem assumia em Portugal a rotura com certos pruridos sociais: “A verdade é que o inglês não se diverte no continente. Não compreende as línguas. Estranha as comidas. Tudo o que é estrangeiro, maneiras, toilettes, modos de pensar, o choca. Desconfia que o querem roubar. Tem a vaga crença de que os lençóis nas camas do hotel nunca são limpos”⁵¹.

Mas Eça vai mais longe na sua crítica sarcástica: “O ver teatros abertos ao domingo e a multidão divertindo-se amargura a sua alma cristã e puritana. Não ousa abrir um livro estrangeiro porque suspeita que há dentro coisas obscenas. Se o seu Guia lhe afirma que na

⁴⁷ Districto de Évora, 24 de janeiro de 1867

⁴⁸ Idem

⁴⁹ Idem, 17 de fevereiro de 1867

⁵⁰ Idem

⁵¹ Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres, pag 24

catedral de tal há seis colunas e ele só encontra cinco, fica infeliz toda uma semana e furioso com o país que percorre, como um homem a quem roubaram uma coluna.”⁵²

Deixamos, aqui, a opinião quase diríamos aniquiladora, que Eça de Queirós tem da forma desbragada como as inglesas violam os costumes: “A mulher de Sir Tempest fugiu (como tantas outras fogem hoje em dia) com um amante – ele mesmo casado com uma adorável senhora de vinte e dois anos, íntima amiga da princesa de Gales. O que fez escândalo foi pertencer a fugitiva a uma das mais respeitáveis famílias católicas de Inglaterra e passar por ser uma das mulheres mais sérias da aristocracia inglesa”⁵³.

E não pode deixar passar a oportunidade de, ao generalizar estes comportamentos, mostrar que toda a sociedade é hipócrita e imoral: “O facto em si, digo, é banal, e não merece uma linha de comentário: a grande sensação provém de que alguns jornais, por esta ocasião, lembraram-se de fazer uma espécie de revista retrospectiva da moralidade inglesa durante os últimos dez anos e chegaram à conclusão, muito exacta, que neste último período a imoralidade, sobretudo na sociedade mais rica, tem tomado tais proporções que Paris, Madrid, Viena, Nápoles, as cidades clássicas do adultério e do escândalo, ficam humildemente na sombra perante a colossal corrupção de Londres”⁵⁴.

E como se não chegasse: “Que tudo quanto o vício tem inventado de mais mórbido e de mais excêntrico floresce em Londres era sabido; mas supunha-se (os estrangeiros supunham, ao menos) que a sociedade cultivada tinha no mais alto grau as qualidades de honestidade, de fidelidade, de pudor, de probidade doméstica, que foram sempre um dos grandes orgulhos ingleses. Pois bem, pelo que dizem os mais bem informados, os últimos dez anos têm trazido uma transformação dissolvente da honestidade inglesa”⁵⁵.

E pormenoriza, com uma comparação oportuna: “Os adultérios, as fugas, os raptos, as seduções, os divórcios, os crimes de família, acumulam-se de ano para ano, dando à alta sociedade inglesa o aspecto sucessivamente decomponente de um fruto que apodrece.

⁵² Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres, pag 24

⁵³ Idem, pag 248

⁵⁴ Idem

⁵⁵ Idem

Enquanto a mim, sempre o pensei: mas não esperava vê-lo impresso e com cores tão carregadas nas mais sérias revistas e pelos moralistas mais estimados. Basta observar um pouco as maneiras da inglesa moderna para se ver que ela poderá ser tudo – uma hábil cavaleira, uma excelente caçadora, um forte cocheiro, uma adorável amante, uma excelente atiradora à pistola, um óptimo companheiro de viagem, um atrevido parceiro para uma partida de bacará –, tudo, menos uma esposa e uma mãe”⁵⁶.

A crítica da moral e dos costumes das inglesas é devastadora: “A maneira como se vestem, o atrevimento dos olhares, o hábito das conversações picantes, o vício do namoro, o gosto pelas bebidas fortes, a paixão pelos exercícios masculinos, a avidez de independência, o desdém público – tudo revela, a quem as conhece, uma tendência irresistível para o amor livre. A isto junte-se o temperamento ardente, uma imaginação excitada, uma natureza voluntária – e compreender-se-á a situação”⁵⁷.

Eça de Queirós, aponta, no entanto, um obstáculo à depravação completa: “A única coisa que retém ainda é o medo da opinião, do escândalo, da impressão; no dia em que este salutar receio diminuir, ou por cair em descrédito ou por o impulso da paixão ser mais forte – a Inglaterra voltará aos tempos mais devassos da sua história, e repetir-se-á a época fatal dos Stuarts”.⁵⁸

A crítica feroz à sociedade inglesa fica registada em várias das suas cartas de Inglaterra e nota-se que Eça de Queirós é, claramente contrário à influência inglesa no mundo sob o seu domínio e influência, vincando bem o seu espírito anti-imperialista: “Da Inglaterra pode-se dizer que – ao contrário da generosa França – as suas virtudes só a ela aproveitam e os seus vícios contaminam o mundo”⁵⁹.

Nesta passagem de uma das suas cartas de Inglaterra, Eça não pode ser mais claro na sua indignação pelo imperialismo inglês: “Estão em toda a parte! O século XIX vai findando, e tudo em torno de nós parece monótono e sombrio – porque o mundo se vai tornando inglês.

⁵⁶ Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres, pag 248

⁵⁷ Idem

⁵⁸ Idem

⁵⁹ Idem, pag 158

Por mais desconhecida e inédita nos mapas que seja a aldeola onde se penetre; por mais perdido que se ache num obscuro recanto do universo o regato ao longo do qual se caminhe – encontra-se sempre um inglês, um vestígio de vida inglesa! Sempre um inglês! Inteiramente inglês, tal qual como saiu da Inglaterra, impermeável às civilizações alheias, atravessando religiões, hábitos, artes culinárias diferentes, sem que se modifique num só ponto, numa só prega, numa só linha o seu protótipo britânico. Hirtos, escarpados, talhados a pique, como as suas costas do mar, ai vão querendo encontrar por toda a parte o que deixaram em Regent Street, e esperando pale-ale e roast-beef no deserto de Petreia; vestindo no alto dos montes sobrecasaca preta ao domingo, em respeito à Igreja Protestante, e escandalizados que os indígenas não façam o mesmo; recebendo nos confins do mundo o Times ou o seu Standard, e formando a sua opinião, não pelo que vêem ou ouvem ao redor de si, mas pelo artigo escrito em Londres; impelindo sempre os passos para a frente, mas com a alma voltada sempre para trás, para o home; abominando tudo o que não é inglês e pensando que as outras raças só podem ser felizes possuindo as instituições, os hábitos, as maneiras que os fazem a eles felizes na sua ilha do Norte! Estranha gente, para quem é fora de dúvida que ninguém pode ser moral sem ler a Bíblia, ser forte sem jogar o críquete e ser gentlemen sem ser inglês!”⁶⁰

Eça de Queirós tem a convicção de que esta forma de estar no mundo por parte da Inglaterra e dos ingleses não é apreciada pelos outros povos. E não tem dúvidas das reações dos outros: “E é isto que os torna detestados”⁶¹.

Iremos concluir este capítulo, acrescentando alguns trechos de um texto que Eça de Queirós publicou no Districto de Évora no mês de maio de 1867, e que ilustra muito bem o conceito da sociedade inglesa sobre a igualdade dos direitos dos seus cidadãos, e da forma como estavam estruturadas as várias classes sociais: “Chega um trem à estação de Londres, aproximam-se os empregados das carruagens de 1ª classe, tiram o chapéu e dizem: Fazem o favor de dar os bilhetes? Passam para as de 2ª classe e não tiram o chapéu. Os bilhetes se lhes apraz! Vão às de 3ª classe e, economizando palavras, contentam-se em dizer em tom

⁶⁰ Cartas de Inglaterra e Crônicas de Londres, pags 155/156

⁶¹ Idem, pag 156

áspero: Bilhetes!”⁶² ou então “Um lorde embriaga-se e dizem: Sua excelência está de muito bom humor. Embriaga-se um gentleman: Vossa excelência está muito alegre. Emborracha-se um tendeiro: Este homem está bêbedo. Fá-lo um pobre trabalhador: Que borrachão.”⁶³

⁶² Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres, pags 156

⁶³ Districto de Évora, 26 de maio de 1867

II.1.1 – A Inglaterra e o caso irlandês

Mas para Eça não é só nas relações comerciais exteriores que a atuação da Inglaterra é criticável. É-o, ainda mais, na forma como explora e trata os irlandeses. E compreende a revolta irlandesa contra os grandes proprietários ingleses e, pela forma como a analisa, até parece simpatizar com os movimentos dos revoltosos. Porque emanam e se apoiam no povo? Porque é uma revolta dos pobres contra os poderosos? Talvez pelas duas razões, já que na análise de outros conflitos, envolvendo ou não ingleses, Eça de Queirós aparece a apoiar sempre os mais fracos. Como apoia Portugal perante Espanha e Inglaterra. “Na Irlanda há grande agitação por causa do fenianismo.⁶⁴ A Inglaterra vai reconhecendo que o fenianismo não é um fantasma. A resolução da questão pode trazer complicações com a América. É isso que a Inglaterra não quer.”⁶⁵

Eça de Queirós lembra o papel que o elevado número de emigrantes irlandeses na América desempenha no financiamento do conflito com a Inglaterra, face à sua influência na economia americana: “A questão do fenianismo está vital e prometedora. .../...A Irlanda jurou libertar-se, e há certos desejos sagrados dos povos que são fatais, e mais cedo ou mais tarde se vêm a realizar.”⁶⁶

Eça, para provar que o movimento era contra as injustiças praticadas diariamente pela Inglaterra na Irlanda, e não deixava ninguém indiferente, chegando a todas as classes sociais irlandesas, incluindo o poderos clero, traz ao conhecimento dos leitores do periódico eborense, informação de que até esse, normalmente cauteloso clero e, estando quase sempre do lado dos mais poderosos mostra simpatia pelo movimento revolucionário: “Um

⁶⁴ O Movimento Feniano foi formado por grupos de revolucionários que tinham como principal objetivo a criação de uma Irlanda independente através da revolução armada do povo irlandês contra o governo, que a Inglaterra lhes impunha. Foi fundado em Dublin em 1850 (James Stephens e Thomas Clarke Luby criaram a fraternidade republicana irlandesa) e aparece em Nova Iorque em 1858. O nome vem do céltico fianna, nome que corresponde a um bando de guerreiros daquela região. Os ingleses lançaram uma vigorosa e sangrenta ofensiva na Irlanda que, além de causar inúmeros mortos, contribuiu para aumentar o ódio contra os ingleses e fortalecer o movimento nos Estados Unidos onde existia uma grande colónia de imigrantes irlandeses. Outra vertente da revolta irlandesa seria levada a cabo no próprio Parlamento. O principal rosto desta vertente era Charles Stewart Parnell, que assumiu o protesto contra a opressão dos latifundiários, no episódio chamado a guerra das terras. No entanto a independência da Irlanda só seria alcançada em 1922. (<https://pt.wikipedia.org/wiki>)

⁶⁵ Distrito de Évora, 10 de janeiro de 1867

⁶⁶ Idem, 9 de junho de 1867

bispo aconselhou publicamente, num sermão que todos os fiéis seguissem o movimento revolucionário; isto é duplamente expressivo, porquanto os padres católicos tinham-se, até aqui, mostrado adversos ao fenianismo.”⁶⁷

E para acentuar o seu repúdio à atitude inglesa, Eça destaca a forma generalizada como o povo irlandês quer a independência, está disposto a lutar por ela, e como foi fria a reação da Inglaterra perante esse facto: “Na Irlanda, sempre que dois homens se reúnem, conspiram, quando se sentam quatro, apedrejam logo a polícia. Que será, então, quando reconhecerem que são duzentos mil?”⁶⁸ e mais: “Sente-se que os chefes deste movimento, sabendo bem que da Inglaterra nada têm a esperar, estão simplesmente, sob as aparências da legalidade, organizando a insurreição”.⁶⁹

Este agudizar da situação irlandesa levou a que uma pequena parte da elite inglesa tentasse, através da aprovação de uma lei, conceder alguma autonomia à Irlanda. Coube ao ministro Gladstone a apresentação do projeto ao Parlamento: “... passou aos aplausos da Câmara dos Comuns. Mas escuso de acrescentar que a Câmara dos Lordes, essa augusta e gótica assembleia de senhores semifeudais, o rejeitou com horror, como a obra mesma do liberalismo satânico.”⁷⁰ As consequências desta rejeição não se fizeram tardar: “E desde então a Irlanda prepara-se ardentemente para a insurreição. Apesar dos cruzeiros que vigiam a costa, todos os dias há desembarques de armas. O dinheiro e os voluntários afluem da América.”⁷¹

E Eça, para melhor ilustrar o implacável e pérfido comportamento inglês face às dificuldades e à fome vividas pelos irlandeses, realça o episódio em que a rainha Vitória se opôs a um apoio substancial por parte dos Otomanos, perante as dificuldades que o povo irlandês passava.⁷²

⁶⁷ Districto de Évora, 10 de janeiro de 1867

⁶⁸ Cartas de Inglaterra e Crônicas de Londres, pag 13

⁶⁹ Idem

⁷⁰ Idem, pag 14

⁷¹ Idem

⁷² O Sultão Abdul Medjid I quis ajudar o povo Irlandês para diminuir os danos mortais desta tragédia humana. Declarou a sua intenção de lhes enviar 10 000 libras. Mas a rainha Vitória requereu que o sultão enviasse apenas 1000 libras, já que ela havia enviado somente 2000. O Sultão enviou as 1000 libras e, secretamente,

A tudo isto respondem os irlandeses, segundo Eça, com revolta e apelando à luta armada: “ Dizem-nos a cada momento: sede justos, pagai ao lorde, pagai ao senhorio. E citam-nos a palavra divina: dai a César o que é de César! Houve só um homem, Brutus, que deu a César o que a César era devido, um punhal através do coração.”⁷³ Transcreve o jornal Standard como tendo publicado que “É doloroso pensar que no próximo Inverno, para manter a integridade do Império, a santidade da lei e a inviolabilidade da propriedade, nós teremos de ir, com o coração negro de dor, mas a espada firme na mão, levar à Irlanda, à ilha irmã, à ilha bem-amada, uma necessária exterminação.”⁷⁴ Esta era uma frase que, segundo Eça, traduzia fielmente a forma como o poder inglês, respondia. Com uma força e uma violência desmedidas, aos justos anseios dos irlandeses.

Creemos que os exemplos apontados ilustram o julgamento que Eça de Queirós fazia do comportamento da Inglaterra face às aspirações irlandesas. Transcrevemos apenas mais dois exemplos retirados de “Cartas de Inglaterra” para conclusão deste capítulo: “... e todavia, para não perturbar os interesses tirânicos de um milhar de ricos proprietários, deixa na miséria quatro milhões de homens. Tem o território irlandês ocupado militarmente. Apenas um patriota começa a ter influência na Irlanda, prende-se o patriota”⁷⁵ e para que não reste qualquer dúvida para a sua compreensão e, até, o seu apoio à revolta irlandesa: “Há também outra coisa que se percebe bem: é que a população trabalhadora da Irlanda morre de fome, e que a classe proprietária, os lan-lords, indigna-se e reclama o auxílio da polícia inglesa quando os trabalhadores manifestam esta pretensão absurda e revolucionária: comer.”⁷⁶

três navios cheios de alimentos. Inglaterra ainda tentou bloquear os navios e os alimentos foram deixados na Baía de Drogheda. O povo Irlandês ficou muito agradecido ao Sultão e ainda hoje, a brasão da cidade Drogheda tem um símbolo de uma lua e estrela para comemorar esta amizade que começou entre dois povos. (<https://pt.wikipedia.org/wiki>)

⁷³ Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres, pag 15

⁷⁴ Idem

⁷⁵ Idem, pag 73

⁷⁶ Idem, pag 75

II.1.2 – A Inglaterra e o Afeganistão

Já vimos que Eça de Queirós era um defensor das colónias, mas em determinadas condições, diferentes da forma como a Inglaterra explorava o seu vasto Império, e, em particular, as suas possessões no oriente.

Perante a escalada de insurreição que se vivia paredes meias com a Índia, no Afeganistão, Eça não podia deixar de tecer fortes críticas na análise à resposta inglesa, também aqui, violenta mas, segundo o cronista e diplomata, com aspetos caricaturais. Senão vejamos, não sem antes deixarmos um pequeno registo da crítica queirosiana ao colonialismo inglês e à incapacidade que os ingleses tinham em relacionar-se com outras culturas: “Mas quando eles trabalham sobre antigas civilizações como a da Índia, onde existem artes, costumes, literaturas, instituições, em que uma grande raça pôs toda a originalidade do seu génio, então a política anglo-saxónica repete pouco mais ou menos o sacrilégio de um atentado de quem desmantelasse um templo budista belo como um sonho de Buda, para lhe dar na sua reconstrução as linhas hediondas do Stock Exchange de Londres.”⁷⁷

Logo na primeira Carta de Inglaterra, Eça de Queirós aborda o caso afegão, e a incapacidade dos ingleses, na sua opinião, para respeitar os povos com quem, ao longo da sua história, vão estabelecendo contato: “Os ingleses estão experimentando, no seu atribulado império da Índia, a verdade desse humorístico lugar-comum do século XVIII: A História é uma velhota que se repete sem cessar.”⁷⁸ Acrescenta, para que se perceba melhor: “Em 1847, os ingleses invadem o Afeganistão, e aí vão aniquilando tribos seculares, desmantelando vilas, assolando searas e vinhas. Apossam-se, por fim, da cidade santa de Cabul. Sacodem do serralho um velho emir apavorado; colocam lá outro de raça mais submissa, que já trazem preparado nas bagagens, com escravas e tapetes. E logo os correspondentes dos jornais têm telegrafado a vitória”⁷⁹, e recorda anteriores campanhas inglesas naquela parte do mundo: “A esse tempo, precisamente como em 1847, chefes enérgicos, messias indígenas, vão percorrendo o território e, com grandes nomes de Pátria e Religião, pregam a guerra santa.

⁷⁷ Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres, pag 157

⁷⁸ Idem, pag 7

⁷⁹ Idem

As tribos reúnem-se, as famílias feudais correm com os seus troços de cavalaria, príncipes rivais juntam-se no ódio hereditário contra o estrangeiro, o homem vermelho, e em pouco tempo é todo um rebrilhar de fogos de acampamentos no alto das serranias, dominando os desfiladeiros que são o caminho e a entrada da Índia.”⁸⁰

Mas, ainda que poderoso, o exército inglês além de invasor é cruel, imperialista e nem sempre adaptado ao terreno onde as batalhas se desenrolam: “O grosso do exército inglês, à volta de Cabul, atravancado de artilharia, escoando-se espessamente por entre as gargantas das serras, no leito seco das torrentes, com as suas longas caravanas de camelos, aquela massa bárbara rola-lhe em cima e aniquila-o”⁸¹.

Eça recorda que não é a primeira vez que a Inglaterra passou por esta situação, naquela parte do Império e compara, sem grandes dúvidas do desfecho final: “Foi assim em 1847, é assim em 1880 .../... Os afegãos correm, põem o cerco, cerco lento, cerco de vagares orientais. O general sitiado, que nessas guerras asiáticas pode sempre comunicar, telegrafa ao vice-rei da Índia, reclamando com furor reforços, chá e açúcar! (Isto é textual; foi o general Roberts que soltou há dias este grito de gulodice britânica. O inglês sem chá bate-se frouxamente)”⁸²

Vejamos a forma, diríamos quase jocosa, como Eça descreve a resposta inglesa: “Então o governo da Índia, gastando milhões de libras como quem gasta água, manda a toda a pressa fardos disformes de chá reparador, brancas colinas de açúcar e dez ou quinze mil homens. De Inglaterra partem esses negros e monstruosos transportes de guerra, arcas de Noé a vapor, levando acampamentos, rebanhos de cavalos, parques da artilharia, toda uma invasão temerosa.... Foi assim em 47, assim é em 1880 .../... começa uma marcha assoladora, com cinquenta mil camelos de bagagens, telégrafos, máquinas hidráulicas e uma cavalgada eloquente de correspondentes de jornais”⁸³. Com esta observação, Eça de Queirós destaca o papel propagandístico da imprensa inglesa. Retrata a forma de atuação do exército inglês: “Uma manhã avista-se Candaar ou Gasnat e num momento é aniquilado, disperso no pó da

⁸⁰ Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres, pag 8

⁸¹ Idem

⁸² Idem

⁸³ Idem, pag 9

planície, o pobre exército afegão com as suas cimitarras de melodrama”⁸⁴, numa alusão às diferenças no armamento usado pelos dois exércitos em confronto e às difíceis condições em que se desenrolavam as batalhas.

Para Eça estas vitórias, ainda que temporárias e até à inevitável derrota final, serviam para alimentar a prosápia e o orgulho ingleses. Era-lhes dado grande destaque na influente imprensa londrina que as pintava de feitos heróicos para demonstrar a excelência dos exércitos britânicos: “A façanha é por toda a Inglaterra popularizada numa estampa, em que se vê o general libertador e o general sitiado apertando a mão com veemência, no primeiro plano, entre cavalos empinados e granadeiros belos como Apolos, que expiram em atitude nobre! Foi assim em 1847 e será assim em 1880.”⁸⁵

Mas Eça considera que nem nas vitórias os ingleses sabem ser dignos e nunca deixam de mostrar o que pensam ser a sua superioridade sobre os outros povos, embora depois de mortos tenham o mesmo tratamento. E escreve: “No entanto, em desfiladeiro e monte, milhares de homens, que ou defendiam a pátria ou morriam pela fronteira científica, lá ficam, pasto de corvos, o que não é no Afeganistão, uma respeitável imagem de retórica: são os corvos que nas cidades fazem as limpezas das ruas, comendo as imundícies e em campos de batalha purificam o ar, devorando os restos das derrotas”⁸⁶. E tudo isto para quê? “E de tanto sangue, tanta agonia, tanto luto, que resta no fim? Uma canção patriótica, uma estampa idiota, nas salas de jantar, mais tarde uma linha de prosa numa página de crónica... Consoladora filosofia das guerras!”⁸⁷

Como já referimos, para Eça, os ingleses nem terão muito tempo para festejar a aparente vitória sobre os valorosos guerreiros afegãos, já que no futuro é previsível que a situação se repita com outros generais, com outros chefes tribais, mas no mesmo cenário e com as mesmas justificações: “No entanto a Inglaterra goza, por algum tempo, a grande vitória do Afeganistão com a certeza de ter de recomeçar daqui a dez ou quinze anos, porque nem pode conquistar e anexar um vasto reino, que é grande como a França, nem pode consentir,

⁸⁴ Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres, pag 9

⁸⁵ Idem

⁸⁶ Idem

⁸⁷ Idem

colados à sua ilharga, uns poucos de milhões de homens fanáticos, batalhadores e hostis. A política é, portanto, debilitá-los periodicamente com uma invasão arruinadora.”⁸⁸

E Eça para terminar não pode deixar de amesquinhar a sociedade inglesa: “São as fortes necessidades de um grande império. Antes possuir apenas um quintalejo, com uma vaca para o leite e dois pés de alface para as merendas de Verão...”⁸⁹

⁸⁸ Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres, pag 9

⁸⁹ Idem, pag 10

II.1.3 - A Inglaterra e o Egito

Nas *Cartas de Inglaterra*, Eça de Queirós critica a sociedade inglesa, apontando pormenores em que o ridículo sobressai, mas também a relação imperialista de Inglaterra com outros países, como já vimos no caso da Irlanda e do Afeganistão. Não deixa também de abordar, criticamente, o comportamento imperialista e desumano dos ingleses no Egito.

Para descrever um triste acontecimento, quando os navios de guerra ingleses bombardearam e arrasaram completamente a histórica cidade de Alexandria, começa por nos descrever a cidade antes desse bombardeamento: “Até há cinco ou seis semanas Alexandria podia ser descrita no estilo convidativo dos *Guias* de viajantes como uma rica cidade de duzentos e cinquenta mil habitantes, entre europeus e árabes, animada, especuladora, próspera, tornando-se rapidamente uma Marselha do Oriente.”⁹⁰

Mas para o retrato ser mais completo, Eça acrescentava: “Alexandria, com a sua baía atulhada de paquetes, de navios mercantes e de navios de guerra; com os seus cais cheios de fardos e de gritaria, os seus grandes hotéis, as suas bandeiras flutuando sobre os consulados, os seus enormes armazéns, os seus centenares de tipóias descobertas, os seus mil cafés-concertos e os seus mil lupanares; com as suas ruas, onde os soldados egípcios, de fardeta de linho branco, davam o braço à marujada de Marselha e de Liverpool, onde as filas de camelos, conduzidos por um beduíno de lança ao ombro, embarçavam a passagem dos trâmueis americanos, onde os xeques, de turbante verde, trotando no seu burro branco, se cruzavam com as caleches francesas dos negociantes, governadas por cocheiros de libré – Alexandria realizava o mais completo tipo que o mundo possuía de uma cidade levantina, e não fazia má figura, sob o seu céu azul ferrete, como a capital comercial do Egito e uma Liverpool do Mediterrâneo.”⁹¹

Lamentavelmente, em pouco mais de um mês a imagem de Alexandria modificou-se completamente, devido à intervenção injustificada da esquadra inglesa, uma vez mais o garante da manutenção de uma Inglaterra imperialista: “Isto era assim há cinco ou seis

⁹⁰ *Cartas de Inglaterra - os ingleses no Egito*

⁹¹ *Idem*

semanas. Hoje, à hora em que escrevo, Alexandria é apenas um imenso montão de ruínas. Do bairro europeu, da famosa Praça dos Cônsules, dos hotéis, dos bancos, do escritórios das companhias, dos cafés-lupanares, resta apenas um confuso entulho sobre o solo e, aqui e além, uma parede enegrecida que se vai aluindo. Pela quarta vez na história, Alexandria deixou de existir.”⁹²

Só que agora não tinha sido por ordem de nenhum Deus, nem pela invasão de algum povo bárbaro e sanguinário. Pelo contrário, tinham sido os poderosos canhões dos couraçados do país mais avançado do mundo: “Mas desta vez não foi Jeová. Foi simplesmente o almirante inglês Sir Beauchamp Seymour, em nome da Inglaterra e usando com vagar e método, por ordens do governo liberal do Sr. Gladstone, os seus canhões de oitenta toneladas.”⁹³

Vamos tentar explicar, em poucas palavras, os acontecimentos relatados por Eça de Queirós. Um grupo de coronéis comandados por Arabi Bei, que seria, brevemente, o famoso Arabi Paxá, apresentou-se no palácio a pedir ao quediva reformas urgentes que acabassem com a humilhante situação de, para qualquer emprego, os egípcios serem preteridos por estrangeiros e só lhes estarem reservados os trabalhos mais baixos numa escala social. Defendia, também, e pasme-se, que se criassem condições em que fosse possível pagar a enorme dívida externa, sem hipotecar qualquer forma de possível desenvolvimento do país.⁹⁴ Dívida que tinha sido contraída junto dos países ricos da Europa, para uma tentativa

⁹² Cartas de Inglaterra - os ingleses no Egipto

⁹³ Idem

⁹⁴ “Quais eram as reformas de Arabi? Queria, em primeiro lugar, o fim da autoridade absoluta do quediva e o Egipto governado por uma assembleia eleita; uma reforma radical no uso dos dinheiros públicos, que até aí iam em grande parte, para pagar os cupões de dívida em Paris e Londres, ficando tão pouco para as necessidades do país que havia dois anos que quase se não dava soldo ao exército! Arabi não negava a dívida externa, somente não admitia que a França e a Inglaterra estivessem instaladas no Cairo, à boca dos cofres, esperando a chegada do imposto para empolgar uma parte leonina. Mas o ponto delicado das reformas de Arabi era quando tocavam com a situação dos estrangeiros do Egipto. Arabi exigia que se abolisse o privilégio pelo qual os estrangeiros estabelecidos no Egipto e enriquecendo no Egipto não pagavam imposto. Queria que não houvesse tribunais de excepção para os estrangeiros, que, sob o nome de tribunais mistos, distribuem duas justiças – uma de mel para o europeu, outra de fel para o árabe. Pretendia que os empregos públicos não fossem dados exclusivamente a estrangeiros – e que se não pagassem anualmente, como se pagavam, mais de três mil contos de bom dinheiro egípcio a franceses, ingleses e italianos repoltreados em sinecuras em todas as repartições do vale do Nilo, e quase todos tão úteis ao Estado como aquele inglês que, com uma carta de recomendação de Lord Palmerston, foi nomeado coronel do exército egípcio e ao fim de nove anos, depois de ter recebido perto de oitenta contos de soldos, ainda não tinha visto o seu regimento e ainda mesmo não tinha uniforme!” (Cartas de Inglaterra – Os ingleses no Egipto)

de industrialização encomendada pelos mesmos países que, simultaneamente, eram os fornecedores da maquinaria e dos técnicos para assegurar o funcionamento da mesma.

O resultado seria a sua prisão e uma revolta do exército que cercou o palácio e exigiu a sua libertação, que viria a acontecer de imediato, com o acrescento da atribuição do Ministério da Guerra. As potências ocidentais, com a Inglaterra à frente, fizeram notar o seu desacordo mantendo uma forte armada no porto de Alexandria, que fica longe do Cairo, onde tudo acontecia.

Diz-nos Eça de Queirós: “O primeiro episódio oriental que eu vi, ao desembarcar há doze anos em Alexandria, foi este: no cais da alfândega, faiscante sob a luz tórrida, um empregado europeu – europeu pelo tipo, pela sobrecasaca, sobretudo pelo boné agalado – estava arrancando a pele das costas de um árabe, com aquele chicote de nervo de hipopótamo que lá chamam curbaxe e que é no Egipto o símbolo oficial da autoridade.”⁹⁵

Vamos ao episódio funesto de 11 de junho, em Alexandria. Nesta data há um movimento de revolta e os acontecimentos são assim descritos por Eça de Queirós: “Na manhã do dia 11, na Rua das Irmãs, uma das mais ricas do bairro europeu, um inglês, por um velho hábito, deu chicotadas num árabe; mas, contra todas as tradições, o árabe replicou com uma cacetada. O inglês fez fogo com um revólver. Daí a pouco o conflito entre europeus e árabes, em pleno furor, tumultuava por todo o bairro... Isto durou cinco horas – até que, por ordens telegrafadas do Cairo, a tropa, até aí neutral, acalmou as ruas. E o resultado, bem inesperado mas compreensível, desde que se sabe que os árabes só tinham cacetes e que os europeus tinham carabinas – foi este: perto de cem europeus mortos, mais de trezentos árabes dizimados. Os jornais têm chamado a isto o massacre dos cristãos: eu não quero ser por modo algum desagradável aos meus irmãos em Cristo, mas lembro respeitosamente que isto se chame a matança dos muçulmanos.”⁹⁶

Arabi Paxá, correu a Alexandria, estabeleceu tribunais marciais para fossem julgados os autores dos massacres. Propôs, também que os tribunais fossem compostos por juizes locais

⁹⁵ Cartas de Inglaterra – Os ingleses no Egipto

⁹⁶ Idem

e oficiais ingleses. “Note-se que se não tratava, nem por sombras, de punir os europeus que tinham mandado trezentos muçulmanos desta terra de misérias para o paraíso de Alá; mas somente os muçulmanos suspeitos de terem posto mãos violentas sobre cristãos.”⁹⁷

A Inglaterra não aceitou. O que lhe convinha era transmitir que havia uma anarquia generalizada, justificando uma intervenção militar. Era a grande oportunidade do controle imperialista dos caminhos para a sua Índia: “E, feito isto, ficava realizado o grande sonho britânico: posse absoluta da estrada das Índias: John Bull fazendo sentinela a todas as portas sucessivas que conduzem ao seu império do Oriente: à entrada do Mediterrâneo, Gibraltar e o seu rochedo inexpugnável; no Mediterrâneo, Malta e Chipre, duas ilhas, dois colossais depósitos de guerra; à entrada do canal, Port Said; ao fim do canal e à boca do mar Vermelho, Suez; à beira do golfo Pérsico, Adem; e daí por diante as suas esquadras varrendo os mares...”⁹⁸

Perante a ameaça da Inglaterra, Arabi Paxá, organizou a sua defesa, fortalecendo a artilharia dos fortes de Alexandria e mandou instalar novas baterias, na costa. Estava arranjado o falso motivo para uma intervenção inglesa: “E assim foi que uma noite – noite venturosa para o Governo do Sr. Gladstone! – a esquadra descobriu dois soldados limpando um velho canhão! Que alívio para a Inglaterra! Imediatamente o almirante Seymour mandou este ultimato a Tulba Paxá, governador da cidade: dentro de vinte e quatro horas os fortes deveriam ser entregues às tropas inglesas, ou toda a linha de couraçados abriria fogo sobre Alexandria.”⁹⁹

Temos dúvidas que fosse possível descrever com mais realismo, ironia e crítica acutilante do que como Eça o fez: “A véspera do bombardeamento foi dramática. O almirante Seymour fez sair da baía todos os navios mercantes; e depois, com a usual etiqueta, convidou os navios de guerra de outras nações a fazerem-se ao largo, levando para fora da linha de fogo a neutralidade das suas bandeiras. Essa longa procissão de couraçados de toda a Europa, deixando lentamente as águas de Alexandria, para que a Inglaterra pudesse livremente

⁹⁷ Cartas de Inglaterra – Os ingleses no Egipto

⁹⁸ Idem

⁹⁹ Idem

cometer o seu atentado – é descrita pelos correspondentes ingleses como cheia de solenidade e de cerimonial. As salvas sucediam-se; uns aos outros cortejavam-se os pavilhões de almirantes.”¹⁰⁰

Ao contrário do que o almirante Seymour previra, o desmantelamento de todos os fortes de Alexandria em duas horas, a resposta dos egípcios durou mais nove horas. Por fim das muralhas de Alexandria só restava um amontoado de blocos de granito. Arabi Paxá abandonara Alexandria, levando o grosso do exército. Só que a população muçulmana, enfurecida pelo bombardeamento, tinha tomado os bairros europeus – e incendiou-os, saqueou-os, matando quem aparecia.

Eça não tem dúvidas em atribuir responsabilidades. “À Inglaterra cabe a responsabilidade da catástrofe. As bombas do almirante talvez, com efeito, não tivessem arrasado mais que alguns casebres árabes; mas à imprevidência do Governo se deve a ruína de Alexandria. Por outro lado, a quem aproveitava o incêndio? À Inglaterra. O pretexto de que os fortes punham em perigo os couraçados britânicos só autorizava, perante os escrúpulos da Europa, a destruir os fortes, não a ocupar a cidade. Agora, porém, que ela estava em chamas, abandonada à anarquia, à pilhagem, ao ataque das hordas beduínas que vinham do deserto – agora ela tinha o direito – mais, ela tinha o dever! – de desembarcar e ir salvar de uma total aniquilação tanta riqueza, tão esplêndido centro de comércio!...”¹⁰¹

Tinha-se dado início a mais uma agressão do imperialismo inglês, desta vez, a um país que tinha sido berço de uma das civilizações mais avançadas dessa época, e que agora pagava com língua de palmo o facto de ter querido decidir o seu futuro: “Os Ingleses recebiam incessantes reforços de casa e da Índia. Arabi chamava à guerra contra os Ingleses todo o povo felá. A Inglaterra preparava uma invasão; Arabi organizava uma grande defesa nacional. Nada mais claro. A questão é entre a Inglaterra, procurando estabelecer um protectorado sobre o Egipto, arrancar-lhe as cidades estratégicas que dominam o canal, e Arabi Paxá, um patriota que quer o Egipto para os Egípcios, que receia a protecção do

¹⁰⁰ Cartas de Inglaterra – Os ingleses no Egipto

¹⁰¹ Idem

estrangeiro como a pior desgraça de um país fraco e que entende que, pelo facto de que Alexandria, Port Said e Suez se acham desgraçadamente no caminho da Índia, não é motivo para que se tornem guarnições inglesas.”¹⁰²

Mas Eça de Queirós, aproveita a situação criada, para mostrar a ineficácia da Europa, quando confrontada com agressões de nações mais poderosas e o seu desprezo pela independência dos povos: “Concentrada a questão entre uma poderosa nação invasora e um patriota que defende o seu solo – a Europa tomou logo a sua tradicional atitude: isto é, murmurou algumas palavras de branda admoestação e depois recuou para longe a observar como um braço forte sabe usar da sua força, a estudar como se consuma a espoliação de um fraco.”¹⁰³

E recorda o que tem sido a apatia e incapacidade da Europa para qualquer intervenção dissuasora, perante os desmandos dos países mais poderosos, eles próprios os decisores da política internacional no continente europeu: “Nos últimos quinze anos, a Prússia roubou a Dinamarca, e depois foi pela Alemanha saqueando reinos e grão-ducados; em seguida, desmembrou a França; mais tarde a Rússia espatifou a Turquia; há dois anos, subitamente, a República Francesa caiu sobre Tunes, e empolgou esse desventurado estado barbaresco. Em cada um destes casos a Europa comportou-se como um coro das óperas de antiga escola, quando membrudo barítono, aí pelo quarto acto, erguia o ferro sobre o tenor gentil e magrizela: o coro adianta-se, modula uma larga frase, agita os braços em cadência, faz o comentário amargo da acção, brada talvez: «Suspendei!» Depois, afastando-se em grande compostura, deixa à boca da cena o tirano barbudo sondando tranquilamente com a ponta da lâmina o interior do galã...”¹⁰⁴

Eça de Queirós conclui de forma muito clara: “Não falemos mais na Europa. Não há, nunca houve Europa, no sentido que esta palavra tem em diplomacia.”¹⁰⁵

¹⁰² Cartas de Inglaterra – Os ingleses no Egipto

¹⁰³ Idem

¹⁰⁴ Idem

¹⁰⁵ Idem

Mostra-se descrente na forma como a Europa observa valores como o respeito que os países mais poderosos devem aos mais fracos, tanto mais que Portugal se encontra entre estes últimos e a Inglaterra começa a dar sinais de pretender redesenhar o mapa de África: “A pequena propriedade política tende a acabar. Toda a terra vai em breve reunir-se nas mãos de quatro ou cinco grandes proprietários... Ontem, era Tunes – porque a França necessita proteger a fronteira da Argélia. Hoje, é o Egipto, porque a Inglaterra precisa assegurar o caminho da Índia. Amanhã, será a Holanda – porque a Alemanha não pode viver sem colónias. Depois, a Sérvia – por motivos que a seu tempo a Áustria dirá. Mais tarde, a Roménia – porque a Rússia é forte. Depois, a Bélgica – porque sim. Depois... Este assunto é lúgubre. Voltemos ao vale do Nilo!”¹⁰⁶

Depois de se ter pronunciado, como vimos, desfavoravelmente à intervenção inglesa no Egipto, Eça, compara esta atitude a outras anteriormente realizadas, mas, por aqueles que a Inglaterra considerava indignos: “O bombardeamento de uma cidade egípcia estando a Inglaterra em paz com o Egipto, parece-se singularmente com a política primitiva do califa Omar ou dos imperadores persas, que consistia nisto: ser forte; cair sobre o fraco, destruir vida e empolgar fazenda. Donde se vê que isso a que se chama aqui a «política imperial de Inglaterra» ou «os interesses da Inglaterra no Oriente», pode levar um ministro cristão a repetir os crimes de um pirata muçulmano, e o Sr. Gladstone, que é quase um santo, a comportar-se pouco mais ou menos como Ben-Amon, que era inteiramente um monstro.”¹⁰⁷

¹⁰⁶ Idem

¹⁰⁷ Idem

II.2 – A Espanha

Neste capítulo do nosso estudo, iremos debruçarmo-nos sobre as opiniões de Eça de Queirós em relação a Espanha e à sua análise sobre as relações de vizinhança entre os dois países ibéricos.

O nosso ponto de partida voltará a ser o conjunto dos seus artigos publicados no Distrito de Évora e, consideraremos também, outros registos de Eça de Queirós.

Eça de Queirós, claramente um adversário de qualquer convergência ibérica, prefere juntar a Espanha ao resto da Europa, quer nas crises, quer nas opiniões manifestadas sobre Portugal, mas sem lhe reconhecer qualquer autoridade moral e considerando-as, antes, resultado da jactância espanhola. Tanto mais que o resto da Europa começa a mudar: “A França começa a ter a consciência do seu abaixamento moral; a Itália está na véspera da vida nova e da revolução social; na Inglaterra vinte mil operários, toda uma população do trabalho, forte e honrada, faz serenamente, invocando a justiça e cantando a Marselhesa, a reforma da sua Constituição”¹⁰⁸.

Mas também no outro lado da Europa as coisas não andam bem: “na Rússia, vasta força sem alma, bárbara e terrível, ainda sob o peso da autocracia, uma geração com os olhos postos na raça latina, procurando aflita o caminho do bem e do direito.”¹⁰⁹ Eça, que por vezes é apelidado de pessimista acredita no futuro da Europa, pois vê sinais animadores, pelo menos nos círculos fora do poder: “ Assim, por toda a Europa, sob o mundo oficial reluzente e ruidoso, move-se a geração formosa e sã que trará o novo mundo económico – e virá, à clara luz da história, tomar as livres atitudes da Justiça e da Verdade.”¹¹⁰

Para Eça, Portugal é maltratado pelos outros países europeus, alinhando a Espanha nas críticas injustas ao nosso país, já que, e citando o Times: “O juízo que de Badajoz para lá se faz de Portugal não nos é favorável... Não falo aqui de Portugal como estado político. Sob esse aspecto, gozamos uma razoável veneração. Com efeito, nós não trazemos à Europa

¹⁰⁸ Distrito de Évora, de 6 de janeiro de 1867

¹⁰⁹ Idem

¹¹⁰ Idem

complicações importunas; mantemos dentro da fonteira uma ordem suficiente; a nossa administração é correctamente liberal; satisfazemos com honra os nossos compromissos financeiros”¹¹¹ Apesar destas qualidades não nos respeitam: “Somos o que se pode dizer um povo de bem ... A Europa reconhece isto; e, todavia, olha para nós com um desdém manifesto. Porquê? Porque nos considera uma nação de medíocres, digamos francamente a dura palavra, porque nos considera uma nação de estúpidos”.¹¹²

Como pode a Espanha tratar Portugal como se fosse superior se é um país onde grassa a desordem e o povo vê os seus direitos muito pouco respeitados: “Onde também se agoniza é na Espanha: aí há a agonia da Constituição; a imprensa francesa levanta-se contra a deportação dos deputados unionistas, esse chamado golpe de Estado do general Narvaez¹¹³ consolidou porventura a força da Constituição?”¹¹⁴

Eça mostra-se verdadeiramente revoltado com o caos e a instabilidade que grassam em Espanha: “O que se tem visto ultimamente na Espanha? Pronunciamentos militares, regimentos revoltados, motins civis. O que se vê hoje? Uma ditadura estéril, embrutecedora, sonolenta; um golpe de Estado, que só é aplicável num caso de crise nacional, a sancionar covardemente vinganças de partidos.”¹¹⁵

¹¹¹ Notas contemporâneas, pag 70

¹¹² Idem

¹¹³ Ramón María Narváez y Campos (1800/1868) foi um político e militar espanhol que desempenhou um importante papel na luta contra a sublevação absolutista da Guarda Real, (julho de 1822). Em 1834 juntou-se aos isabelinos e lutou sempre contra as forças progressistas. Refugiou-se em Paris, durante três anos. Em 1843 regressou a Espanha e, derrotou as tropas de Espartero, perto de Madrid. Promovido a tenente-general sobrevive a um atentado. Quando Isabel II atinge a maioridade, nomeia-o presidente do governo, e foi um dos impulsionadores da Constituição de 1845. A queda de Narváez, a 11 de fevereiro de 1846, deveu-se, fundamentalmente, às desavenças surgidas dentro do governo para a questão do casamento da rainha, ao apoiar o seu matrimónio com o Conde de Trapani. A 16 de março a rainha voltou a chamar Narváez para este ocupar a presidência e os ministérios do Estado e da Guerra. Acabou por ser substituído por Istúriz a 5 de abril. Foi nomeado embaixador em Nápoles, cargo que recusou, e posteriormente em Paris. Voltou a ocupar a presidência do conselho de ministros desde 4 de outubro de 1847 até Janeiro de 1851. As medidas deste novo governo foram a neutralização dos partidos revolucionários, o assentamento das bases para a posterior assinatura e ratificação da Concordata com a Santa Sede e promulgação de um novo código penal (1848). A 14 de janeiro de 1851 apresentou a sua demissão. Após o golpe de Leopoldo O’Donnell foi chamado novamente para formar governo. Entre 1856 e 1868 presidiu três gabinetes ministeriais, tendo exercido uma política repressiva. Faleceu em Abril de 1868. Após o seu falecimento, levou-se a cabo a revolução de 1868 que derrubou Isabel II. (<https://pt.wikipedia.org/wiki>)

¹¹⁴ Distrito de Évora, de 6 de janeiro de 1867

¹¹⁵ Idem

Como vimos, Eça de Queirós retrata um clima de violência em Espanha, traições e desprezo pelo povo espanhol, nada abonatórios para os governantes do país vizinho.

É verdade que nas lutas pelo poder, valia quase tudo e que cheirava a fim de regime. Pelo menos é assim a análise de Eça de Queirós, sempre realçando a pouca importância que as elites atribuíam ao povo: “O que se tem visto é em volta da coroa um embate de pequenas políticas de facções, de vinganças, de represálias; quase que o movimento político de Espanha nada tem tido com o povo: ele conserva-se à parte, sofredor, esmagado, embrutecido, silencioso, esperando; a luta tem sido em redor da rainha, no mundo oficial. Por isso queremos, e é certo que com essas lutas nada tem a liberdade: são zangas de camarilhas, as fardas que as abrandem”¹¹⁶ e clarifica acrescentando: “Os ministros que se sucedem, ontem O’Donnell, hoje Navarez, amanhã González Bravo, são apenas peças de xadrez, que alguém adianta e recolhe para ganhar um jogo: os que foram expulsos, conspiram; os que entraram, reprimem; depois, estes são expulsos também, e vão conspirar para um canto ...”¹¹⁷. Eça de Queirós culpa desta situação, no poderoso país vizinho, os principais protagonistas que, segundo ele, não são dignos dos cargos que desempenham, porque não representam o povo nem por eles foram indicados e, ainda por cima, chegaram a esses cargos pela calúnia e pela conspiração.

Claro que Eça de Queirós culpa, também, toda a corte e os seus mais altos signatários, mas não pode deixar de referir que há algo mais profundo, algo que vem da própria raiz de Espanha, algo que resulta daquela gente, pouco digna de confiança e, afinal, vizinhos dos quais devemos desconfiar: “... alguém na sombra, vestido de preto, move estas criaturas: esse alguém é a alma danada da Espanha; e pesará, e esmagará, até que um dia o povo faça desaparecer, como uma vista de teatro, este mundo oficial cor de sangue que anda pisando a Espanha.”¹¹⁸ Portanto, mais uma vez, Eça é muito crítico em relação às elites que não correspondem aos anseios do povo e dele são maus representantes. Este sentimento de Eça de Queirós perpassa por grande parte das análises que nos deixou.

¹¹⁶ Distrito de Évora, de 6 de janeiro de 1867

¹¹⁷ Idem

¹¹⁸ Idem

Mas Eça não pode deixar de se referir com ironia, diríamos mesmo, jocosamente às pretensas qualidades heróicas de que os espanhóis se julgam os mais fiéis depositários do mundo: “A Hespanha é hoje, na Europa, a última nação heroica; pelo menos é a última onde os homens publicamente, e nas cousas publicas, se comportam com aquella arrogancia, e bravura estridente, e magnifica imprudencia, e soberba indiferença pela vida, e desdem idealista de todos os interesses, e promptidão no sacrificio, que constituem, ou nos parecem constituir, o typo heroico (porque nem os diccionarios nem as psychologias estão bem d’acordo sobre o que é um heroe)”¹¹⁹.

Para nos mostrar um episódio onde esse sentimento de medieval heroísmo prespassa, Eça de Queirós, relata um ataque de que foi vítima o marechal Martinez Campos (a forma como o episódio nos é descrito, dá para imaginarmos o militar vergado ao peso das medalhas, que os militares do nosso país vizinho fazem questão de ostentar em toda e qualquer circunstância, servindo muitas vezes para a sátira): “O velho general está passando uma revista n’uma praça de Barcelona, cercado de officiaes e de populares, que em Hespanha se misturam sempre familiarmente aos estados-maiores. De repente um rapazola de vinte anos, um anarchista, atravessa o grupo, desata tranquillamente, e de cigarro na bocca, as pontas de uma pequena trouxa, e atira sobre o marechal uma bomba de dynamite. Ha uma horrenda explosão, uma nuvem de pó e de estilhas, gritos, todo o tropel e tumulto de uma catastrophe. Mas uma grande voz resôa, uma voz de commando, serena e quasi risonha. É Martinez Campos, de pé, coberto de sangue, que brada com a mão no ar: *No és nada, no és nada!!* O seu cavallo jazia despedaçado n’uma poça de sangue. Em torno, no chão escavado pela bomba, estão cahidos uns poucos de officiais e de populares, mortos ou terrivelmente feridos e gemendo. O marechal tem a farda em farrapos, donde pinga sangue. E, todavia, indignado que se erga tanto alarido por causa de uma bomba, continua a encolher os hombros, a gritar: *Pero si no és nada, hombre, si no és nada!*”¹²⁰

Mas não é só o velho marechal que aspira a vestir o fato de herói. Também o rapazola bombista aspira a esse patamar: “Mais adeante sôa outro grito ainda mais alto. É o do

¹¹⁹ Echos de Pariz, pag. 121

¹²⁰ Idem, pag.122

rapazola, o anarquista, que agita o bonnet, berra em triumpho: *Fui eu! Fui eu!* Tem vinte annos, acaba de commetter um crime que o levará á forca, e está ancioso por que todos saibam que *foi elle, só elle!* Não vá outro ser preso, roubar-lhe alli deante do povo, deante de todas aquellas mulheres, a glória do seu feito anarquista! Através do terror, da confusão, podia fugir. Mas quê! Perder todo o prestigio que lhe cabe pela sua façanha? Não! Por isso bate no peito, chama os gendarmes, brada: «Fui eu! Fui eu!» E quando o prendem, vae pelas ruas, já de mãos amarradas, clamando ainda com orgulho para as janellas cheias de gente que *fôra elle, só elle!* Ao mesmo tempo, por outra rua, vae o velho marechal, em braços, meio desmaiado, continuando a sorrir e a affirmar que *no és nada, que no és nada!*¹²¹

Convenhamos que era difícil descrever com mais realismo e ironia um episódio que melhor retratasse a prosápia espanhola, o autoconvencimento de serem uma raça superior e única.

¹²¹ Echos de Pariz, pag. 123

II.2.1 – Portugal e Espanha

Eça de Queirós sabe bem que, mesmo que isso desagradasse a muitos portugueses, Portugal Continental só tinha como vizinhos o Oceano Atlântico e Espanha. Não podia viver ignorando-os.

Mostrando descrença pelas monarquias (é bom não esquecer a profunda admiração que nutria por esse “ser superior” como ele considerava ser Antero de Quental), era suficientemente realista para considerar necessária alguma cooperação entre os povos ibéricos, mas sempre tendo em vista, na sua opinião, alcançar uma forma de governo mais democrática e com outros e melhores protagonistas. “Em presença da triste situação em Espanha, da nossa decadência, dos movimentos políticos da Europa, do fundo trabalho de reconstrução, do abalo geral das Cartas e dos Tronos, em presença de uma nova época democrática e económica, dois países como Espanha e Portugal, tão vizinhos, tão conchegados, não podiam deixar de pensar na sua atitude futura e recíproca.”¹²²

Mas sempre desconfiado com as atitudes de espanhóis, apresenta as suas razões e acrescenta: “Ora como os espanhóis dizem – e a alguns emigrados o ouvi eu – que não pensam em nós; nós, mais modestos, com mais vagar e mais curiosos, pensamos na Espanha.”¹²³

Havia em Portugal uma corrente, bem representada no governo, que defendia uma grande cooperação com Espanha, o que, para Eça de Queirós, não se justificava, analisando as políticas seguidas pelos dois países ao longo da sua história.

A propósito de um discurso do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Casal Ribeiro, em que este traçava as linhas mestras do relacionamento entre os dois países vizinhos, Eça argumenta que uma verdadeira aliança não pode ter como base pressupostos errados e que os que eram apontados pelo ministro, para justificar uma aliança entre Portugal e a Espanha, não correspondiam à realidade e esta até desaconselhava tal aliança: “O sr. Ministro só tem

¹²² Districto de Évora, de 10 de fevereiro de 1867

¹²³ Idem

três motivos para considerar a aliança com Espanha nobre, proveitosa, de esclarecida política – a história, os factos sociais, a geografia.”¹²⁴

Com argumentação categórica e baseada na História, Eça, desmonta, tais motivos: “Todo o passado de Espanha foi uma luta com a Europa; todo o passado de Portugal, uma luta com o mar. Portugal, sim, que foi o verdadeiro descobridor, o verdadeiro aventureiro da conquista. A Espanha, essa, era um elemento terrível que queria organizar e criar uma Europa sua...”¹²⁵

E, para Eça de Queirós, mesmo o maior orgulho dos espanhóis nos seus descobridores era muito duvidoso, já que nem gratos tinham conseguido ser: “... Colombo era italiano de nascimento, de espírito, de inteligência, de fé. A única coisa que a Espanha fez por ele foi primeiro dar-lhe navios, depois matá-lo à fome...”¹²⁶.

Eça, não se limita a criticar as características e a ingratidão espanholas. Lembra que, embora vizinhos, Portugal e Espanha têm um passado pouco amistoso e completa ausência de grandes empreendimentos em comum, ao contrário do que a proximidade e a fronteira entre ambos poderiam levar a pensar e, ainda, com várias guerras pelo meio.

Para Eça de Queirós, os maiores culpados desta situação foram os governantes espanhóis e a prosápia castelhana, mas também uma menor capacidade do que a que eles se atribuíram ao longo dos tempo e afirma: “... Foram alguma vez para as grandes viagens unidos os galeões portugueses e espanhóis? – Não. Portugal, solitariamente cometia os seus feitos do mar; a Espanha solitariamente ia chupando a América.”¹²⁷ Uma opinião arrasadora para projetos comuns.

E o avivar da memória, especialmente para os que defendiam uma muito estreita aliança com os vizinhos ibéricos: “... o que se vê na história da Península? Guerras, questões de território, ódios de famílias reais, vinganças ferozes, política de rancor, inveja indomável, absorção, opressão do maior, cativo do mais pequeno, sofrimento do mais pequeno,

¹²⁴ Districto de Évora, de 10 de fevereiro de 1867

¹²⁵ Idem

¹²⁶ Idem

¹²⁷ Idem

sangue perdido do mais pequeno, e eu lembro, a todos os que têm ouvidos para escutar, que o mais pequeno era Portugal.”¹²⁸

Se nunca fomos bem tratados pela Espanha, como poderia pensar-se numa aliança ibérica ou, ainda, algo mais? E, não deixa de trazer à liça os maiores vultos da literatura dos respetivos países, embora, para Eça não há qualquer comparação possível e mais, um e outro traduzem, fielmente, a visão do respetivo país: “E o que se vê na literatura portuguesa de todos os tempos, de todo o passado? Ódio à Espanha, glorificação dos nossos triunfos, amesquinamento do carácter espanhol. E já alguém disse que Portugal nunca poderia unir-se intimamente à Espanha, enquanto entre as duas fronteiras, estivesse um pequeno livro, *Os Lusíadas*, e um grande nome, Camões.”¹²⁹ Mas vai mais longe na evocação que faz das obras de um e outro: “... Cervantes, ridicularizando o espírito de aventura, que é o primeiro carácter da raça portuguesa; Camões, celebrando os triunfos nossos e as fugidas, cobardes dos espanhóis.”¹³⁰

Poderiam o governo de Portugal e o MNE considerar que a proximidade geográfica ajudaria a ultrapassar pequenas diferenças (no entender do governo, já que para Eça eram do tamanho do oceano). Mas também para esse aspeto Eça de Queirós tinha resposta convincente: “Qual é a nossa fronteira? O mar e a Espanha. Bem. E qual é a fronteira de França? O mar e a Alemanha, que a odeia. Qual é a fronteira da Suécia? O mar e a Rússia, que a quer devorar. Qual é a fronteira da Itália? O mar e a Áustria, que a oprime. E, coisa horrível, qual é a fronteira da Grécia? O mar e a Turquia, que a mata.”¹³¹

Portanto, ser vizinho não significa ser amigo. Ainda mais um vizinho em quem não se pode confiar: “Se é necessário apoio, tomemos o braço à Espanha, e vamos, como dois inválidos amigos, por essa Europa pedir esmola e agasalho para ambos. E ainda, cuidado, que no caminho o inválido-Espanha não roube ou não mate o inválido-Portugal. Tem-se a respeito desta questão falado em iberismo. Defender o governo neste ponto era quase atacá-lo. Só

¹²⁸ Districto de Évora, de 10 de fevereiro de 1867

¹²⁹ Idem

¹³⁰ Idem

¹³¹ Idem

dizemos que todos os portugueses podem jurar que a raça dos Miguéis de Vasconcelos acabou para sempre.”¹³²

Assim, mesmo na proximidade geográfica, não deixa de haver fortes obstáculos a alianças. Mas até as influências herdadas do passado eram, para Eça, bem diferentes. E mais “puras” as de Portugal. Senão vejamos: “... em Espanha ficou o elemento mourisco, em Portugal desapareceu. Metade do sangue espanhol é africano; todo o sangue português é de raça latina”¹³³ (não podemos esquecer que Eça de Queirós era profundamente defensor da superioridade europeia).

Esta questão das influências negativas voltará a ser levantada, quando, Cônsul em Havana, justifica a necessidade do seu regresso à Europa, por estar saturado do ambiente, visto que “isto aqui - ou pelo seu mau feitio espanhol ou pelo seu curioso feitio americano ...”¹³⁴ se tinha tornado, para ele, insuportável.

Mesmo quando passou por Cádiz, a caminho do Oriente, e lá permaneceu alguns dias, ao deambular na cidade portuária espanhola emitiu opinião sobre o que podia observar. Lembra a longa permanência árabe na região, a sua avançada civilização, uma arquitetura de eleição e realça que, mesmo com este elevado ponto de partida e face ao que seriam as marcas deixadas pelos árabes, os nossos vizinhos pela sua arrogância não tinham sabido conservar tudo o que de bom teriam herdado: “Cádiz aproveitou, para suas as construções modernas, tudo quanto na arquitectura mourisca ou árabe é uma necessidade higiénica ou climatérica: os balcões saindo graciosamente para a rua, os terraços, o mármore, o tijolo e uma certa nudez de ornatos, de móveis e de estofos”¹³⁵. Só que os espanhóis até o que seria elegante, estragam: “Mas tudo quanto é graça, fantasia, pitoresco, arte, beleza, na arquitectura árabe – as grades esculpidas, rendilhadas, feéricas, as colunatas delgadas, a forma das janelas esbeltas –, tudo isso foi esquecido. Cádiz é nova, branca, rectilínea e geométrica: parece construída por um Haussmann oriental. Sente-se que é uma cidade

¹³² Districto de Évora, de 10 de fevereiro de 1867

¹³³ Idem

¹³⁴ Carta a Ramalho Ortigão em janeiro de 1873

¹³⁵ Diálogo com Eça de Queirós, pag 55

comercial e positiva, que constrói para a comodidade material e não para a delicadeza espiritual dos sentidos. Junte-se a isto a pompa enfática do génio espanhol.”¹³⁶

E, Eça de Queirós, resume em poucas palavras o seu pensamento sobre a Espanha: “Sobre a Espanha sabem o meu pensamento: detesto os encontros e abraços da panela de ferro com a panela de barro; detesto mais que se vá pedir esmola a um pobre e auxílio a um paralítico. Detesto também o sistema militar de Espanha e aquela sinistra colaboração de generais e fidalgos. De resto amo tudo na Espanha. Somente gostava mais dela, se ela estivesse na Rússia.”¹³⁷

¹³⁶ Diálogo com Eça de Queirós, pag 55

¹³⁷ Distrito de Évora, de 21 de fevereiro de 1867

II.3 – A América

O olhar e as opiniões expressas por Eça de Queirós sobre a América (leia-se Estados Unidos da América do Norte), à semelhança do que aconteceu com a sua visão de outros países, como a Inglaterra, não é sempre uniforme ao longo dos anos. Não se trata, na nossa opinião, de que Eça emita opiniões pouco fundadas e, até, algo levianas sobre o enorme país do continente americano emergente. Trata-se antes do melhor conhecimento que, ao longo dos anos, vai tendo e, também, de uma cada vez maior consciência dos prejuízos que uma industrialização galopante e desumanizada pode ter nas condições de vida das classes trabalhadoras e de ter, julgamos nós, antevisto o nascimento de um novo e poderoso imperialismo.

Pensamos, mesmo, que o facto de apresentar alguma aparente ambiguidade na avaliação e caracterização da sociedade americana, só prova a sua honestidade intelectual pois não se exime em alterar uma opinião, já expressa, em função de novos dados e de um melhor conhecimento da sociedade em apreço.

As primeiras opiniões conhecidas de Eça sobre a América, são de 1866, antes ainda de ter vindo para Évora, e surgiram como consequência da visita do couraçado americano Miantonomah¹³⁸ ao estuário do Tejo integrando a armada americana.

A sensação que o couraçado transmitia era de que seria invencível quer na guerra, por parte dos inimigos, quer na navegação por parte das forças da natureza.

Eça de Queirós, começa por lembrar as origens da América como tendo tido por génese a emigração europeia e, por consequência, dever respeitar, como herança, os valores que esses emigrantes levaram para lá do Atlântico¹³⁹: “Há duzentos anos uns poucos de

¹³⁸ Navio de guerra, blindado e com peças de artilharia de longo alcance. Foram considerados os substitutos dos grandes navios de linha à vela do século XVIII. Os couraçados eram um poderoso símbolo de domínio naval e de poder de uma nação. Durante décadas, os couraçados foram um fator determinante na estratégia diplomática e militar das potências que os possuíam. (<https://pt.wikipedia.org/wiki>)

¹³⁸ Miantonomah, pag 9

¹³⁸ Já referimos que Eça era profundamente eurocêntrico.

calvinistas exilados fretaram um barco na Holanda húmida e úbere, e sob o equinócio e os grandes ventos, miseráveis, austeros, levando uma Bíblia, partiram para as bandas da América”¹⁴⁰.

Esses aventureiros, embora de uma generosidade sem limites , não pertenciam às elites europeias cultas e conhecedoras da Filosofia: “Aquela colónia de desterrados, que choravam de frio, esfomeados, rotos, que dormiam às humidades do ar numa capa esfarrapada, é hoje a América do Norte – os Estados Unidos”¹⁴¹.

Eça não deixa de mostrar o seu espanto pelo “milagre americano” e pelas transformações conseguidas em tão curto espaço de tempo e compara as condições difíceis em que a viagem para a América tinha sido efetuada com o admirável desenvolvimento naval conseguido em dois séculos: “Duzentos anos depois, estes homens que tinham ido solitários, num barco apodrecido das maresias, derramaram uma esquadra épica pelo Mediterrâneo, pelo Pacífico, pelo mar das Índias, pelo Atlântico, pelos mares do Norte.”¹⁴² E acrescenta: “América do Norte significa trabalho, fé, heroísmo, indústria, capital, força e matéria”¹⁴³

Através da descrição de como vê o poderoso couraçado, Eça de Queirós, transporta essa descrição para a sociedade americana, já que considera que o Miantonomah é uma imagem extremamente fidedigna da sociedade que o construiu: “Ultimamente via eu o Miantonomah, sinistro e negro caçador de esquadras: é toda a imagem da América – frio, sereno, contente, material, e cheio de fogos, de estrondos, de maquinismos, de forças e de fulminações”¹⁴⁴. E pessimista: “É o que amedronta naquele navio – a frieza na força”¹⁴⁵

Depois de fazer uma pormenorizada caracterização do couraçado, em que destaca as qualidades de navegação e o poder de fogo do Miantonomah, que o transformam, numa fortaleza móvel capaz de vencer todos os obstáculos colocados pela Natureza e pelos inimigos, Eça compara-o à própria América: “Nós entrevemos a América como uma oficina

¹⁴⁰ Miantonomah, pag 9

¹⁴¹ Idem, pag 10

¹⁴² Idem, pag 9

¹⁴³ Idem, pag 10

¹⁴⁴ Idem, pag 10

¹⁴⁵ Idem, pag 10

sombria e resplandecente, perdida ao longe nos mares, cheia de vozes, de coloridos, de forças, de cintilações.”¹⁴⁶

Eça de Queirós faz depois uma descrição crítica da forma como, globalmente, vê a sociedade americana, destacando a importância desmesurada dada ao dinheiro e a forma de viver, individualista e sem as preocupações morais de uma Europa em que o modelo a seguir é o francês: “Entrevêmo-la assim: movimentos imensos de capital; adoração exclusiva e única do deus Dólar; superabundância de vida; exageração de meios; violenta predominação do individualismo; grande censo prático; atmosfera pesada de positivismo estereotipado; uma febre quase dolorosa do movimento industrial; aproveitamento avaro de todas as forças; extremo desprezo pelos territórios; preocupação exclusiva do útil e do económico; doutrinas de uma filosofia e uma moral egoísta e mercantil; todo o pensamento repassado dessa influência; uma fria liberdade de costumes; uma sociedade artificial e brusca; dominação terrível da burguesia; movimentos, construções, maquinismos, fábricas, colonizações, exportações colossais, forças extremas, acumulação imensa de indústrias, esquadrões terríveis, uma estranha derramação de jornais, de panfletos, de gazetas, de revistas, um luxo excessivo; e por fim um profundo tédio pelo vazio que deixa na alma as adorações do deus Dólar.”¹⁴⁷

Eça não deixa de referir o desafio que vai ser para a Europa o crescimento americano e, simultaneamente, a influência que não deixará de ter nas relações sociais, quase inevitável perante o gigante americano, que não deixará de se observar numa Europa habituada a outros princípios morais e, sobretudo, culturais: “A vida da América do Norte é quase um paradoxismo. Isto é decididamente uma grande força, uma vida enorme, superabundante. Mas será vital, fecundo, cheio de futuro? Todos os dias dizem à Europa: «Olhai para os Estados Unidos, lá está o ideal liberal, democrático, e, sobretudo, a grande questão, o ideal económico».”¹⁴⁸

Portanto o que tem sido o pensamento predominante na Europa, poderá sofrer um retrocesso, na opinião de Eça, face ao aumento da importância, no outro lado do Atlântico,

¹⁴⁶ Miantonomah, pag 14

¹⁴⁷ Idem, pag 15

¹⁴⁸ Idem, pag 16

do fator económico e do peso crescente do dólar: “Mas a América consagra a doutrina egoísta e mercantil de Monroe,¹⁴⁹ pela qual uma nacionalidade se encolhe na sua geografia e na sua vitalidade, longe das outras pátrias; esquece as suas antigas tradições democráticas e as ideias gerais para se perder no movimento das indústrias e das mercancias; alia-se com a Rússia; a raça saxónica vai desconhecendo os grandes lados do seu destino, enrodilha-se estreitamente nos egoísmos políticos e nas preocupações mercantis, cisma conquistas e extensões de territórios, subordina o elemento grandioso e divino ao elemento positivo e egoísta, e a grande figura sideral do Direito às fábricas, que fumegam negramente, nos arredores de Goetring.”¹⁵⁰

Eça considera eu os americanos não têm legitimidade para decretar “a América para os americanos”, tanto mais que, como atrás foi exposto, os atuais americanos não eram mais que os descendentes de europeus que por motivos vários (e a maioria pouco edificantes) tinham atravessado o Atlântico da forma descrita.

Volta à carga no enunciar as que são, na sua opinião, algumas das debilidades americanas face à Europa: “Uma das inferioridades da América é a falta de ciências filosóficas, de ciências históricas e de ciências sociais. A nação que não tem sábios, grandes críticos, analisadores, filósofos, reconstruidores, áspers buscadores do ideal, não pode pesar muito no mundo político, como não pode pesar muito no mundo moral.”¹⁵¹ E aprofunda, pormenorizando: “Há, sobretudo, na América um profundo desleixo nas ciências históricas. Inferioridade. As ciências históricas são a base fecunda das ciências sociais. É a superioridade

¹⁴⁹ No dia 2 de Dezembro de 1823, o Presidente dos Estados Unidos, James Monroe, na sessão de abertura dirigiu ao Congresso uma mensagem, cuja autoria é atribuída por muitos ao seu Secretário de Estado, John Quincy Adams, em que anuncia três princípios que passariam a orientar a política norte-americana no chamado hemisfério ocidental. Estes princípios passaram a ser conhecidos pela Doutrina Monroe. O primeiro era o da não-colonização dos continentes americanos, por parte de quaisquer potências europeias. No que dizia respeito à América do Sul, afirmou que não haveria interferência americana nas existentes colónias ou dependências de quaisquer potências europeia. No entanto, com aquelas que haviam já declarado a sua independência e que os Estados Unidos tinham reconhecido como tal, qualquer interposição com o objectivo de as oprimir ou de controlar de qualquer modo o seu destino, seria considerado uma atitude inamistosa para com os Estados Unidos. O segundo princípio seria o da não-interferência dos Estados Unidos nos assuntos relativos ao continente europeu e nas guerras entre potências europeias. No terceiro princípio, James Monroe realçou as diferenças do sistema político em vigor na generalidade dos países europeus e o americano. Mas os Estados Unidos considerariam perigosa para a paz e a segurança americanas, qualquer tentativa das potências europeias de expandir o seu sistema para qualquer parte do hemisfério americano (<https://pt.wikipedia.org/wiki>)

¹⁵⁰ Miantonomah, pag 16

¹⁵¹ Idem, pag 17

da Europa: sob a mesma aparência de febre industrial há uma geração forte, grave, ideal, que está construindo a nova humanidade sobre o direito, a razão e a justiça.”¹⁵²

Passa a explicar porque é que os efeitos da industrialização não são tão graves na Europa, que, apesar de viver uma crise, ainda tem pensadores e tem história: “Ora em baixo, sob a confusão, sereno, fecundo, forte, justo, bom, livre, move-se um germe, um novo mundo económico. Esse germe é o que a América não tem, creio eu. Mas vê-se que todos a apontam como o ideal económico que é necessário que os pensadores meditem, e todos os que no vazio fecundo das filosofias riscam as sociedades. Ora toda a América se explica por esta palavra – feudalismo industrial.”¹⁵³

Esse feudalismo industrial não seria o ideal já que causaria, na opinião de Eça de Queirós, um aprofundar das desigualdades e uma concentração de capital nas mãos de alguns em detrimento das pequenas empresas que tinham sido o motor do desenvolvimento. Iria também contribuir para a perda de valores e de interesse pelas ciências sociais a que a América não atribuía a importância devida: “Diz-se, na América há um constante aumento de tráfico, de receitas, de riquezas: não há aumento, há deslocação, deslocação em proveito da alta finança – com detrimento das pequenas indústrias produtoras.”¹⁵⁴

O desequilíbrio económico e social aí está, em função da forma como se faz a distribuição: “Logo que na ordem económica não haja um balanço exacto de forças, de produção, de salários, de trabalhos, de benefícios, de impostos, haverá uma aristocracia financeira, que cresce, reluz, engorda, incha, e ao mesmo tempo uma democracia de produtores que emagrece, definha e dissipa-se nos proletariados: e como o equilíbrio não cessa, não cessam estas terríveis desuniformidades.”¹⁵⁵

Tentando ser justo, Eça, não esquece a dura guerra civil travada e vencida pela União em defesa do fim da escravatura e contra o Sul algodoeiro que não queria abrir mão do trabalho escravo, mal pago e desumano e regista: “No entanto há muita força fecunda nos Estados

¹⁵² Miantonomah, pag 17

¹⁵³ Idem

¹⁵⁴ Idem

¹⁵⁵ Idem, pag 21

Unidos! Ainda há pouco deram o exemplo glorioso de uma nação que deixa os seus positivismos, a sua indústria, os seus egoísmos, o seu profundo interesse, e arma exércitos, esquadras, dissipa milhões, e vai bater-se por uma ideia, por uma abstracção, por um princípio, pela justiça.”¹⁵⁶ E acrescenta: “O Sul quis corrigir a liberdade pela escravatura; desune-se; o escravo que trabalhe, que cultive, que produza, que sue, que morra sob a força metálica baça e sinistra do clima e do Sol. Pois bem. A América do Norte quer a liberdade, o amor das raças, e bate-se pela liberdade, pela legalidade, pela união, pelo princípio, pela metafísica! E dispersa os exércitos da Virgínia!”¹⁵⁷

Esta era a visão que Eça de Queirós, então um jovem de 21 anos tinha da sociedade americana, recém-chegado a Lisboa depois de terminar os seus estudos na Universidade de Coimbra.

Mais tarde, quando cônsul em Havana, fez uma viagem a várias cidades americanas e canadianas, parece que a solicitação do Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Andrade Corvo, para, pessoalmente, se inteirar das condições em que viviam os portugueses aí residentes e elaborar um circunstanciado relatório sobre a exploração de que eram vítimas¹⁵⁸. Esses portugueses tinham procurado na América a solução para as dificuldades com que se debatiam em Portugal e, contribuía, com o seu trabalho e a sua energia para o rápido desenvolvimento americano. Quando da sua passagem por Évora, Eça não deixou de abordar assunto dos povos mercantis, já que logo no primeiro número de *O Districto de Évora* referira que: “Assim há alguém que não julga justiça e verdade levar as nações para as empresas comerciais. Apesar de reconhecerem a sua fecunda acção, tremem pelas más tendências que exercem nos espíritos. Lembram-se do carácter rapaz e egoísta dos povos mercantes.”¹⁵⁹

¹⁵⁶ Miantonomah, pag 21

¹⁵⁷ Idem

¹⁵⁸ Essa viagem ver-se-ia envolvida por alguma polémica, pois havia quem dissesse que o principal objetivo de Eça era o encontro com duas senhoras americanas, AnnaConover e Molie Bidwell que tinha conhecido em Havana. Hoje sabe-se, até pelo testemunho do seu filho, António de Eça, em *Desafrenta à Memória de Eça de Queiroz*, que houve algum relacionamento com essas americanas, mas a viagem teve como prioridade a observação da vida dos portugueses.

¹⁵⁹ Da Colaboração No Distrito de Évora I, pag 16

Mas vai mais longe e específica, incluindo a América no lote dos países que tinham uma política comercial pouco consentânea com os princípios da Moral: “A Holanda, a Inglaterra e a América são exemplos; o carácter destas nações tornou-se material e avaro; subordinam os grandes princípios ao pequeno elemento do interesse; Consagram políticas egoístas”¹⁶⁰

Como já referimos, durante a sua estadia em Havana, onde apoiou muitos emigrantes portugueses, que lhe apareciam ao consulado, idos dos Estados Unidos, esfomeados e desiludidos, deslocou-se aos dois grandes países do norte para, observadas as condições de vida dos portugueses, elaborar um circunstanciado relatório a enviar para Lisboa. O resultado dessa observação e a opinião de Eça de Queirós estão, fundamentalmente, reunidos no também já citado “Emigração como força libertadora” e numa carta que escreve a Ramalho Ortigão, de Montreal, em 20 de julho de 1873.

Eça parte para os Estados Unidos no final de maio de 1873 e, à partida, vai, de certa forma, revoltado, com o modo de vida de um grande centro capitalista, com o que é feito por dinheiro. Uns exploram e escravizam outros. Quando lá chega observa outra situação igualmente preocupante: uma sociedade, dita civilizada, vive numa azáfama constante à procura do dólar (deus Dólar, como lhe chamava).

Na carta, atrás referida, Eça, não pode de deixar uma alfinetada nos americanos, desta vez, da sua forma de comunicar: “A língua americana é revólver, praga e empurrão, algumas palavras de inglês e muita saliva”¹⁶¹.

Nessa carta, Eça de Queirós, resolve comunicar ao amigo a sua opinião sobre as várias cidades americanas que teve oportunidade de visitar.

Mais uma vez, e exprime-o de uma forma magistral, Eça de Queirós divide-se entre o que fortemente detesta e ao mesmo tempo o atrai de uma forma também muito forte, naquela sociedade, que tão bem caracteriza. Não deixa de referir, entre os aspetos positivos da vida de Nova York, o mais importante de todos eles: O facto da cidade novaiorquina apresentar semelhanças com as grandes cidades europeias. Ainda assim os defeitos são

¹⁶⁰ Da Colaboração No Distrito de Évora I, pag 16

¹⁶¹ Idem

muitos: “De Nova Yorque, dir-lhe-ei que é realmente a Nova Yorque da tradição europeia, a grande, a extraordinária, a estrondosa Nova Yorque. Na América não se tem, contudo, esse amor a Nova Yorque, porque há na União, cidades rivais. Filadélfia é Nova Yorque sem o deboche, Chicago é a todos os respeitos, melhor que Nova Yorque. Nova Yorque tem, mais do que as outras, o elemento europeu, manifestado por estes factores – *lorettes*, restaurantes, *crêves*, escândalos, agiotagem: é o que a faz superior. De resto, é uma cidade que em parte amo e em parte detesto. Amo-a porque ... porque sim, e detesto-a, porque deve ser detestada. O que isto é, você não imagina: a violenta confusão desta cidade, o extraordinário deboche, o horror dos crimes, a desordem moral, a confusão das religiões, o luxo desordenado, a agiotagem febril, a demência dos negócios, os refinamentos do conforto material, os roubos, as ruínas, as paixões, os egoísmos, tudo isto está aqui *chauffé au rouge*. Estou aqui a escrever-lhe e está-me a lembrar, com saudade, o rolar dos *trairways*. Querida Nova Yorque! Não, odiada Nova Yorque!”¹⁶²

Depois do seu regresso de Havana, e enquanto espera colocação noutra posto consular, Eça de Queirós, elabora um muito circunstanciado relatório sobre a emigração e aí não deixa de apontar, referindo-se-lhe elogiosamente, os aspetos mais importantes do sistema americano, e que estavam rapidamente a levar a América para primeiro plano do panorama internacional.

Apesar destes fatores positivos, não retira as críticas, anteriormente feitas. Este facto mostra a honestidade intelectual de Eça de Queirós. Realça igualmente o que de bom e de mau vislumbra em qualquer sociedade.

Um dos vetores positivos, que mais lhe chamaram a atenção, foi a liberdade verificada em muitos aspetos da vida dos americanos: “Um livro não bastaria para explicar todo o vasto systema americano de adquirir a terra. A esta vantagem suprema seguem-se todas as grandes liberdades americanas. A liberdade de associação, de trabalho, d’industria, de religião, d’ensino, d’imprensa, liberdades communaes, provinciaes, uma profusão exuberante de direitos. A liberdade religiosa é completa, com a única condição de guardar o

¹⁶² Carta a Ramalho Ortigão, 1873

domingo. Em toda a União existem, dis-se, 30.000 igrejas, pertencendo a 30 cultos diferentes. Pela naturalização o emigrante entra na igualdade de todos os direitos civis, com a exclusão das funções de Presidente da Republica”¹⁶³.

Esta facilidade de adquirir a nacionalidade americana leva, rapidamente, a prosperidade aos imigrantes que, de todo o mundo chegam à nova potência económica: “A prova dão-na os mesmos Estados Unidos. Veja-se a sua civilização: a sua agricultura alimenta o mundo, e tem em menos de trinta anos conquistado quasi um deserto, que um expresso leva oito dias a percorrer: - o seu commercio abranje o universo, e só no anno de 1841 a 1872 o movimento no Clearing House de New Yorque foi de 32.636.997.403 dollars -!-: a sua marinha mercante, a mais engenhosamente construída tras no mar 42.000 navios. A sua industria rivalisa, começa a vencer as velhas industrias europeas fazendo trabalhar só em 1872, 252.000 fabricas, e pelas suas prodigiosas invenções mecânicas é uma perpetua conquista sobre a fatalidade”¹⁶⁴.

A sua admiração pelo povo americano, que demonstra uma vontade inigualável de lutar contra todas as adversidades, de ultrapassar os obstáculos que lhe surgem pela frente, leva-o a referir alguns feitos dessa qualidade que tinha levado a América a um muito considerável desenvolvimento: “As suas cidades improvisão-se a ponto que depois do incendio de Chicago, a actividade restructora chegou a elevar uma casa por hora. Uma rede prodigiosa de caminhos de ferro leva o seu movimento febril até ás mais pequenas aldeas, de 10 e 12 familias”¹⁶⁵.

Eça, que tinha considerado ser a América falha de ciências sociais, de filosofia e outras ciências que eram o resultado da superioridade europeia, (a propósito da visita de uma parte da esquadra americana ao Mediterrâneo e a Lisboa, em 1866, e a que já fizemos referência), acaba por admirar a capacidade de realização dos americanos, incluindo o seu sistema de instrução: “A organização da sua instrucção é admirável, e em parte alguma a sciencia é tão largamente animada e subsidiada, de tal sorte que no dia em que

¹⁶³ A Emigração como Força Civilizadora, pag 102

¹⁶⁴ Idem, pag 104

¹⁶⁵ Idem

Agassiz¹⁶⁶ pediu n'um jornal que lhe dessem um pouco de terreno e um pouco de dinheiro para um museo zoológico recebeu dentro d'horas um milhão e uma ilha!”¹⁶⁷

Embora reconheça o poder criativo dos americanos e a sua enorme capacidade de concretizar projetos, Eça de Queirós, não pode deixar de, ainda assim, lembrar o papel dos imigrantes nas realizações conseguidas e, ao labor por eles desenvolvido: “Os museos, os observatórios, multiplicão-se ricos como tesouros .../... A sua actividade não tem igual. Nos seus rios navegavam em 1872, 1.476 navios; nos seus lagos 5.338. Em 1871 circulavam no interior 550.000.000 de cartas particulares. A sua vitalidade é tal que depois d'uma guerra civil de 4 annos, equilibram em meses as suas finanças. O conforto da vida, chegou aos refinamentos mais engenhosos, - que direi! – E esta civilização (tão extraordinária que não parece solida) opulenta, inventiva, scientifica, humanitária, quem a trabalha há 70 annos? Dous terços de americanos e um terço d'estrangerios.”¹⁶⁸ Ou seja, por esta afirmação pode-se inferir que, embora Eça tenha melhorado bastante a avaliação que faz da América e dos americanos, não deixa de realçar, como sempre aliás, a dívida à Europa e aos europeus.

Cremos ter apresentado suficientes exemplos de textos, de Eça de Queirós, demonstrativos de uma certa ambiguidade na apreciação que faz da sociedade americana.

No entanto, não queremos deixar de referir a opinião de Miguel Oca, num estudo em que analisa e compara a influência de Eça de Queirós e José Martí, na história da independência de Cuba e na criação da identidade cubana, e da forma como os americanos viam a Ilha, dando seguimento prático à doutrina Monroe: “La visión de Eça sobre los intereses imperialistas de los Estados Unidos es importante, pues no sólo la limita a su interés con

¹⁶⁶ Louis Agassiz nasceu na Suíça. Começou a sua educação em casa, com o pai a pretender que ele viesse a dar continuidade à sua função de pastor. Estudou nas universidades de Erlangen, onde recebeu o grau de doutor em Filosofia e foi doutor em Medicina pela Universidade de Munique. Na Suíça estudou na Universidade de Zurique. Mudou-se para Paris e aqui iniciou uma carreira nas áreas da Geologia e da Zoologia. Em outubro de 1846, Agassiz chegou aos Estados Unidos para investigar a história natural e a geologia da América do Norte. Depois de ter alcançado grande êxito, com a realização de 12 palestras levou à criação da Escola Científica Lawrence na Universidade de Harvard em 1847. Fundou o Museu de Zoologia Comparada em 1859, o primeiro edifício, para fins científicos, construído com financiamento público nos Estados Unidos, e que ainda hoje é um museu de História Natural líder em pesquisa sobre diversidade biológica. Foi diretor do museu até à sua morte em 1873 (<https://pt.wikipedia.org/wiki>)

¹⁶⁷ A Emigração como Força Civilizadora, pag 105

¹⁶⁸ Idem

Cuba, sino que es capaz de opinar sobre la propia situación entre los estados del norte y del sur”¹⁶⁹.

Mas o autor referido, sublinha a denúncia de Eça sobre a forma imperialista como os americanos viam Cuba: “Eça ya dibujaba los intereses norteamericanos sobre Cuba. Los que habían definido años anteriores y que aún mantenían hasta ese momento. Eça supo delimitar exactamente la intención norteamericana de convertir la Isla en una «provincia», donde pudieran saquearle los recursos naturales y también donde lograran, como sucedió años después, hacer del país un lugar para todo o tipo de distracciones”¹⁷⁰.

Miguel Oca continua a referir a enorme importância das observações de Eça e da forma como denunciou a desigual relação entre Estados, onde os mais poderosos tentavam colonizar os mais fracos. Refere, simultaneamente a atualidade do pensamento de Eça de Queirós: “En la contemporaneidad, encontramos situaciones políticas, intereses económicos, debates sociales, sobre todo si se habla de América Latina y sus relaciones con los Estados Unidos, que poseen una lectura, una visión que ya Eça delimita durante su estancia en Cuba y sus viajes por los Estados Unidos. En este tiempo el escritor de *Os Maias* se convirtió en un observador de los fenómenos que se sucedían en estas naciones y cuando hacemos una lectura actual sobre la Historia Latinoamericana, si hablamos de los temas antes mencionados, lo expresado por Eça constituye un referente válido e interesante”¹⁷¹.

E concluimos com este apontamento, sem deixar de salientar a enorme honra que terá que ser para um europeu ser colocado, por um latino-americano, num patamar onde está José Martí, herói fundador da mentalidade caribenha: “Tanto Martí como Eça defendieron aquello que creían que era su verdad, desde sus puntos de vista. Ambos fueron fieles a su «patria», a sus ideales, en consecuencia con el tiempo vivido, a lo que propiamente ellos defendían como «nación». En los textos estudiados de ambos, las cartas, los poemas, o los discursos, encontramos un análisis al pormenor de la realidad, de cada uno de los sucesos en que participaron. Ambos, desde sus puntos de vista avizoraron el futuro de Cuba,

¹⁶⁹ Miguel de Oca, Disertación de Maestría en Estudios Portugueses, Especialización en Estudios Literários

¹⁷⁰ Idem

¹⁷¹ Idem

describieron a los Estados Unidos como nación dormida que esperaba solo el momento ante la salida de España para apoderarse de Cuba y expandirse por Latinoamérica.”¹⁷²

¹⁷² Miguel de Oca, Disertación de Maestría en Estudios Portugueses, Especialización en Estudios Literários

III- EÇA E AS FUNÇÕES CONSULARES

Já referimos no nosso trabalho, que um aspeto muito importante da vida de Eça de Queirós, foi o desempenho do cargo de Cônsul de Portugal em Havana, Newcastle, Bristol e Paris. Destes postos consulares o de Paris terá sido o culminar de uma carreira e a sua grande aspiração e, pensamos mesmo, um dos fatores determinantes para enveredar pela carreira diplomática: a sua sedução pela França¹⁷³ (embora o caso Dreyfus o tenha feito descreer na justiça francesa¹⁷⁴) e pela vida cultural parisiense, e, por um lado o vencimento de que necessitava, e o seu gosto por viagens e pelo conhecimento de povos. Disso foi dando conhecimento na sua colaboração com jornais e revistas de Portugal e do Brasil com os quais manteve uma ligação constante.

Creemos, também, que a sua atividade consular ajudou a moldar-lhe os sentimentos humanistas e de solidariedade para com os explorados e, em última análise, a deixar-nos vários registos dessa forma de sentir a política que se pode enquadrar nos movimentos socialistas então em expansão na Europa. Em Portugal havia entre os seus amigos vários seguidores, com destaque para Antero de Quental considerado por Eça de Queirós uma inteligência superior.

A sua entrada na carreira diplomática foi bastante atribulada. No dia 22 de junho de 1870, foi publicado no Diário de Governo um anúncio da abertura de um concurso para a carreira consular. Eça de Queirós concorreu, vindo a prestar provas em setembro e, por reunião do

¹⁷³ Para Fidelino de Figueiredo: *“a sua apaixonada galofilia que só a questão Dreyfus atingiu profundamente. Êle o declarou melancòlicamente na última das suas cartas publicadas: «... com ela (a recondenção de Dreyfus) morreram os últimos restos, ainda teimosos, do meu velho amor latino pela França»”, “... um pobre homem da Póvoa do Varzim...”*, pag 102

¹⁷⁴ Acusado de espionagem a favor da Alemanha, o militar foi julgado sumariamente por alta traição, submetido à degradação militar, em 1895, e condenado à prisão perpétua na famigerada prisão na Ilha do Diabo. Apesar das contundentes provas da sua inocência, é condenado por um tribunal militar, pela segunda vez, em 1899, sendo em seguida indultado. Somente em 1906, quando Clemenceau, um dos defensores de Dreyfus, assume a presidência da França, se fez justiça. Em 12 de julho desse ano, é anulado o julgamento de Rennes e o capitão Dreyfus é reabilitado, reintegrado no exército como major e condecorado com a Legião de Honra. Em 1985, o presidente François Mitterrand ofereceu uma estátua de Dreyfus à Escola Militar. O Exército recusou-se a exibi-la e, hoje, está exposta nos Jardins das Tulherias. Somente em 1995, mais de um século após a deportação do capitão para a Ilha do Diabo, a sua inocência foi reconhecida pelas Forças Armadas. E este fato ocorreu apenas depois de um historiador oficial do Exército provocar um escândalo ao questionar publicamente a injustiça humana e histórica cometida sobre Dreyfus. Na verdade, Dreyfus foi vítima flagrante de anti-semitismo (<https://pt.wikipedia.org/wiki>)

júri de 1 de outubro, foi classificado em primeiro lugar, criando-lhe a expectativa de poder ocupar uma vaga de cônsul, na Bahia. Não só esse lugar foi ocupado pelo segundo classificado do concurso, como ainda Eça de Queirós não seria colocado em nenhuma das vagas que entretanto iam surgindo.

Só depois da sua polémica participação nas Conferências do Casino¹⁷⁵ e de numa das Farpas escrita em novembro, Eça se manifestar com alguma violência verbal sobre a sua não nomeação, “Querido leitor: nunca penses em servir o teu país com a tua inteligência, e para isso em estudar, em trabalhar, em pensar! Não estudes, corrompe! Não sejas digno, sê hábil! E, sobretudo, nunca faças um concurso; ou quando o fizeres, em lugar de pôr no papel que está diante de ti o resultado de um ano de trabalho, de estudo, escreve simplesmente: sou influente no círculo tal e não mo façam repetir duas vezes”¹⁷⁶, foi nomeado cônsul de Portugal em Havana¹⁷⁷, tendo-lhe sido feita desta forma, alguma reparação pela injustiça anterior no decreto de nomeação¹⁷⁸, segundo José Calvet de Magalhães.

Do exercício dessa atividade consular fica um balanço que levou o embaixador Mário Duarte a apelidá-lo de: “Cônsul de Portugal ao serviço da Pátria e da Humanidade”.¹⁷⁹

Destacamos o facto de Havana marcar, como iremos tentar demonstrar, um período da sua vida em que esteve na primeira fila da luta pelos direitos dos imigrantes chineses pobres e, simultaneamente em oposição aos fazendeiros ricos e poderosos unidos na Comissão Central.

Ainda segundo o embaixador José Calvet de Magalhães, que não se cansa de elogiar o cônsul, “As razões que levaram à colocação de um cônsul de carreira em Havana estavam ligadas à situação deplorável em que se encontravam em Cuba os chineses provindos de

¹⁷⁵ Eça de Queirós ficou encarregue de dar a 4ª Conferência, realizada a 12 de Junho de 1871 e intitulada de ‘A Literatura Nova ou o Realismo como Nova Expressão de Arte’. Nela, Eça, tendo como inspiração Proudhon e o aspeto programático do espírito revolucionário das conferências, salientou a necessidade de operar uma revolução na literatura, semelhante àquela que estava a ter lugar na política, na ciência e na vida social.

¹⁷⁶ As farpas de novembro de 1871

¹⁷⁷ 16 de março de 1872

¹⁷⁸ “atendendo ao merecimento e mais partes que concorrem na pessoa de ...” e “especialmente no talento de que deu distintas provas no concurso aberto pela Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros”, Eça de Queirós, cônsul e escritor, pag 12/13

¹⁷⁹ Eça de Queiroz, Cônsul, ao Serviço da Pátria e da Humanidade

Macau, que trabalhavam nas fazendas dos empresários espanhóis”¹⁸⁰ (eram mais de cem mil, os chineses nestas condições).

Na mesma linha de pensamento escreve Julita Scarano: “Não podemos esquecer que o grande escritor foi cônsul em inúmeros lugares tais como Havana, New Castle, Bristol e Paris e segundo os seus biógrafos e comentaristas sempre se interessou pelos migrantes bem como pelos operários ingleses, isto é, o grupo de desfavorecidos que viviam nos lugares onde atuou”¹⁸¹ E esta autora sublinha a veracidade e importância dos relatórios consulares de Eça “As considerações escritas sobre Cuba, bem como as de New Castle e Bristol foram conservadas no ministério português com a letra de Eça, portanto não sofreram influência e modificações posteriores”.¹⁸²

Também Raul Rego, no prefácio de “A Emigração como Força Civilizadora” refere que: “Embora o que deles conhecemos (dos relatórios de Eça de Queirós que estão nos arquivos do Ministério dos Negócios Estrangeiros), nos dê o interesse profundo que Eça de Queiroz tomou na defesa dos emigrantes e o conhecimento que conseguiu do fenómeno social e económico da emigração”¹⁸³.

Os relatórios que Eça de Queirós enviava para o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal foram referidos por vários estudiosos, destacando-se o embaixador Mário Duarte, (ele próprio foi Cônsul em Havana numa fase inicial do que viria a ser uma importante carreira diplomática e pode contactar de muito perto com a realidade do legado de Eça), que nutriu pelo trabalho desenvolvido por Eça de Queirós em Havana uma profunda admiração e um enorme respeito: “Como é sabido, Eça de Queiroz foi cônsul na Havana em 1872. Ali escreveu interessantes e copiosos relatórios, quase desconhecidos, que assinalam uma actividade inteligente e firme, decidida e patriótica ao serviço de Portugal e da humanidade.”¹⁸⁴

¹⁸⁰ Eça de Queiroz, Cônsul, ao Serviço da Pátria e da Humanidade, pag 13

¹⁸¹ Migração sobre contrato: a opinião de Eça de Queiroz, pag 5

¹⁸² Idem

¹⁸³ A Emigração como Força Civilizadora, pag 8

¹⁸⁴ Eça de Queiroz, Cônsul, ao Serviço da Pátria e da Humanidade, pag 19

A ideia de que o desempenho diplomático de Eça de Queirós poderia não ter tido uma grande relevância é-nos desmentida por Domingos Monteiro ao considerar muito importante a obra de Mário Duarte porque: “O que nos interessa é também o caso particular que ele trata – do cônsul Eça de Queiroz, no exercício da sua actividade, do Eça, que tido e havido como um funcionário indiferente e burocraticamente cumpridor, por virtude dela se revela – pelo seu interesse, inteligência combativa e generosidade – não só um português de lei mas também um diplomata da mais alta categoria”¹⁸⁵.

Também Alan Freeland, outro dos importantes investigadores da obra de Eça, se refere à existência de estudos anteriores sobre a atividade consular que o escritor desempenhou.

Nesses estudos estava bem caracterizada a sua ação em defesa dos emigrantes chineses, em Cuba, e dos trabalhadores das indústrias, quer na Inglaterra quer nos Estados Unidos da América: “Sentimos, através destas obras, (livros que já tinham sido publicados) que são nossos conhecidos certos episódios da carreira consular de Eça, em especial a campanha que levou a favor dos trabalhadores chineses, e o seu interesse, aquando em Newcastle, pelo conflito industrial das minas de carvão daquela zona”¹⁸⁶.

¹⁸⁵ Eça de Queiroz, *Cônsul, ao Serviço da Pátria e da Humanidade*, pag 10

¹⁸⁶ *Correspondência Consular*, pag XIII

III.1- Cuba

À chegada a Havana, Eça de Queirós vai deparar-se com uma situação complexa: cerca de cem mil chineses imigrantes, a viverem numa situação mal conhecida na Europa e que ultrapassava, em termos de violação dos mais elementares direitos humanos, tudo o que de mal se poderia imaginar, e que igualava, em desumanidade os piores tempos da escravatura negreira. Por outro lado, a luta pela independência (Cuba era uma colónia de Espanha, integrando as Antilhas Hespanhollas) estava numa fase de luta armada e, naturalmente, influenciava a sociedade cubana, embora em La Habana esta circunstância não fosse tão visível na forma de viver e de pensar.

Como já referimos, a passagem de Eça por Havana ajudaria, em muito, a fortalecer o seu espírito de democrata e anti-imperialista, abraçando a luta pelos mais desprotegidos. Foi ainda determinante para que Eça de Queirós se tornasse uma autoridade mundial no tema da emigração, tendo elaborado, a pedido do MNE de Portugal, um relatório que, como já dissemos, só seria publicado por Raul Rego, em 1979 e que, ainda hoje, deve merecer toda a atenção de quem se interessa pelo tema: “A experiencia, porem, que eu trouxe da Havana, e o conhecimento real e pratico que adquiri da miserável colonia china da Cuba, e da auctoritaria classe dos fazendeiros, auctorisame a trazer para o depoimento geral dos factos algumas circunstancias ignoradas, ou incompletamente esclarecidas”¹⁸⁷.

Mário Duarte, que teve oportunidade de contactar no local com quem conhecia bem o trabalho de Eça, refere, enaltecendo-o: “Tratava-se de uma monstruosa traficância que se traduzia, afinal, em trabalhos forçados e numa escravidão real”¹⁸⁸. Como se estas condições deploráveis não bastassem, para Portugal não era este o único problema, pois o nosso país era implicado diretamente: “Mas o que era mais grave para o nosso país e para o seu cônsul é que essa exportação era feita deliberadamente pelo porto de Macau, embora uma grande parte dos chineses não pertencesse à nossa província. A razão alegada era a de evitar o encarecimento da mão-de-obra em Hong-Kong. A verdadeira razão era, porém, responsabilizar-nos a nós – isentando a Inglaterra – por um tráfico criminoso que pouca ou

¹⁸⁷ A Emigração como Força Civilizadora, pag 128

¹⁸⁸ Eça de Queiroz, Cônsul, ao Serviço da Pátria e da Humanidade, pag 16

nenhuma diferença fazia do praticado pelos negreiros nos séculos anteriores. ¹⁸⁹ (Outra vez a Inglaterra a desrespeitar o seu mais antigo aliado).

Na já citada obra ¹⁹⁰, Eça de Queirós, depois de analisar com profundidade a emigração feita a partir dos vários países europeus para todos os continentes, tem que se referir mais pormenorizadamente a toda a problemática da emigração chinesa para Cuba e à degradante situação vivida por estes emigrantes naquela colónia espanhola. Até porque, é na forma como combate a exploração dos chineses, que Eça de Queirós nos deixa testemunho do seu pensamento anti imperialista, de defesa dos mais explorados e da defesa que faz, dos Direitos Humanos, muitos anos antes de consagrados universalmente.

Esta é a leitura que a maioria dos seus biógrafos e estudiosos faz do desempenho do seu trabalho como cônsul em Havana. Não é, no entanto, a posição de Joaquim Palminha da Silva que, em “O nosso cônsul em Havana”, critica o facto de Eça de Queirós ter tido “um alheamento político .../... perante a realidade latino-americana que foi obrigado a viver num curto período” ¹⁹¹, lamenta e critica Eça por não se ter referido com mais frequência à luta pela independência e a ela não tivesse aderido. Critica mesmo “Intuitos de «justiça» onde a razão pecuniária dos rendimentos consulares é a argamassa fundamental – insólita argamassa «cristã»! – de um autoproclamado humanismo .../... no que respeita aos «colonos» chineses, mas que a realidade dos documentos nos prova ter existido, no seu sentido efectivo, apenas aos desventurados emigrantes portugueses, assolados pelo «el doirado» norte-americano” ¹⁹².

Nas próximas páginas analisaremos uma e outra posições, sem deixar de referir as palavras que o próprio cônsul nos deixou, até porque nos parece muito injusta para Eça de Queirós, a opinião de Joaquim Palminha da Silva.

Já fizemos referência que, logo nos primeiros números do Districto de Évora, Eça de Queirós escreveu sobre as colónias como um fator de desenvolvimento das sociedades. Também já

¹⁸⁹ Eça de Queiroz, Cônsul, ao Serviço da Pátria e da Humanidade, pag 16

¹⁹⁰ A Emigração como Força Civilizadora

¹⁹¹ Idem, pag 12

¹⁹² Idem

referimos que Eça se apresenta, muitas vezes, ciente da superioridade cultural da Europa. Assim, não deve surpreender que Eça de Queirós também considerasse a emigração, em geral, como “Uma força libertadora”: “Verdadeiramente, só depois das guerras do primeiro império e da pacificação trāsida pelos tratados de 1815, é que a emigração toma este amplo caracter de universalidade, de espontaneidade e de liberdade, que a tornam um dos factos mais poderosos da moderna actividade económica, e uma das forças de civilização contemporânea”¹⁹³.

Justifica esse elevadíssimo valor económico para os países de saída, especialmente para os de uma marinha mercante e um comércio mais ativos e poderosos: “A emigração é um frete considerável para a marinha mercante, e o forte recurso dos transportes transatlânticos. É alem d’isso um lucro permanente para os portos ingleses: alem de provocar um alto movimento marítimo no porto, cria um numero notável de industrias filiaes: hospedarias de emigrantes, venda de ferramentas, utensílios, vestidos, etc.: assim se explica a sôfrega emulação com que Liverpool, Glasgow, e os portos de Irlanda se disputam a posse do transito emigrante.”¹⁹⁴ Como se pode verificar por este testemunho, Eça de Queirós, consegue, (e essa é uma das suas facetas que mais nos impressionam), analisar sempre qualquer situação e qualquer problema de uma forma global e coerente.

Depois de analisar a emigração de vários países europeus, Eça de Queirós refere sobre a emigração de chineses para a América: “A mais celebre e a mais discutida das emigrações asiáticas, é a emigração chinesa. Todo o interesse d’este movimento esteve nos ultimos anos no trafico dos coolis; feito pelo porto de Macao para a Cuba e Peru”¹⁹⁵. É com os problemas desta emigração que Eça se vai debater e enfrenta-os com dois objetivos principais: ajudar aqueles desgraçados, que eram explorados por toda a gente, e desempenhar com honra as funções consulares para que tinha sido nomeado. Não podemos esquecer que Eça não estava em viagem de lazer. Estava a representar Portugal junto de um território administrado por um país europeu que, ainda por cima, era o nosso poderoso vizinho continental.

¹⁹³ A Emigração como Força Civilizadora, pag 15

¹⁹⁴ Idem, pag 51

¹⁹⁵ Idem, pag 128

Mas antes de referirmos o trabalho de Eça de Queirós em prol dos “coolis”, vejamos como ele se referia à hipocrisia internacional acerca da emigração de chineses: “A oposição feita ultimamente à emigração chinesa era, incontestavelmente, uma excitação do interesse. A filantropia e a caridade influíam muito secundariamente. Tantas reclamações contra o tráfico dos coolis da parte da Inglaterra, e o interesse que a ligação franceza mostrava na China a favor da proibição do tráfico, eram originadas por uma rivalidade colonial.”¹⁹⁶

Portanto Eça considerava que valores como “a filantropia e a caridade” contavam muito pouco ou mesmo nada nas tomadas de posição das grandes potências internacionais e coloniais que, simultaneamente, detinham o domínio do comércio internacional, fosse ele de que género fosse.

“A Inglaterra excitando a opinião contra a emigração chinesa, .../... levarão a oppor-se a toda a operação que dê à Cuba trabalhadores mais numerosos e mais baratos do que os das colonias tropicaes. Quando a grande desvantagem dos productores d’assucar das Antilhas Inglesas, em concorrência com os productores d’assucar da Cuba era criada pela continuação do tráfico da escravatura nas colonias hespanholas, que lhes permittia obter uma grande quantidade de trabalho barato, os Ingleses, pelo uso vigoroso do seu poder naval, procuravam livrar as suas colonias d’essa desvantagem, supprimindo o tráfico. Hoje que a desvantagem está na emigração chinesa, a maior, que Cuba recebe, e que lhe permite, apesar das crises economicas, da insurreição, da divisão dos partidos, e do exilio das grandes familias proprietarias, concorrer vantajosamente nos mercados assucareiros, a Inglaterra oppõe-se à emigração chinesa.”¹⁹⁷

Pela leitura da transcrição destes parágrafos poderemos já antever que Eça de Queirós considera haver duas formas, diametralmente opostas, de se ser contra a emigração escrava dos chineses. Uma, a professada por ingleses e franceses (“E n’esta politica ha-de ser sempre seguida pela França, que tem identicos interesses nas suas colonias das Antilhas”¹⁹⁸), assente nos interesses económicos e em que os valores humanos não contavam para quase nada e

¹⁹⁶ A Emigração como Força Civilizadora, pag 128

¹⁹⁷ Idem, pag 29

¹⁹⁸ Idem

outra, em que estes prevaleciam. Iremos ver por qual destas duas posições optou o cônsul português.

Eça considera que, aos olhos dos fazendeiros, a existência da enorme colônia chinesa em Cuba tinha uma grande importância, sob o ponto de vista económico, já que a despesa era pouca e o lucro muito: “O desequilíbrio das forças productoras é realmente grande entre as colônias emancipadas e as colônias de escravatura: as Antilhas francezas e inglezas teem apenas a emigração india, e o trabalho livre dos negros, em pequeno numero. Cuba tem, alem da sua forte população escrava, uma consideravel emigração chinesa, a mais util pela sua facilidade de aclimação, sobriedade; e industriosidade, para o trabalho colonial. Só a supressão da emigração chinesa podia equilibrar as forças e o preço da producção.”¹⁹⁹

É claro que, perante a posição da Inglaterra, a grande potência da época, vão ser, no futuro, colocados obstáculos à emigração de chineses. Mesmo perante essa aparente melhoria da situação de escravatura dos chineses, Eça de Queirós não se deixa iludir e expressa a sua opinião sobre as verdadeiras razões que levariam à supressão da exploração escrava dos chineses “nas Américas” e distingue, mais uma vez, os motivos de Inglaterra e de Portugal, sendo que ele, como adiante tentaremos demonstrar, influenciou a posição portuguesa: “Os deveres christãos de Portugal coincidiram com os interesses assucareiros da Inglaterra, e assim succedeu que não podendo a Inglaterra deixar d’impor a proibição do trafico de Macao, em attenção à sua prosperiedade colonial, Portugal não podia deixar de realizar essa supressão em attenção à dignidade nacional”.²⁰⁰

Eça de Queirós relembra todo o processo de contratação dos emigrantes chineses, as regras que estavam estabelecidas, para depois apontar a realidade por que passavam e que era bem diferente. Refere que, de todas as irregularidades, a maior era a forma como eram tratados os chineses já em Cuba, até porque durante a viagem havia que assegurar alguma salubridade, uma alimentação suficiente para os manter em condições de saúde razoáveis e com um aspeto que não os desvalorizasse à chegada (não agrada escrever desta forma, mas a verdade é que os desgraçados eram tratados como qualquer mercadoria que se quer que

¹⁹⁹ A Emigração como Força Civilizadora, pag 130

²⁰⁰ Idem

chegue ao seu destino em boas condições): “Eu accuso um terceiro, o maior, em quanto a mim: a situação dos coolis na Ilha de Cuba. O recrutamento dos coolis, tal qual elle era feito segundo os regulamentos de Macao, dava-lhes toda a garantia, espontaneidade e liberdade”²⁰¹.

Eça de Queirós explica, com muitos pormenores, todo o processo de recrutamento que, aliás, estava bem regulamentado, segundo a sua opinião: “O processo era o seguinte: logo que o agente de emigração tenha reunido na sua grande caserna o numero de coolis que destina a embarque, distribuia-lhes impressos em chino e em hespanhol as condições do contracto para que os que soubessem ler tomassem conhecimento d’ellas, e faziã-nas explicar por interpretes aos analfabetos”²⁰².

Mas as autoridades ainda iam mais longe e insistiam, para verificar se não teria havido incompreensão ou manipulação e voltavam junto dos chineses candidatos à migração : “tres dias antes do embarque, acompanhado de tres medicos e do capitão do navio, separava os velhos e os doentes, e procedi-a á matricula: esta tinha logar perante as auctoridades portuguesas competentes com uma grande publicidade e auditorio: — e alli, fora da coacção que sobre os coolis poderiam exercer os correctores, por meio dos interpetres, que em numero de cinco ou seis e o seu chefe assistiam a este acto, se preguntava a cada cooli de per si: se o corrector o tinha sedusido ou maltratado, se queria emigrar, e se conhecia bem o contracto que ia firmar”²⁰³. Se houvesse quem, perante as condições apresentadas, resolvesse recuar na sua decisão de emigrar para Cuba: “eram enviados sob vigilância do governo ao Vice-Rei de Cantão, que os remetia aos mandarins do districto da sua naturalidade; sendo todas as despesas feitas à custa do agente de emigração. Sendo este laborioso processo executado com boa fé seria difficil que se podesse embarcar em Macao um unico emigrante contra sua vontade”²⁰⁴.

O problema é que nada disto garantia um tratamento digno quando chegassem a Havana, nem que a lei fosse cumprida integralmente porque isso acarretaria despesas de monta para

²⁰¹ A Emigração como Força Civilizadora, pag 130

²⁰² Idem

²⁰³ Idem

²⁰⁴ Idem, pag 131

os agentes de emigração, que só estavam interessados no negócio, e então havia que dar a volta aos regulamentos. Isto mesmo dizia Eça de Queirós: “A minha opinião, é que o vicio dos regulamentos de Macao era o estabelecer n’eles que o cooli que se recuse a emigrar deve pagar ao agente o custo da sua residencia no deposito, e metade das suas despesas da viagem para Macao. Esta disposição era o lado indefeso que dava entrada ao abuso, á especulação, e ao roubo. Logo que o chino chegava á caserna, ou barracão, em Macao, o agente não só lhe dava algum dinheiro, mas vendia-lhe a credito pequenos artigos de vestuario, dôces, opio, e, porque se não ha-de diser? proporcionava-lhes mulheres. Tudo isto devia-lhe ser pago pelos adiantamentos de dinheiro que o cooli recebia, ao assegurar o contracto”.²⁰⁵

Eça de Queirós, logo que chegou ao consulado de Havana e se apercebeu da exploração dos trabalhadores chineses, procurou o máximo de informação possível para poder traçar o que seriam as suas linhas mestras de atuação, como representante de Portugal e, porque não dizê-lo, da civilização da Europa: “Em quanto ao transporte dos coolis para Havana devo diser que durante a minha estada alli, vi que as expedições de chinos, como lhes chamam, eram feitas em condições superiores de hygiene, e de tranquilidade. Fui a bordo d’aquelles transportes á sua chegada á Havana: encontrei um aceio escrupuloso, um rancho abundante e sadio, uma pharmacia perfeitamente bem organizada, dormitorios commodos e arejados, medicos chinos e europeus.”²⁰⁶

Uma vez chegados a Cuba as condições alteravam-se completamente e, aqui, Eça sentia uma grande repulsa pela forma como os chineses eram tratados na colónia espanhola. Os seus princípios de inspiração humanista e socialista, aliados às suas funções consulares, colocavam-no em contato com os chineses, pois, como já vimos, tinham saído do continente asiático pelo porto de Macau. Este facto criava a possibilidade de alguma intervenção no sentido de reduzir a violência de tratamento com ausência total de direitos: “A verdadeira miséria dos coolis começa com a sua vida de trabalhadores nas plantações”²⁰⁷.

²⁰⁵ A Emigração como Força Civilizadora, pag 132

²⁰⁶ Idem, pag 133

²⁰⁷ Idem, pag 136

Para mostrar como a forma de tratamento dos chineses era atentatória de todos os direitos humanos, Eça de Queirós faz a comparação da situação de duas comunidades, qualquer delas explorada, vivida em Cuba: a dos negros e a dos chineses. A vantagem era claramente da comunidade negra: “ Com o fim do trafico o negro subio de valor, e o interesse por um lado trouxe-lhe de novo o tracto benevolo: por outro lado a convivencia permanente com o negro, a sua docilidade, a sua dedicação á casa, o seu amor pelas creanças, a promptidão com que se compenetra dos habitos dos amos, fa-lo considerar um animal util e bom, simples e amoravel, que é quasi parte da família. O cooli, esse é uma simples machina, viva, indefesa e servil, a que se procura arrancar, por bem ou por mal, a maior somma de trabalho e de utilidade, em quanto ella pode respirar e mover-se.”²⁰⁸

Eça de Queirós refere com grande pormenor a vida dos “coolis” nas plantações, e, pelas expressões usadas, podemos inferir a sua crítica, a sua discordância e a sua revolta. Já referimos que a maioria esmagadora dos investigadores da sua obra não tem dúvidas em enaltecer o seu comportamento e considerá-lo um precursor na luta pelos direitos humanos, tanto mais que era o representante de Portugal numa colónia de Espanha, e isso limitava o seu poder de intervenção. Sobre as condições de vida dos chineses em Cuba refere: “A vida do cooli dissipa-se prodigamente: vivem nas plantações em barracões n’uma promiscuidade immunda: a quantidade de trabalho que devem fornecer é excessiva; não depende de regulamentos fixos, depende da vontade do maiorial, e tem apenas por limite a extenuação do cooli: ha épocas, affirmaram-me que elle trabalha 18 horas por dia. A alimentação, que devia ser abundante para revigorar a fadiga da machina, é escassa, composta exclusivamente d’um mau arroz. Os castigos são frequentes: a lei prohibe-os, mas o habito continua-os”²⁰⁹.

As condições são tais que, segundo Eça de Queirós, muitos dos chineses trabalhadores das plantações de açúcar só vêem uma forma de escapar à tirania. Suicidam-se. “A cana atirada e sacudida desprende de si uma especie de algodão esbranquiçado e pegajoso, que introduzindo-se na boca, colando-se á pelle suada produz uma comichão desesperadora e

²⁰⁸ A Emigração como Força Civilizadora, pag 137

²⁰⁹ Idem

febril. Os coolis nos primeiros tempos sucumbem, e só trabalham sob as chicotadas impiedosas do maioral. É certo que muitos, enraivecidos e impotentes, se suicidão”²¹⁰.

Eça de Queirós quer transmitir a verdadeira grandeza desta tragédia e acrescenta que “estes acontecimentos são frequentes: um plantador riquíssimo contava-me que tinha visto na sua fazenda, uma manhã, 18 ou 20 chinos enforcados n’um macisso de coqueiros”.²¹¹ Apesar destas descrições de Eça serem suficientemente elucidativas das péssimas condições de trabalho escravo da comunidade chinesa nas Antilhas Espanholas, o cônsul não pôde deixar de referir que, isto não é a pior situação a que o *coolí* está sujeito. O incumprimento da lei é total: “Mas a grande tyrannia exercida sobre o coolí, é a dos reengajamentos: pela lei o coolí, que findar o seu primeiro contracto de 8 annos deve sahir da ilha á sua custa, ou recontractar-se de novo”²¹². O objetivo desta lei, segundo os proprietários era o de evitar, que, uma vez livres do contrato que os tinha trazido à ilha, os chineses se pudessem organizar e “se formasse em Cuba uma população china, independente e ociosa.”²¹³

Claro que Eça discordava desta avaliação do chinês livre já que: “uma experiencia porem de 20 annos tem mostrado, que se ha creatura trabalhadora, occupada, productiva, asafamada, é o coolí livre”²¹⁴ A verdade, observa Eça é que “O coolí ao fim do seu contracto nunca tem os meios necessarios para voltar á China”²¹⁵. Então as soluções são poucas “Este reengajamento é o grande terror dos coolis: para o evitar fogem refugio-se na manigua²¹⁶, asylo-se na insurreição, matão-se”²¹⁷.

Toda esta situação deixava o cônsul português revoltado e vêm à superfície os seus sentimentos de solidariedade para com os mais desprotegidos, a sua profunda oposição à exploração humana e, (porque não dizê-lo?), as ideias socialistas que tinha bebido de França e dos seus amigos e confrades de tertúlias coimbrãs e lisboetas.

²¹⁰ A Emigração como Força Civilizadora, pag 137

²¹¹ Idem

²¹² Idem

²¹³ Idem

²¹⁴ Idem pag.138

²¹⁵ Idem

²¹⁶ Terrenos abandonados e cheios de mato

²¹⁷ A Emigração como Força Civilizadora, pag 138

Eça de Queirós *estica para além do possível* as suas competências de cônsul e, conhecedor das péssimas condições em que viviam os chineses em Cuba, atribui-lhes um enorme número de vistos portugueses, para que a vida de explorados pudesse melhorar. Assim se depreende que, não teve reservas em enfrentar os grandes proprietários e as suas poderosas organizações, na defesa daqueles desgraçados. E não foi por falta de pressões a que foi, diariamente, submetido. Uma vez através de mensagens mais ou menos claras e outras de forma absolutamente descarada e apontando diretamente para os elevados proventos financeiros que lhe poderiam advir da colaboração com a poderosa Comissão Central.

Referida a questão financeira, é bom referir que Eça de Queirós não tinha fortuna pessoal e vivia, fundamentalmente, dos seus honorários consulares. Dizendo isto, realça-se o que significou, em termos pessoais, o abdicar da possibilidade de muito maiores proventos.

Foi este comportamento que levou a que muita gente considerasse o cônsul Eça de Queirós como um precursor da defesa dos Direitos Humanos²¹⁸ e, como já dissemos, que o embaixador Mário Duarte o denominasse “Cônsul ao Serviço da Pátria e da Humanidade”²¹⁹, destacando a dupla qualidade de patriota e humanista.

No entanto, Eça de Queirós reconhece quão difícil é a tarefa e o relativo sucesso que consegue obter: “Os chinos livres, ou considerados assim porque tinham cumprido todos os seus contractos e possuíam a cedula de cidadão portuguez e trabalhador livre, não tinham uma existencia mais segura. O documento portuguez não dava ao cooli nenhuma garantia. O direito do Consulado de Portugal de proteger a população chinesa, e legalisar a sua situação civil, nunca foi completamente reconhecido”²²⁰.

Ainda assim, Eça não desistia e conseguia movimentar-se para que o seu esforço não fosse completamente inútil: “As influencias do Consulado, as relações extra-officiaes, as

²¹⁸ Cerca de setenta anos depois, assistimos a outro episódio em que o cônsul português em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes salvou do Holocausto milhares de judeus, a quem atribuiu vistos portugueses permitindo-lhes a fuga aos nazis, invasores de França.

²¹⁹ Eça de Queiroz, Cônsul, ao Serviço da Pátria e da Humanidade

²²⁰ A Emigração como Força Civilizadora, pag 138

sympathias que podia inspirar ás auctoridades erão as unicas rasões, por que esse direito se podia exercer, sem obstaculos muito definidos”²²¹.

Apesar disso a segurança não era completa: “O Consulado de Portugal era assim considerado como a manigua: o chino que se reclamava d’elle era equiparado ao que fugia para as florestas do interior: era legitimo, meritorio, legal, arrancal-o de la, e restabelecêl-o em trabalhos uteis, para maior riqueza dos proprietarios, e maior civilisação da Ilha”²²².

Eça de Queirós assinala o que, na sua opinião, é indispensável para que a lei possa ser cumprida e os trabalhadores imigrantes vejam respeitados, minimamente, os seus direitos: “O chino não tinha nenhuma garantia perante a justiça: o codigo hespanhol tinha para todos os crimes commettidos por chinos a mesma pena, uniforme e fixa, o presidio”²²³.

O espírito solidário e sensível de Eça de Queirós fica plenamente assinalado neste trecho em que lamenta profundamente a situação dos chineses: “É o systema de perpetuar o cooli nos trabalhos d’utilidade publica. É doloroso o espectáculo d’aquelles desgraçados, que, a tarde, atravessão as ruas d’Havana, voltando dos fossos, das obras de defesa, aos ranchos, esfarrapados, sucumbidos, esqualidos, desorganizados, com a grilheta ao pé sob a vergasta dos guardas. O grande mal d’aquella colonia china era a falta d’uma protecção consular.”²²⁴

Era esta protecção que Eça de Queirós queria protagonizar, embora não fosse uma tarefa fácil, e os obstáculos eram enormes: “Os coolis eram subditos portuguezes, por uma concessao generosa da Capitania Geral. Os chinos vinhão do interior do imperio: o simples transito por Macao não podia constituir um acto de naturalizaçãõ; a interferencia portuguesa nos contractos, nos embarques era um simples acto de policia do porto. Foi sempre a theoria da administração de Cuba.”²²⁵

Eça definia, assim, a sua estratégia consular: “O Consulado por tanto não podia tirar da legitimidade do seu direito a força legal para as reclamações definitivas: a sua acção era

²²¹ A Emigração como Força Civilizadora, pag 138

²²² Idem, pag 139

²²³ Idem, pag 140

²²⁴ Idem

²²⁵ Idem

sobretudo officiosa, e tinha de ser reservada para se não tornar irritante. Aquella grande colonia de cem mil homens estava assim abandonada á classe dos proprietarios, que tendo a lei, a força, o arbitrio, a fasiaõ produsir ate á extinção da vida”²²⁶.

Assinala uma contradição entre a realidade vivida pelos chineses e a sua importância na economia da ilha face ao bom desempenho nas plantações: “E o cooli não tem outra defesa mais que a sentimentalidade abstracta dos humanitarios, quando necessitão uma protecção consular, legal, perseverante, e fortemente apoiada. De resto as authorities da Ilha reconhecem a condição desolada dos trabalhadores chinos, mas teem de seguir a logica da economia rural da Ilha”²²⁷.

Mas Eça não tem dúvidas das dificuldades passadas pelos chineses e do seu previsível agravamento, face à luta pelo fim da escravatura dos negros que, paradoxalmente, iria fazer piorar a situação dos chineses, já que a ambição desmedida dos proprietários pelo lucro não iria abrandar e iriam sobrecarregar os orientais: “A situação dos coolis é hoje mais que nunca desgraçada. Os escravos estão na véspera da libertação; a emigração cooli está prohibida: o elemento negro falta, o elemento chino não pode ser renovado. Todas as necessidades de trabalho da Ilha tem de recahir pesadamente sobre a colonia existente. A prohibição da emigração satisfez por um momento a philantropia, e já nenhum humanitario pensa na colonia chinesa da Cuba”²²⁸.

Ele próprio via que: “o Consulado de Portugal, que se não era um reclamador legal, era um representante da consciencia publica, já não protesta pela sua presença e pelas suas representações contra a tyrannia proprietaria. Os documentos portuguezes, que garantiam alguns, já não tem valor”²²⁹.

Por outro lado, Eça de Queirós, pensa que os fazendeiros cubanos nutriam pelos chineses um verdadeiro racismo, desconsiderando-os completamente: “Alem d’isso o proprietário cubano tem adquirido no contacto dos coolis tal desprezo, tal repulsão pela raça amarella,

²²⁶ A Emigração como Força Civilizadora, pag 140

²²⁷ Idem, pag 141

²²⁸ Idem

²²⁹ Idem

que elle considera inferior ao negro e pouco superior ao animal, que lhe seria impossível respeitar n'ella a dignidade e os direitos do operario livre”²³⁰.

Já referimos que Eça era claramente eurocêntrico, mas não podemos esquecer a época em que estes episódios ocorreram. Eram os europeus que dominavam o mundo, pese embora os americanos comesçassem a afirmar-se como grande potência industrial, económica e até militar e, assim, era a forma de sociedade europeia que servia de termo de comparação a Eça de Queirós.

Ele próprio criticava a forma como os chineses viviam, porque a isso eram obrigados e porque tinham aspeto e hábitos tão diferentes dos europeus: “Uma colonia china suja, mancha, desmoralisa uma cidade. Os casebres immundos em que vivem em aglomerações de 800 e 1.000, na promiscuidade e no deboche, a sua sociedade sem mulheres, o seu traje sordido, a sua phisionomia lívida, viscosa e astuta, o seu ar desconfiado e avaro, a sua lingua aspera e inaccessivel, tudo provoca, nas nossas ideias cultas e refinadas, um retrahimento geral”²³¹.

No entanto a sua capacidade de trabalho e as miseráveis condições em que vivem, tornam-nos indispensáveis à exploração da cana do açúcar e dão vantagens concorrenciais aos “seus proprietários”, na disputa da maior fatia do valioso e crescente mercado internacional do açúcar.

Neste mercado, os concorrentes de maior peso são precisamente, os fazendeiros espanhóis e alguns cubanos, os ingleses, os franceses e já os americanos que desenvolviam maquinaria superior: “Tem-se discutido muito os resultados que esta vasta emigração tras as colonias que a empregão. Eu creio que estes resultados são desvantajosos: o nivel de producção é incontestavelmente levantado; em Cuba, por exemplo, é evidente, que 60 ou 80 mil chinos, a quem se dá um pouco d'arros, se paga 4 dollars por mez, e fas trabalhar 15 horas por dia, applicados em massa á cultura do assucar, provocão uma alta producção por um preço baixo: o mesmo numero de trabalhadores livres com salarios elevados, de 30 ou 40 pesos ao mez, e

²³⁰ A Emigração como Força Civilizadora, pag 145

²³¹ Idem, pag 146

horas regulares de trabalho, 8 ou 10, farião uma produção muito inferior por um preço mais elevado”²³².

Eça de Queirós mostrava alguma admiração pelas qualidades dos naturais mas, como já referimos em capítulo anterior, a sua animosidade para com Espanha e tudo o que pudesse ser influenciado pela dependência espanhola, levava-o a descrer nas possibilidades de um grande desenvolvimento: “As Republicas Hespano-Americanas teem uma população inteligente, nervosa, ardente, excessivamente impressionável, mas por isso mesmo incapaz d’uma actividade perseverante, e d’um esforço duradouro: o longo absolutismo hespanhol que tinha como systema politico amolecer, aniquilar as vontades; o abuso d’um catholicismo ardente, tinha paralelamente o mesmo systema d’absorção.”²³³

E não deixava de criticar a organização espanhola, no que às suas colónias dizia respeito e que ele havia conhecido bem no desempenho das suas funções consulares: “Assim a Hespanha pelo estabelecimento de uma nobresa numerosa, pela constituição d’um clero privilegiado, pela organização d’um funcionalismo onnipotente criava na América uma sociedade velha, inteiramente leal aos interesses da corôa, rica de dotações e pobre de iniciativa,- classe victoriosa, _ que explorava, _em nome da corôa e para esplendor da corôa _ uma raça vencida e um paiz conquistado. A emigração livre, espontânea com intensão colonizadora não estava, assim, nos planos do Conselho de Castella nem existiu na realidade”²³⁴.

Creemos ter citado abundantemente Eça de Queirós, de forma que fique bem demonstrada a sua ação em defesa dos chineses imigrados em Havana e o seu pensamento sobre a indigna exploração de que eram alvo. Não podemos, no entanto, deixar de referir opiniões que sobre esse desempenho já foram expressas e que, com exceção da que foi expressa por Joaquim Palminha da Silva, são claramente abonatórias do seu labor e da clareza das suas ideias. Para Joaquim Palminha da Silva, talvez esquecendo as funções oficiais do cônsul e as consequentes limitações legais, (tanto mais que as Antilhas Espanholas eram à época

²³² A Emigração como Força Civilizadora, pag 146

²³³ Idem, pag 107

²³⁴ Idem, pag 20

colônias dos vizinhos ibéricos e o cônsul não deveria levantar incidentes diplomáticos), Eça de Queirós não foi suficientemente claro no apoio à luta pela independência que ocorria no tempo em que desempenhou as funções consulares em Havana: “tentar expôr que coordenadas decidiram o estranho alheamento político sofrido por Eça de Queirós em Cuba, o qual ditou, contra tudo o que seria lógico, um certo menosprezo na avaliação das forças independentistas existentes em Cuba, assim como do movimento cultural que as antecedeu”²³⁵.

E Palminha da Silva vai mais longe na sua crítica ao cônsul, sem deixar, no entanto e até contraditoriamente, de se referir ao seu humanismo: “escreveu insensatamente sobre a luta de independência de Cuba, ainda que não seja de desprezar o «piedoso» humanismo dos seus relatórios sobre os emigrantes chineses provenientes de Macau”²³⁶

É, no entanto, o próprio Palminha da Silva que, de certa forma, vem justificar esse alegado alheamento que o cônsul demonstrou pela luta pela independência da colônia espanhola ao citar Armando de Aguiar que em 1951 referia uma vigilância que, por parte de Espanha, era exercida sobre a forma como Eça de Queirós se poderia relacionar com a causa da insurreição: “Eça de Queiroz, não querendo cair em desagrado perante as autoridades, classificou de um «caso sem importância local» o grande movimento conspirador de Cuba. Talvez ... tivesse conhecimento da existência de uma ordem secreta enviada de Madrid autorizando o governador a suspendê-lo das suas actividades e a expulsá-lo sem necessidade de formar processo, se manifestasse simpatia pela causa dos insurretos”²³⁷.

Parece elucidativo.

De resto todas as outras fontes que consultámos são unânimes em considerar o desempenho consular de Eça de Queirós em Havana, digno dos maiores elogios e realçam a sua coragem ao enfrentar a poderosa organização que reunia os fazendeiros, colocando-se ao lado dos pobres chineses e declinando a hipótese de enriquecer à custa de uma não hostilização dos patrões.

²³⁵ O Nosso Cônsul em Havana: Eça de Queiroz, pag 14

²³⁶ Idem, pag 17

²³⁷ Idem, pag 160

Para Julita Scarano, “O trabalhador braçal, de que escravo é visto como um mero instrumento, cuja função é apenas a de fornecer sua força de trabalho, na mais completa ignorância de seus direitos. Eça de Queiroz vai ver a questão de outra maneira, muitos de seus analistas julgam que por altruísmo”²³⁸.

Mas, a autora citada, pensa que as posições de Eça de Queirós não se devem apenas a uma questão de simples altruísmo romântico e inconsequente, mas antes a uma discordância de fundo e fundada nas suas mais sólidas convicções.

Para justificar esta opinião e, para que não restem dúvidas, que Eça, não só não concordava com o tratamento desumano que era dado aos chineses como tudo o que estava ao seu alcance era feito para dar conhecimento a Lisboa dessa indignidade, acrescenta: “O cônsul, escrevendo a seu superior em Lisboa diz: Nada justifica Exmo Sr. estas legislações desumanas e o estado revolucionário da Ilha não legitima esta condição subalterna e vexatória feita aos colonos”²³⁹

Vários diplomatas portugueses de carreira, conhecedores dos meandros da função, não poupam nos elogios à ação desenvolvida por Eça de Queirós enquanto representante de Portugal nas missões para onde foi enviado.

José Calvet de Magalhães refere-se ao trabalho de Eça em Havana destacando: “Durante os primeiros cinco meses em que Eça se conservou em Havana (Janeiro a Maio de 1873) os seus esforços para melhorar a situação dos chineses produziram bastantes resultados, conseguindo regularizar a situação de um grande número de emigrantes”²⁴⁰.

Conhecedor de algumas críticas feitas ao desempenho de Eça, e já aqui referidas, o embaixador Calvet de Magalhães não as considera justas e acrescenta: “Alguns críticos de Eça censuram-no por não ter proposto a supressão da emigração dos chineses de Macau insinuando que ele beneficiava do sistema através dos emolumentos consulares que recebia. Se é certo que beneficiou desses emolumentos, vantagem que nunca ocultou, a verdade é

²³⁸ Migração sobre contrato: a opinião de Eça de Queiroz, pag 6

²³⁹ Idem

²⁴⁰ Eça de Queirós, cônsul e escritor, pag 14

que a crítica tem pouca consistência visto que Eça não pretendia permanecer mais tempo em Havana”²⁴¹.

Como todos os homens que deixam obra, Eça de Queirós, até pela forma incisiva e irónica com que zurzia nos seus adversários políticos e de tertúlia, foi acusado de vaidoso e, até, de petulante.

Quanto à fama injusta de que Eça fosse vaidoso, Calvet de Magalhães relata-nos um episódio de que teve conhecimento, em primeira mão, e que nos mostra uma faceta de humildade não muitas vezes referida: “Aos seus colegas consulares ele escondia, todavia, a sua actividade literária. Já depois da sua morte, em 1901, António Feijó, diplomata e poeta, encontrou em Estocolmo um antigo cônsul sueco que fora colega de Eça em Newcastle, que lhe pediu notícias sobre ele. Chamava-se Conde de Bankow e disse a Feijó que tinha mantido uma grande intimidade com o seu colega português, viam-se todos os dias, comiam no mesmo restaurante, frequentavam as mesmas casas, davam juntos algumas fugidas a Londres e Paris, tudo isto durante anos. Mas ignorava completamente que Eça era um escritor, e um escritor de renome, e recusava-se a acreditar que assim fosse, só se convencendo quando Feijó lhe mostrou um postal com a fotografia do monumento do largo do Barão de Quintela”²⁴². Podemos, pois, acrescentar mais uma qualidade a Eça de Queirós: a humildade.

O embaixador Mário Duarte vai muito mais longe nos elogios atribuídos a Eça de Queirós nas várias facetas da sua vida. Este testemunho é tanto mais de realçar porquanto Mário Duarte também desempenhou funções diplomáticas em Havana e contactou com pessoas que tiveram conhecimento muito próximo da atividade de Eça como cônsul.

Diz Mário Duarte: “A par da ideia extraordinária que sempre tive do escritor, permanece hoje um sentimento de admiração pelo homem, no convívio familiar, e pelo cônsul ao serviço da Pátria e da Humanidade”²⁴³.

²⁴¹ Eça de Queiroz, Cônsul, ao Serviço da Pátria e da Humanidade, pag 16

²⁴² Idem, pag 6

²⁴³ Idem, pag 21

Mário Duarte considera mesmo que Eça de Queirós foi o primeiro a pugnar em defesa dos trabalhadores chineses e, não tem qualquer dúvida em afirmá-lo de forma inequívoca: “Chin-lan-pin, embaixador chinês, chegou a Cuba em 1874, depois de ouvir as queixas dos seus infelizes patriotas, expressou o seu desacordo com tanta crueldade e o seu firme propósito de apresentar a correspondente reclamação diplomática. Mas não é, com certeza o primeiro acto de protesto contra as vicissitudes dos contratos de trabalhadores chineses e, sobretudo, contra a ignomínia dos «depósitos», terríficos campos de concentração em tempos de paz. Essa honra cabe a um português”²⁴⁴.

Mário Duarte chega a colocar num patamar equivalente dois aspetos da vida de Eça de Queirós. O seu valor como novelista e o profundo humanismo revelado nos relatórios que ia enviando para o ministério dos Negócios Estrangeiros: “Em decoro da verdade é preciso tornar conhecida a obra desse grande mestre do realismo, brilhante como novelista, sempre profundo no seu sentido humano, e talvez nunca tão profundo e tão brilhante como através dos seus relatórios concernentes ao conflito com os chineses vindos de Macau, quando no desempenho das suas funções se revela não só o primeiro combatente dos «campos de concentração» mas ainda um funcionário que muito honrou a sua carreira e a sua Pátria: Eça de Queiroz, Cônsul de Portugal em Havana”²⁴⁵

Há quem, como Joaquim Palminha da Silva, queira pôr em dúvida a sinceridade, a dedicação à causa dos chineses e o humanismo do comportamento de Eça de Queirós em Havana, chamando a atenção para o facto de os chineses pagarem pelos vistos, o que Eça nunca escondeu²⁴⁶.

A esses responde o embaixador Mário Duarte, de forma a que fosse reposta a verdade e lembrando que os proventos do cônsul teriam sido muito maiores se a sua atitude fosse diferente: “Em face desta situação, o Cônsul Eça de Queiroz tem que optar por uma destas

²⁴⁴ Eça de Queiroz, Cônsul, ao Serviço da Pátria e da Humanidade, pag 26

²⁴⁵ Idem

²⁴⁶ Mais tarde, em 28 de Novembro de 1878, lembrando a Ramalho Ortigão a sua ação em favor dos chineses, escrevia: “Na Havana, era apenas pago pelos chins, pelos serviços que lhes fazia; pagavam-me bem, honra seja feita aos chins, e deram-me uma bengala de castão de ouro! É verdade que eu, pelo menos por alguns anos futuros, garanti-lhes mais pão e menos chicote”.

alternativas: ou adere à Comissão Central²⁴⁷ ou luta contra ela. No primeiro caso, tornar-se-á rico, receberá toda a classe de considerações, sobretudo se souber de começo simular hostilidade capaz de alarmar os negociantes. No segundo caso, terá de percorrer um caminho cheio de lutas, de ameaças e dissabores”²⁴⁸.

Perante a difícil situação, a Eça de Queirós coloca-se uma provação às suas mais profundas convicções que professava desde a sua juventude. Havia que fazer escolhas e ele fê-las.

Mário Duarte acentua que, além de denunciar a situação vivida pelos trabalhadores chineses, o que por si só já seria um sinal de coragem, o cônsul insiste com o Ministro dos Negócios Estrangeiros para que alguma coisa seja feita: “E não se limita a pintar a situação; pede providências, sugere soluções com absoluto sentido da realidade. Dentro do regulamento da Emigração cabem, segundo o seu modo de ver, providências imediatas.”²⁴⁹

Mário Duarte lembra-nos o que dizia um dos homens que melhor conheceu Eça de Queirós: “Como muito bem disse o seu grande amigo Eduardo Prado «Eça de Queiroz teve a rara boa sorte de iniciar a sua prática dos homens e das coisas por uma obra de realidade, de honra e de amor»”.²⁵⁰

Mário Duarte põe ênfase num aspeto menos vezes referido pelos estudiosos do papel desempenhado por Eça nas suas funções consulares. O de que não foi só em Havana que a atuação humanitária do cônsul se observou. Lembra-nos que também os portugueses emigrantes não em Cuba mas na América (EUA) sofreram de condições indignas para qualquer ser humano, independentemente da cor da sua pele. Este facto levou a que Eça fosse o único apoio certo para os emigrantes portugueses fugidos da América e que chegavam a Havana, pobres, esfomeados e desiludidos: “Muitas vezes ele se vê obrigado a empregar dinheiro do Consulado para socorrer portugueses desvalidos, embora reconheça

²⁴⁷ “A Central de Colonização, que chamou a si, com o beneplácito e conviência das autoridades locais, os negócios de emigração. Composta dos proprietários mais ricos de Cuba, acabou por conseguir que nenhum asiático pudesse tirar do consulado a sua cédula sem que ela fosse ouvida a respeito” Vianna Moog, Eça de Queiroz e o Seculo XIX, pag 182

²⁴⁸ Eça de Queiroz, Cônsul, ao Serviço da Pátria e da Humanidade, pag 29, citando Vianna Moog

²⁴⁹ Idem, pag 29

²⁵⁰ Idem, pag 35

nos relatórios que esse modo de proceder é mais amplo do que o autorizado pela legislação”.²⁵¹

Os elogios de Mário Duarte não conhecem limites e caracteriza o cônsul de uma forma clara e, simultaneamente, de grande admiração pela ação consular de Eça de Queirós: “era assim o artista, o sábio, o escritor ilustre. O cargo de Cônsul não era um meio para viajar e correr Mundo. Era um modo de servir e honrar Portugal e os interesses dos portugueses”²⁵²

Vianna Moog estudou profundamente Eça de Queirós em todas as vertentes conhecidas e, como já deixámos antever, não deixou de se referir ao seu desempenho em Havana e também à missão que desenvolveu nos Estados Unidos da América, a pedido do governo de Portugal.

Vianna considera que as decisões do cônsul são influenciadas pelas ideias que tinha bebido em Portugal, mas claramente trazidas de França: “O socialista Eça de Queiroz, adepto da Internacional, vai agora dar prova de sua lealdade a seus ideais. Não hesita um só minuto. Não tem dúvidas nem vacilações. Fica do lado dos chineses. Portanto, contra o capitalismo que procura enriquecer com o trabalho escravo; contra os potentados da Comissão Central; contra o governo, contra tudo e contra todos, em defesa da massa anônima dos oprimidos que nada lhe podem dar em troca”²⁵³.

Vianna Moog mostra as dificuldades encontradas pelo cônsul português na sua cruzada em prol dos chineses e na sua oposição à escravatura de que os orientais eram vítimas, realçando as condições em que Eça de Queirós encontrou, até porque o outro lado estavam os ricos e poderosos proprietários das plantações: “Em Havana, como ele prevê, as suas constantes reclamações são acolhidas de má vontade. Quando verificam que esse moço de vinte e seis anos não está disposto a deixar-se corromper, movem contra ele uma guerra sem quartel. É o inimigo de todos. Pois se não quer vender, nem enriquecer, dando o seu apoio ao tráfico dos chineses, deve ser considerado rebelde e terá contra ele os poderosos

²⁵¹ Eça de Queiroz, Cônsul, ao Serviço da Pátria e da Humanidade, pag 39

²⁵² Idem, pag 29

²⁵³ Eça de Queiroz e o Seculo XIX, pag 184

de Cuba. A seu favor terá somente as lágrimas dos escravos, o seu vago e inútil reconhecimento”²⁵⁴.

Perante a irredutibilidade do cônsul português na defesa dos direitos dos chineses, a Comissão Central envida todos os esforços para que os assuntos referentes aos trabalhadores chineses passem a ser tratados numa embaixada chinesa, onde seriam mais maleáveis aos interesses dos patrões. Essa tentativa é assim comentada por Vianna Moog: “Percebe-se sem grande esforço que à gente da Ilha convinha muito mais essa embaixada chinesa, feita ao jeito da Comissão Central, amoldável às suas ambições, do que um homem intratável como esse cônsul reclamador de Portugal. O que mais os irrita é a sua insensibilidade em frente da fortuna e a sua inacessibilidade pelas seduções”²⁵⁵

Mas não são só os emigrantes chineses, em Cuba, que sofrem de condições infra-humanas. Com a abolição da escravatura negra e a falta de mão-de-obra nos Estados Unidos da América, onde a pressa de desenvolvimento fazia prodígios, a emigração europeia para a América atinge níveis enormes. Não havia nenhum dia em que, de qualquer porto europeu, não saíssem navios carregados de emigrantes provenientes de vários países. Com a crise instalada em Portugal são milhares os portugueses que demandam o Novo Mundo, em busca da fortuna que se dizia fácil. Puro engano.

Vianna Moog, no livro já citado, refere-se aos emigrantes portugueses que iam para os Estados Unidos, maioritariamente para a Califórnia em busca de ouro, que se dizia abundar por todo o lado, integrando-se no movimento que se tornaria conhecido como “a corrida ao ouro”: “Agora, contudo, em vez de exercerem a sua dureza sobre os negros, exercem-na sobre o emigrante branco. Os emigrantes portugueses não escapam a este tratamento. Em Nova Orleães sucedem-se coisas incríveis. Tão estranhas que o Ministro português se vê obrigado a requerer providências do Governo Americano. Não quer, contudo, dar esse passo, sem informar-se previamente do assunto por meio de uma severa investigação. Para executar essas funções não conhece ninguém mais capacitado que o Cônsul na Havana. Com efeito, Eça de Queiroz tinha estudado já a questão. A Havana era o refúgio desesperado dos

²⁵⁴ Eça de Queiroz e o Seculo XIX, pag 184

²⁵⁵ Idem

portugueses fugidos das plantações da Virgínia, atraídos à América por companhias que traficavam com a emigração”²⁵⁶.

Vianna Moog descreve a deslocação de Eça de Queirós junto dos emigrantes portugueses, na América, como tendo sido a única oportunidade deles serem ouvidos e, de alguém dar seguimento às suas justíssimas queixas: “Em Maio de 1873, Eça de Queiroz chega aos Estados Unidos. Entra imediatamente em contacto com os emigrantes portugueses. Não se limita a fazer indagações. Ajuda-os como pode. Examina-lhes os contractos, procura saídas para libertá-los. Junta depoimentos e constitui o processo. É um inquérito que honra o cônsul. Andrade Corvo fica de tal modo impressionado com o seu trabalho que o manda imprimir e distribuir pelas várias chancelarias da Europa e da América”²⁵⁷

Também João Gaspar Simões, um dos maiores investigadores da vida e da obra de Eça de Queirós, e autor de vasta obra (leitura obrigatória para quem queira conhecer melhor este ilustre português), se refere a este episódio de uma forma bastante similar: “O esforço que Eça de Queiroz desenvolve para minorar as condições de escravatura em que viviam e trabalhavam os coolies, em Cuba, são seguidos atentamente em Portugal e o MNE, Andrade Corvo, envia-o em missão oficial à América do Norte. Embarca no dia 30 de Maio de 1873 com a missão de «proceder a uma diligência mandada instruir pelo embaixador naquele país acerca das condições em que tinham vivido em Nova Orleães e outras regiões da América do norte os colonos portugueses que aí residiam em 1872. Elabora um processo modelar que o ministro dos Estrangeiros de então manda imprimir e se torna famoso nas chancelarias da época»”²⁵⁸.

Segundo Eusébio Leal Spengler,²⁵⁹ quando se refere elogiosamente à permanência de Eça de Queirós por Havana, onde ainda existem inúmeras marcas da passagem do português por Cuba, e do seu desempenho como Cônsul: “documentos de arquivos e publicações periódicas da época refletem com uma breve intensidade, a sua mágoa silenciosa em relação

²⁵⁶ Eça de Queiroz e o Seculo XIX, pag 194

²⁵⁷ Idem, pag 195

²⁵⁸ Vida e Obra de Eça de Queiroz, pag 331

²⁵⁹ Eusébio Leal Spengler é conhecido, em Cuba, como um dos maiores historiadores cubanos e, igualmente, profundo conhecedor da passagem de Eça de Queirós pela Ilha e do meritório trabalho aí desenvolvido.

àquela cidade escravagista em decomposição, cujas contradições e acontecimentos em nada lhe foram alheios”²⁶⁰.

É bom lembrar, que Eça de Queirós permanece em Cuba em plena guerra da independência (tinha começado em 1868), e que a “importação de chineses *coolies*” tinha começado em 1847. Ainda segundo Eusébio Leal Spengler, “essa questão interessa-o particularmente e, nesse sentido, podemos incluí-lo entre os percursores da luta pelos direitos humanos e das minorias”²⁶¹ e “Os seus protestos quotidianos e a coragem do seu comportamento em favor dos oprimidos leva-o a advogar a extinção do infame comércio”²⁶². Este historiador cubano, não é parco em palavras quando se refere ao cônsul português: “Ter-se-ia revelado interessantíssimo se ele (referindo-se a Eça de Queirós) tivesse tido oportunidade de ler o relatório do Embaixador da China, Chen Lanpin, que visitou A Habana, em 1874, e descrevia as vicissitudes dos chineses na ilha. Os termos desses documentos coincidem integralmente com os enunciados queirosianos”²⁶³.

A obra literária de Eça de Queirós tem sido uma agradável surpresa para quem, português ou de outras nacionalidades, a ela tem dedicado os seus estudos. Este facto tem despertado a curiosidade também sobre outros aspetos da vida do escritor e, assim, cada vez há mais gente a conhecer a faceta política de Eça e, alguns, em número crescente, valorizam esta faceta, considerando, mesmo, ser ela determinante nas personagens criadas na sua obra de ficção. É o caso de César Lasso, um professor da Universidade Complutense de Madrid, especialista em Estudos Árabes. Nas suas investigações foi dar com “As Cartas de Inglaterra (Afeganistão e Irlanda, Israelismo e Os Ingleses no Egipto), e sentiu necessidade de se debruçar por toda a obra de Eça e pela sua atividade consular: “ La actividad de Eça en Cuba aumenta mi admiración por su talla humana. Eran tiempos de fuerte presión para abolir la esclavitud. El proceso estaba en curso en la isla y, como su economía productiva era dependiente de esta situación, los cubanos habían encontrado una serie de artimañas legales por las que, en la práctica, reducían a este régimen a

²⁶⁰ Eça em Havana, Revista de Letras e Culturas Lusófonas, nº 9-10, pag 24

²⁶¹ Idem

²⁶² Idem, pag 25

²⁶³ Idem, pag 26

supuestos trabajadores contratados en China. Ahora bien, los chinos embarcaban a Cuba desde Macao, territorio portugués. En la práctica, esa situación equivalía a considerar que el reino de España reducía a una situación denigrante a súbditos portugueses. Eça luchó incansablemente por mejorar las condiciones de esta sufrida comunidad, objeto del desprecio y el racismo de los cubanos de entonces, y presentó innúmeras propuestas para corregir las leyes y evitar la aplicación de tales artimañas. Aunque no fue un auténtico filántropo (cobraba a los chinos por libertarlos de la esclavitud), su actuación fue considerada brillante en Portugal y la comunidad oriental se sintió suficiente agradecida como para hacerle regalos al final de su mandato. Eça conservó con orgullo hasta final de sus días un lujoso bastón que los chinos le ofrecieron”.²⁶⁴

A escritora cubana Zoe Valdés, aprendeu a admirar Eça de Queiroz, quer na sua obra literária, quer a sua ação como diplomata em Cuba, por ter defendido os direitos da comunidade sino-cubana.

No último livro que publicou, "La Eternidad del Instante" (2004), a escritora relata, a propósito da história do seu avô materno - um cidadão chinês que abandonou o seu país em direção ao México e depois foi para Cuba -, como Eça, cônsul de Portugal em Havana, defendeu os imigrantes chineses: "Aí conto a história célebre no mundo sino-cubano da defesa que Eça de Queiroz fez daquelas pessoas que chegaram como escravas e que não foram legalizadas²⁶⁵". E acrescentou: "Eça de Queiroz iniciou uma espécie de movimento legal a favor dos chineses e conseguiu muitas coisas positivas para eles²⁶⁶".

Esta visão do trabalho de Eça, em Havana, feita por quem vive do "lado de lá" atinge uma dimensão ainda mais elogiosa no trabalho de Miguel Oca, que chega a traçar um paralelo entre o nosso cônsul e o herói José Martí no desenvolvimento de uma realidade cubana: "Eça de Queiroz y José Martí conciben indudablemente la Historia de Cuba. Cada uno en su

²⁶⁴ El orientalismo de Eça de Queirós y sus Cartas de Inglaterra

²⁶⁵ Declarações da autora à Lusa, aquando da sua passagem por Lisboa, para integrar o júri do festival de cinema digital Lisbon Village Festival, realizado entre 18 e 24 de Junho.

²⁶⁶ Idem

tiempo, bajo su perspectiva, sus ideales, su concepción política y personal. Cada uno dejó una huella irremplazable del acontecer cubano del siglo XIX, por muy escaso o profundo que haya sido su tránsito por la Mayor de las Antillas, como el de Eça en específico.”²⁶⁷

E clarifica: “Tanto Martí como Eça defendieron aquello que creían que era su verdad, desde sus puntos de vista. Ambos fueron fieles a su «patria», a sus ideales, en consecuencia con el tiempo vivido, a lo que propiamente ellos defendían como «nación». En los textos estudiados de ambos, las cartas, los poemas, o los discursos, encontramos un análisis al pormenor de la realidad, de cada uno de los sucesos en que participaron. Ambos, desde sus puntos de vista avizoraron el futuro de Cuba, describieron a los Estados Unidos como nación dormida que esperaba solo el momento ante la salida de España para apoderarse de Cuba y expandirse por Latinoamérica.”²⁶⁸

Creemos ter registado testemunhos suficientes para que não restem dúvidas, na nossa opinião, que Eça de Queirós demonstrou em Havana qualidades exemplares como diplomata e, mais importante, como defensor dos mais desprotegidos em oposição ao grande capital e à sua desenfreada exploração do operariado.

A voz mais dissonante é mesmo a de Joaquim Palminha da Silva que, como já referimos, aponta ao cônsul o «pecado» de não se ter colocado claramente ao serviço da insurreição vigente na colónia espanhola. Mas mesmo este facto é-nos esclarecido por Alan Freeland: “A insurreição não foi, portanto, suficientemente radical para atrair um apoio alargado entre os escravos das plantações ricas das províncias ocidentais da ilha, a área mais importante da cultura da cana-do-açúcar”²⁶⁹.

Freeland lembra-nos que na origem da insurreição estiveram fazendeiros brancos, homens de profissões liberais e alguns antigos escravos que, fundamentalmente, protestavam contra a política fiscal da administração espanhola, e que não convenceram Eça de Queirós de forma inequívoca que a escravatura acabaria para todos: “Por outro lado, a sua falta de

²⁶⁷ Miguel de Oca, *Disertación de Maestría en Estudios Portugueses, Especialización en Estudios Literários*

²⁶⁸ *Idem*

²⁶⁹ *Correspondência Consular*, pag XXII

simpatia para com a insurreição pode ter-se baseado numa consciência de os chefes dos rebeldes serem extremamente ambivalentes em relação à escravatura. A escolha moral e política que Eça teve de enfrentar em Cuba não era uma opção simples entre um regime espanhol opressivo e escravagista e um movimento de independência dedicado à abolição da escravatura. Na verdade, desde a publicação em Cuba em Novembro de 1872 da lei Moret, uma medida que, pelo menos no papel, libertava as crianças de mães escravas, diminuindo, gradualmente, a escravatura, e em especial com o estabelecimento da primeira República Espanhola em Fevereiro de 1873, poderia ter parecido a Eça nessa altura ser mais provável que a escravatura fosse abolida pelo governo de Madrid, do que pelo governo de uma Cuba independente em que os proprietários de escravos, conservadores, constituíssem uma voz poderosa”.²⁷⁰

João Gaspar Simões, outro dos importantes investigadores de Eça de Queirós e autor de vários livros e ensaios sobre o mesmo, também engrossa o número dos que se referem elogiosamente ao trabalho do cônsul em Havana: “E espevitado por ano e meio de idealismo crítico praticado nas *Farpas* e comungado nas *Conferências do Casino*, ei-lo que se empertiga na sua função consular e que chama a si corajosamente o dever de humanidade que lhe impunha a defesa dos Chins de Macau triturados pela máquina capitalista das Antilhas. É admirável a pugna que mantém com o capitão-general e as autoridades da ilha para arrancar os pobres coolies às grilhetas da escravatura. Através dos relatórios que envia para o ministério dos Negócios Estrangeiros pode seguir-se, par e passo, a acção desenvolvida pelo digno discípulo de Proudhon”²⁷¹.

E, logo em 1916, António Cabral foi dos primeiros a referir-se elogiosamente ao trabalho de Eça em Havana: “alcançou do governo (português) a extinção do comércio de escravos chins, a esse acto, se faz honra à sua memória, pela bondade que revela, foi de grave prejuízo para a sua bolsa, porque diminuiu em muito os emolumentos do consulado”²⁷².

²⁷⁰ Embora as cortes espanholas tenham aprovado a lei Moret em junho de 1870, os seus opositores em Espanha e, em especial, em Cuba, conseguiram adiar a sua implementação

²⁷¹ Eça de Queirós: a Obra e o Homem, pag 67

²⁷² António Cabral, Eça de Queiroz: a sua vida e a sua obra. Cartas e documentos inéditos, Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand, 1916, pag 140, citado por Alan Freeland

Os seus relatórios foram importantes para que, em Lisboa, as autoridades portuguesas decretassem, coincidindo com a saída de Eça de Havana, a proibição de Macau ser o ponto de partida dos emigrantes chineses para as Antilhas Espanholas. Esta situação tinha tido início em 1851, já depois da abolição da escravatura em 1845, e que era devida à falta de braços na então colónia espanhola.

Também Mário Quartin Graça, profundo conhecedor da luta cubana pela independência, abordou a questão da passagem de Eça de Queirós por Havana em tempo de guerra da independência. Pensamos ser clara a posição deste conhecedor da situação na região e, por isso, a transcrevemos para encerrar este capítulo: “Eça de Queiroz foi também testemunha da guerra de independência das Antilhas contra o domínio espanhol que decorreu entre 1868 e 1878, germe do que viria a ser mais tarde o conflito armado entre os Estados Unidos e Espanha, que levou à independência das Antilhas em 1898. Nas suas observações, porventura superficiais, Eça considerava que aquela insurreição não tinha em Cuba importância local, respaldo popular, nem força bastante; não obstante, julgava tratar-se de um movimento imparável, porque a sua força estava em Madrid, nos cubanos lá residentes e nos abolicionistas espanhóis; estava em Nova Iorque, na emigração cubana; estava na opinião pública dos Estados Unidos e estava na influência de certos jornais norte-americanos que iam propalando a ideia de uma intervenção do seu país. Mas, curiosamente, observava Eça, estava também nos cubanos ricos que, embora aparentemente dedicados a Espanha, apoiavam secretamente os revoltosos.”²⁷³

²⁷³ Mário Quartin Graça, ex-consultor e ex-Secretário-Geral da CAL, Casa da América Latina

III.2 – Inglaterra

Se é verdade que a sua ação em Havana é marcante para o seu futuro, é igualmente verdade que nos outros postos consulares onde viria a desempenhar funções oficiais em representação de Portugal, Eça de Queirós, não deixou de se preocupar com a situação vivida pelos operários de cada cidade por onde passou, e com os emigrantes portugueses que estivessem na zona.

Raul Rego, refere precisamente esse aspeto, logo no prefácio do livro que editou, com o relatório escrito por Eça, sobre a emigração: “Depois de Cuba e de ter ido estudar as condições dos operários da América do Norte, Eça de Queiroz é transferido para New Castle, e aí são as condições, não dos emigrantes mas dos operários, que ressaltam da sua observação atenta”²⁷⁴

Quando chega a Newcastle observa as más condições de vida dos operários e dos mineiros, o que, aliás, já tinha vislumbrado na sua viagem aos Estados Unidos e não deixa de o referir, em carta enviada ao seu amigo socialista Batalha Reis.

É assim que descreve a cidade industrial, lembrando, desde logo, que as condições de trabalho e higiene em que viviam os operários estavam longe de ser as ideais: “Uma cidade de tijolo negro, meio afogada em lama, com uma espessa atmosfera de fumo, penetrada de um frio húmido, habitada por 150000 operários descontentes, mal pagos e azedados e por 50000 patrões lúgubres e horrivelmente ricos”²⁷⁵. E acrescentava com a sua habitual ironia: “Saberás que Newcastle, onde há perto de 100000 operários, é o centro socialista de Inglaterra. Estou no foco. É desagradável o foco”²⁷⁶.

Alan Freeland também se refere ao interesse de Eça pelos trabalhadores ingleses das minas de carvão e para as condições em que desenvolviam um trabalho de grande dificuldade: “Sentimos, através destas obras, (livros que já tinham sido publicados) que são nossos conhecidos certos episódios da carreira consular de Eça, em especial a campanha que levou

²⁷⁴ A Emigração como Força Civilizadora, pag 7

²⁷⁵ Eça de Queirós, cônsul e escritor, pag 12

²⁷⁶ Idem

a favor dos trabalhadores chineses, e o seu interesse, aquando em Newcastle, pelo conflito industrial das minas de carvão daquela zona”²⁷⁷.

Também Julita Scarano, refere o papel de Eça que defendeu os mais desfavorecidos em todas as cidades onde desempenhou funções consulares (em rigor deve esclarecer-se que, esta característica, não era tão visível durante a sua estadia em Paris, a cidade da sua eleição e onde as suas preocupações eram outras, tanto mais que continuava a considera-lá a capital da cultura e talvez também, devido a uma maior atividade editorial. Aliás, Paris não era propriamente uma cidade onde os operários da indústria ou das minas abundassem): “Não podemos esquecer que o grande escritor foi cônsul em inúmeros lugares tais como Havana, New Castle, Bristol e Paris e segundo os seus biógrafos e comentaristas sempre se interessou pelos migrantes bem como pelos operários ingleses, isto é, o grupo de desfavorecidos que viviam nos lugares onde atuou. As considerações escritas sobre Cuba, bem como as de New Castle e Bristol foram conservadas no ministério português com a letra de Eça, portanto não sofreram influência e modificações posteriores”.²⁷⁸

José Lello também faz referência, no prefácio de uma outra edição da obra de Eça de Queirós, ao facto de Eça, durante a sua estadia em Inglaterra se ter preocupado com as condições de vida dos operários e dos mineiros: “ não o preocuparam apenas as condições em que viviam os portugueses em Nova Orleães e outras regiões da América do Norte, em 1872, nem apenas os emigrantes chineses que eram transformados em escravos pelos contratadores avaros, mas também as condições de vida dos operários e emigrantes em Newcastle, Bristol ou Paris, para os quais olha de uma forma diferente, dado encontrar-se numa outra fase da vida profissional e literária. Todas as situações que o indignavam, porque feriam a condição humana, iam para relatórios nos quais o cônsul não disfarçava o seu empenho em contribuir para proteger os mais desfavorecidos”.²⁷⁹

Eça de Queirós começa a ficar saturado da vida que levava em Newcastle e a sentir que a sua saúde era prejudicada pelas condições do ar que se respirava na cidade, com muita poluição

²⁷⁷ Correspondência Consular, pag XIII

²⁷⁸ Migração sob contrato: a opinião de Eça de Queiroz

²⁷⁹ José Lello, então Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas

motivada pelas chaminés das fábricas e os resíduos das minas de carvão da região. Refere-o em carta a Ramalho Ortigão: “olhando para esta cidade escura suja e cheia de operários descontentes sinto-me triste.No entanto pela falta de interesses é um excelente gabinete de estudo embora isto não queira dizer que não desejo ardentemente sair daqui.”

O seu trabalho consular, era diminuto quase que se limitando à burocracia relacionada com o despacho para envio de cargas.

Sobrava-lhe, assim, mais tempo para escrever os seus livros e, foi em Newcastle que escreveu o *Crime do Padre Amaro*.

A crise no carvão provocou entretanto graves problemas económicos e sociais em Inglaterra que Eça relatou e analisou brilhantemente.

Quatro anos em Newcastle e, em 1879, é nomeado para cônsul em Bristol. Passou a viajar, com frequência, para França. Viveu anos de grande intensidade de produção literária, pois, além de continuar a escrever crónicas para jornais portugueses e brasileiros, escreveu o *Primo Basílio*, preparou *Os Maias* e as *Cartas de Inglaterra* onde fica bem expressa a sua enorme qualidade como analista político.

Em 1886 casou, com Emília de Castro, irmã do seu grande amigo, o Conde de Resende e, em 1888 vão viver para Londres. Aqui termina e publica *Os Maias*.

III.3- França

Em 28 de agosto de 1888 é nomeado para o consulado de Paris, mas só assume a gerência do consulado-geral em 20 de setembro, após um episódio recambulesco, já que foi necessária a intervenção da polícia parisiense para entrar no edifício. A esposa do anterior cônsul, o visconde de Faria, não lhe quis entregar as chaves, que tinham ficado à sua guarda, uma vez que o visconde tinha ido a Lisboa, numa tentativa de evitar a sua substituição.

Uma vez a viver em Paris, a sua maior aspiração de sempre, Eça não esquece os seus compatriotas e, segundo Raul Rego: “depois, em 1889, colocado em Paris, Eça de Queiroz volta a ocupar-se da emigração portuguesa, já não da dos chineses de Macau, mas dos portugueses da metrópole”.²⁸⁰

Foi a sua última residência e há quem considere que Eça nunca se integrou na sociedade francesa, uma vez que convivia mais com amigos brasileiros e portugueses do que com os franceses.

Em 1894, numa carta que escreve a Oliveira Martins, descreve a sua vida na capital francesa: “Nós continuamos na remota província de Neuilly. A nossa casa agora é metida dentro de um jardim, que é ele mesmo metido dentro de um terreno, que por seu turno está metido dentro dum largo prédio de rapport. Tens decerto visto disposições iguais em caixinhas chinesas. Aí passamos uma vida provinciana e rotineira, como se vivêssemos em Carcassone ou Carpentras. Os nossos amigos interessantes estão dispersos e só vemos alguns conhecidos desinteressantes.”²⁸¹

Na mesma carta faz referência ao seu preocupante estado de saúde: “Eu é que não tenho andado bem de saúde. No Inverno tive influenza, ou uma série de pequenas influenzas. Fiquei fraco. Na minha qualidade de abdominal, essa fraqueza localizou-se sobretudo nos intestinos, que se tornaram anárquicos. Além disso o sistema nervoso está desnutrido e acanaviado. É esta, a meu respeito, a notícia mais importante. De resto, faço uma vida, não

²⁸⁰ A Emigração como Força Civilizadora, pag 7

²⁸¹ João Gaspar Simões, Eça de Queirós, pag 120

direi de cenobita, porque esses, pela imaginação, viveram uma vida delirante e grandiosa, mas de petit bourgeois retiré. Faço também literatura, uma literatura complicada, porque, com o vício de misturar trabalho, acho-me envolvido na composição, revisão e acepilhação geral de cinco livros."²⁸²

Desde o Eça de Queirós, cônsul em Havana e o agora cônsul em Paris, tinham ocorrido não só 26 anos mas muitas transformações a nível pessoal e familiar. O jovem solteiro e promissor cronista, tinha dado lugar a um chefe de família e, já então, um escritor e romancista consagrado.

É em Paris que escreve a *Ilustre Casa de Ramires* e *A correspondência de Fradique Mendes* publicada mais tarde, a título póstumo, e a que voltaremos, pois, para alguns dos analistas da sua obra, a personagem de Fradique Mendes tem muito da vida de Eça de Queirós e é influenciada pelas suas experiências consulares.

Em 16 de agosto de 1900 morreu em Paris, quiçá a cidade que mais ocupou o seu imaginário e que, durante muitos anos representou o seu ideal de civilização e cultura europeias. Cremos mesmo que a França e, particularmente, Paris estimularam o seu pensamento e a sua criatividade. O funeral de Eça de Queirós viria a realizar-se em Lisboa, com honras oficiais, cerca de um mês mais tarde.

Vianna Moog, termina o seu livro *Eça de Queiroz e o século XIX*, com a sua versão da morte do grande português: "As janelas foram abertas sobre o jardim, onde floriam as queridas tílias de agosto do muribundo. Um raio de sol veio ninbar-lhe a fronte. O padre perguntou-lhe se o ouvia. Êle já não pôde responder, mas ainda assim recebeu a extrema-unção. No orfanato vizinho, onde chegara a notícia que Eça estava morrendo, as mestras reúnem à pressa as pequenas sem pai que êle tanto amou, para entoarem em cântico o Miserere em sua intenção. Eça morria serenamente. Pelas janelas abertas espreitavam as vozes frescas das crianças inundavam os ares, quebrando o silêncio solene dos espaços. Um sino ao longe

²⁸² João Gaspar Simões, *Eça de Queirós*, pag 121

bate quatro pancadas. O calendário marca 16 de agosto de 1900. O século XIX também tinha terminado”.²⁸³ Esta última frase era uma alusão clara de que ninguém tinha representado e interpretado o século XIX tão bem com Eça de Queirós.

Infelizmente, o arquivo pessoal e muitos dos bens de Eça de Queirós desapareceram no naufrágio do navio S. André, junto a Sagres, que os transportava para Portugal, juntamente com o material que tinha estado nos pavilhões de Portugal na Exposição Universal de Paris, em 1900. Maria Filomena Mónica, na sua biografia de Eça de Queirós, chega a considerar que este episódio representa uma segunda morte do escritor e diplomata.

²⁸³ Eça de Queiroz e o século XIX, pag 349

IV- O PENSAMENTO POLÍTICO NAS PÁGINAS DE FICÇÃO

Sem pretendermos, por não ser esse o objeto do nosso estudo e por reconhecermos a nossa incapacidade para tal, fazer aqui uma análise da produção literária de Eça de Queirós, não podemos deixar de nos referirmos a algumas das personagens da sua obra de ficção por nos parecerem consequência da sua atividade profissional e da sua visão crítica e irónica das relações entre as várias classes sociais, das sociedades dos países em que viveu e do seu ideário ético-político.

Uma pergunta que se poderá colocar é: foi Eça de Queirós um inventor de personagens ou, pelo contrário, aproveitou a sua experiência de vida e das sociedades em que viveu para atribuir características às personagens da sua magnífica obra de “ficção”? Uma pergunta muito difícil de responder mas, inclinamo-nos mais para a segunda hipótese. E, deve reconhecer-se, que o fez de uma forma magistral para, com uma ironia inigualável, deixar páginas de uma riqueza ímpar que o transformaram num dos maiores vultos da nossa literatura. Se a esse importantíssimo aspeto juntarmos o de ter feito a sua vida “Ao serviço da Pátria e da Humanidade” poderemos afirmar, sem medo de desmentido, estarmos em presença de um dos maiores Portugueses da nossa História. É verdade que parte considerável da sua obra só foi publicada postumamente e esse facto poderá ter impedido um maior reconhecimento em vida.

Já Fidelino de Figueiredo, outro dos grandes admiradores da obra literária de Eça mas também da sua atividade diplomática, lembrava: “Quem se obstinar em ver na obra de Eça de Queiroz um documentário histórico sobre o Portugal seu contemporâneo, reduz a sua obra, apouca a pátria e envenena-se de híper-criticismo azêdo.”²⁸⁴

O mesmo autor, considerava ser a obra de Eça de Queirós, correspondente ao que foi a sua vida e a sua intervenção, universalista e intemporal e escrevia: “Para o meu coração português e para o meu espírito fiel à herança do século XIX é motivo de júbilo verificar a constância da adesão das gentes cultivadas do Brasil e dos países hispano-americanos à

²⁸⁴ “...um pobre homem da Póvoa de Varzim ...”, pag 24

obra e à memória de Eça de Queiroz.”²⁸⁵

A sua obra literária constituída por crónicas, publicadas em vários jornais portugueses e brasileiros, cartas, contos, romances e muitos documentos, alguns ainda hoje pouco conhecidos, aborda, entre outros assuntos, a emigração, a crítica social à sociedade portuguesa, especialmente a de Lisboa, a crítica irónica à forma de vida dos países por onde passou, sempre com a intenção de denúncia de qualquer forma de exploração. Este aspeto é também válido para as relações entre países.

Nas suas crónicas o autor mantém-se fiel ao que definia nas páginas do *Districto de Évora*²⁸⁶, e consegue transmitir uma visão tão real do que relata que transporta o leitor para os locais descritos.

A deslocação ao Egipto, para assistir à inauguração do Canal do Suez, deixa-lhe marcas profundas de profundo respeito pelos locais e de revolta pela desigualdade social verificada: “O Egipto (Notas de Viagem) é um dos preciosos inéditos agora publicados pelos seus filhos e, em verdade, dos que melhor justificam a sua publicação. Lá se contém, em forma arrumada e orgânica, todo esse orientalismo dos outros escritos, na parte especialmente respeitante ao Egipto; a filantropia sensível de Eça ou mais exactamente a sua cristianíssima piedade pelo fellah, relegado às mais humilhantes formas da servidão, menos em regímen jurídico que em sistemático desdém;.../... a preocupação de justiça na apreciação política da situação dos vencidos”²⁸⁷

Também para Isabel Pires de Lima, a vida e os vários países por onde passou o influenciaram e marcam a sua obra de uma forma muito nítida. Esta catedrática da Universidade do Porto, com obra publicada sobre Eça de Queirós, julga mesmo que o Oriente seduziu o escritor, ao ponto de escrever: “O Oriente será, na obra de Eça de

²⁸⁵ “...um pobre homem da Póvoa de Varzim ...”, pag 69

²⁸⁶ “conversa íntima, indolente, desleixada, do jornal com os que o leem: conta mil coisas, sem sistema nem nexos, espalha-se livremente pela natureza, pela vida, pela literatura, pela cidade; fala das festas, dos bailes, dos teatros, das modas, dos enfeites, fala em tudo baixinho, como quando se faz um serão ao braseiro, ou como no Verão, no campo, quando o ar está triste”, *Districto de Évora*, 6 de janeiro de 1867

²⁸⁷ “...um pobre homem da Póvoa de Varzim ...”, pag 94

Queirós, uma permanente referência mítica e real. A rápida viagem por ele empreendida ao Egito, Palestina, Síria e Líbano, na companhia de seu amigo e futuro cunhado, Luís, conde de Resende, entre finais de 1869 e os primeiros dias de 1870, com o pretexto de assistir à inauguração do Canal de Suez, irá marcá-lo indelevelmente; isto quando ele era ainda um jovem literato que, na sequência de uma rica vivência universitária, fizera os primeiros tentos literários, muito impregnados ainda de romantismo fantástico e de satanismo baudelairiano”²⁸⁸

Vejamos então, resumidamente, alguns exemplos, de obras de ficção em que se poderá observar a influência da sua paixão pelo Oriente, que visitou ou que imaginou a partir de leituras e testemunhos de visitantes.

Desde logo no romance *A Relíquia* (1887), em que Teodorico Raposo (protagonista e narrador) que descende, pelo lado do pai, de uma família de Évora, onde Eça viveu cerca de sete meses, para ganhar as boas graças de uma tia titular de grande fortuna, resolveu traçar uma estratégia que lhe permitisse a aproximação à rica tia. Perante a recusa da tia em pagar-lhe uma viagem a Paris, a paixão de Eça, e cidade do vício e da perdição no entender da velha senhora, acaba por encetar uma peregrinação à Terra Santa, devendo trazer de lá como recordação, uma relíquia.

A esta opção não será, certamente, indiferente, a viagem de Eça que, a propósito da inauguração do Canal do Suez, se deslocou à Palestina, numa viagem de seis semanas e cujas notas de viagem lhe seriam muito úteis para descrever a de Teodorico.

Eça tinha-a considerado uma viagem muito agradável e muito útil e Teodorico afirma: “Esta jornada à terra do Egito e à Palestina permanecerá sempre como a glória superior da minha carreira”²⁸⁹

Em *A Relíquia*, Teodorico olha a Palestina e a Síria em função das descrições bíblicas, o que,

²⁸⁸ Os Orientes de Eça de Queirós, Isabel Pires de Lima, Universidade do Porto

²⁸⁹ *A Relíquia*, pag 6

de certa forma, tinha acontecido a Eça, quando se deslocou à Palestina.

Cada um encontra um Oriente à medida dos seus anseios. Teodorico apenas quer uma boa relíquia para satisfazer o fanatismo religioso da tia e ficar com a herança.

Eça de Queirós ficou desagradavelmente surpreendido, com o aspeto das cidades que estava longe do imaginado e, até, fantasiado. Esta imaginação resultava das leituras bíblicas e de crónicas de viagem que realçavam um mundo de “mil e uma noites” e o exotismo sensual das mulheres orientais.

Teodorico, em Jerusalém, junto ao Santo Sepulcro não esconde a desilusão causada pelo que observou: “Ora aqui estão os cavalheiros diante do Santo Sepulcro... Fechei o meu guarda-chuva. Ao fundo de um adro, de lajes descoladas, erguia-se a fachada duma igreja, caduca, triste, abatida, com duas portas em arco: uma tapada já a pedregulho e cal, como supérflua; a outra timidamente, medrosamente, entreaberta. E aos flancos débeis deste templo soturno, manchado de tons de ruína, colavam-se duas construções desmanteladas, do rito latino e do rito grego – como filhas apavoradas que a Morte alcançou, e que se refugiam ao seio da mãe, meio morta também e já fria.”²⁹⁰

A magistral ironia de Eça de Queirós é transporta para Teodorico que avança assim, na descrição do ambiente encontrado: “Calcei então as minhas luvas pretas. E imediatamente, um bando voraz de homens sórdidos envolveu-nos com alarido, oferecendo relíquias, rosários, cruces, escapulários, bocadinhos de tábuas aplainadas por S. José, medalhas, bentinhos, frasquinhos de água do Jordão, círios, agnus-dei, litografias da Paixão, flores de papel feitas em Nazaré, pedras benzidas, caroços de azeitona do monte Olivete, e túnicas como usava a Virgem Maria! E à porta do sepulcro de Cristo, onde a titi me recomendara que entrasse de rastos, gemendo e rezando a coroa – tive de esmurrar um malandrão de barbas de ermita, que se dependurara da minha rabona, faminto, rábido, ganindo que lhe comprássemos boquilhas feitas de um pedaço de arca de Noé! - Irra, caramba, larga-me,

²⁹⁰ A Relíquia, pag 95

animal! E foi assim, praguejando, que me precipitei, com o guarda-chuva a pingar, dentro do santuário sublime onde a Cristandade guarda o túmulo do seu Cristo.”²⁹¹

Também Teodorico, tal como Eça, se deixa entusiasmar pela sensualidade misteriosa das mulheres orientais, que procura. Claro que a ironia de Eça de Queirós não podia deixar de caricaturar a situação da visita de Teodorico aos “segredos deslumbradores dum serralho” e coloca em Teodorico esta descrição: “Então, uma portinha branca, sumida no muro caiado, rangeu a um canto, de leve: e uma figura entrou, velada, vaga, vaporosa. Amplos calções turcos de seda carmesim tufavam com languidez, desde a sua cintura ondeante, até aos tornozelos, onde franziam, fixos por uma liga de ouro; os seus pezinhos mal pousavam, alvos e alados, nos chinelos de marroquim amarelo; e através do véu de gaze que lhe enrodilhava a cabeça, o peito e os braços – brilhavam recamos de ouro, centelhas de jóias e as duas estrelas negras dos seus olhos. Espreguicei-me, tímido de desejo. Por trás dela Fatmé, com a ponta dos dedos, ergueu-lhe o véu devagar, devagar – e de entre a nuvem de gaze surgiu um carão cor de gesso, escaveirado e narigudo, com um olho vesgo, e dentes podres que negrejavam no langor néscio do sorriso. [...] A circassiana, requebrando-se, com o seu sorriso pútrido, veio estender-nos a mão suja, a pedir “presentinhos” num tom rouco de aguardente. Repeli-a com nojo. Ela coçou um braço, depois a ilharga; apanhou tranquilamente o seu véu, e saiu arrastando as chinelas.”²⁹²

Uma certa desilusão de Eça, com o que viu em Jerusalém é retomada por Teodorico: “Eu ia avistar Jerusalém! Mas – qual? Seria a mesma que vira um dia, resplandecendo sumptuosamente ao sol de Nizão, com as torres formidáveis, o Templo cor de ouro e cor de neve, Acra cheia de palácios, Bezetha regada pelas águas do Enrogel?...”²⁹³

Depois destas dúvidas de Teodorico sobre que Jerusalém encontraria, a descrição do que observou, sem poder faltar a referência a um inglês que, como Eça repetidas vezes caracterizou, lia o Times: “E logo a vi, lá em baixo, junto à ravina do Cédron, sombria,

²⁹¹ A Relíquia, pag 95

²⁹² Idem, pag 104

²⁹³ Idem, pag 218

atuhlada de conventos e agachada nas suas muralhas caducas – como uma pobre, coberta de piolhos, que para morrer se embrulha a um canto nos farrapos do seu mantéu. Bem depressa, transpassada a Porta de Damasco, as patas dos nossos cavalos atroaram o lajedo da Rua Cristã: rente ao muro um frade, com o breviário e o guarda-sol de paninho entalados sob o braço, ia sorvendo uma pitada estrondosa. Apeámos no Hotel do Mediterrâneo: no esguio pátio, sob um anúncio das ‘Pílulas Holloway’, um inglês, com um quadrado de vidro colado ao olho claro, os sapatões atirados para cima do divã de chita, lia o Times; por trás duma varanda aberta, onde secavam ceroulas brancas com nódoas de café, uma goela roufenha vozeava: C’est le beau Nicolas, holà!... ah! Era esta, era esta, a Jerusalém católica!...”²⁹⁴

Tivámos oportunidade de detalhar a passagem de Eça de Queirós por Havana e o trabalho desenvolvido a bem da comunidade chinesa, que o marcaram para a sua vida futura. Ora bem, certamente que não por acaso, Eça escreve *O Mandarim*. Recorde-se que o embaixador da China, que se deslocou a Havana verificar as condições em que viviam e trabalhavam os seus compatriotas era precisamente um mandarim.²⁹⁵

Muito resumidamente, diremos que Teodoro, o protagonista, se desloca à China para verificar localmente, o que teria sido a vida do mandarim Ti Chin-Fu, que por morte e por “artes mágicas” o tinha feito herdeiro de uma grande fortuna.

Teodoro, quando contempla Pequim do alto da muralha, descreve a cidade da seguinte forma: “É como uma formidável cidade da Bíblia, Babel e Nínive, que o profeta Jonas levou três dias a atravessar. O grandioso muro quadrado limita os quatro pontos do horizonte, com as suas portas de torres monumentais, que o ar azulado, àquela distância, faz parecer transparentes. E na imensidão dos seus recintos aglomeram-se confusamente verduras de bosques, lagos artificiais, canais cintilantes como aço, pontes de mármore, terrenos alastrados de ruínas, telhados envernizados reluzindo ao Sol; por toda a parte são pagodes heráldicos, brancos terraços de templos, arcos triunfais, milhares de quiosques saindo de

²⁹⁴ A Relíquia, pag 218

²⁹⁵ Mandarim significa ministro ou conselheiro e, originalmente, oficial dos Ming

entre as folhagens dos jardins; depois espaços que parecem um montão de porcelanas, outros que se assemelham a monturos de lama; e sempre a intervalos regulares o olhar encontra algum dos bastiões, de um aspecto heróico e fabuloso...”²⁹⁶

A imagem que Teodoro nos dá de Pequim, corresponde à visão fantasiada que, no ocidente, se imaginava ser a real cidade do Império Chinês. Recorde-se que Eça de Queirós nunca foi à China e, por isso, ao contrário do que tinha relatado Teodorico (*n’A Relíquia*), a descrição que Teodoro fazia de Pequim padecia da falta de comparação das imagens míticas com a realidade.

Há, no entanto, passagens em *O Mandarim* que nos reportam para relatos anteriores feitos por Eça de Queirós, a partir de Havana e sobre a comunidade chinesa: “Ao passar junto ao Templo do Céu, em Pequim – conta Teodoro – vejo apinhada num largo uma legião de mendigos: tinham por vestuário um tijolo preso à cinta num cordel; as mulheres, com os cabelos entremeados de velhas flores de papel, roíam ossos tranquilamente; e cadáveres de crianças apodreciam ao lado, sob o voo dos moscardos. Adiante topámos com uma jaula de traves, onde um condenado estendia, através das grades, as mãos descarnadas, à esmola... Depois Sá-Tó mostrou-me respeitosamente uma praça estreita: aí, sobre pilares de pedra, pousavam pequenas gaiolas contendo cabeças de decapitados: e gota a gota ia pingando delas um sangue espesso e negro...”²⁹⁷

Tal como Eça tinha referido nos seus relatórios sobre a dificuldade de perceber a forma de falar e viver da comunidade chinesa, também Teodoro refere: “Eu não compreendia a língua, nem os costumes, nem os ritos, nem as leis, nem os sábios daquela raça: que vinha pois fazer ali senão expor-me, pelo aparato da minha riqueza, aos assaltos dum povo que há quarenta e quatro séculos é pirata nos mares e traz as terras varridas de rapina?”²⁹⁸

Outra indicação de que as obras de ficção de Eça de Queirós encerram muito de si próprio e da sua experiência de vida, está na caracterização que Teodoro faz de si próprio ao general

²⁹⁶ O Mandarim, pag 51

²⁹⁷ Idem, pag 50

²⁹⁸ Idem, pag 70

Camilloff: “Eu pertenço a uma boa família do Minho. Sou bacharel formado; portanto na China, como em Coimbra, sou um letrado! Já fiz parte de uma repartição pública (Eça fora administrador do distrito de Leiria). Tenho a experiência do estilo administrativo.”²⁹⁹

Aliás, o próprio Eça de Queirós, nos deixa o seu testemunho da forma como via a utilização da História na criação dos seus romances. De uma carta escrita ao Conde de Ficalho poderemos retirar este excerto: “Debalde [...] se consultam in-fólios, mármore de museus, estampas, e coisas em línguas mortas: a História será sempre uma grande Fantasia. [...] Reconstruir é sempre inventar”.³⁰⁰

Como já tentámos demonstrar, a emigração e os seus efeitos ocuparam grande parte do trabalho diplomático de Eça de Queirós que, como também já indicámos, nos deixou um dos bons estudos críticos sobre a emigração como fenómeno de todas as épocas e de todas as latitudes. Claro que na sua obra de ficção este assunto não podia faltar. Trata, sobretudo da emigração para o Brasil e para a América do Norte, mas também para África. A maior parte das vezes para ironizar e criar tipos de emigrantes regressados do Brasil, a quem chama de brasileiros, outras vezes são mesmo brasileiros nascidos no Brasil, ricos e cheios de tiques sociais estrangeirados. Chega a ser acusado de antibrasileirismo, pela forma como “trata” os naturais ou os regressados do Brasil.

Daremos apenas a indicação de alguns exemplos que, nos parecem, ilustrativos do tema e em que se pode vislumbrar uma preocupação com os problemas humanitários que podem resultar da emigração e, com os quais, se debateu desde Havana quando se viu confrontado com a forma como os chineses eram tratados.

Em *Uma Campanha Alegre*, Eça de Queirós, chega a sugerir que a emigração de portugueses seja feita para o Brasil, especialmente para S. Paulo, em detrimento da América do Norte, terra que se revelava muito atrativa, mas onde tinha visto muitos

²⁹⁹ O Mandarin, pag 44

³⁰⁰ Correspondência, pag 265.

portugueses maltratados, quando lá se deslocou durante a sua permanência em Havana.

Em *A Ilustre Casa de Ramires* é Gonçalo Ramires que vai para África, tentar fazer fortuna, numa época em que está na ordem do dia o Ultimato, quando a Inglaterra, em 1890, pressiona para que Portugal retirasse das suas colónias de África e há uma tentativa portuguesa de alargar a colonização espacial de tão grandes territórios.

Em *O Primo Basílio*, é Basílio de Brito que emigra para se safar de alguns problemas que lhe tinham surgido, enquanto que em *Os Maias*, é o açoriano Papá Monforte que vê na emigração a única forma de fugir às autoridades judiciais depois de ter cometido um crime. Aliás, em *Os Maias* há mais gente que vai para os Estados Unidos na tentativa de alterar, para melhor, a sua vida. Pedro da Maia, quando perde Maria Monforte pensa lá ir para esquecer, e Carlos da Maia, mais tarde, com a morte do avô e o esclarecimento da situação de incesto em que está envolvido, vai à América, por uma questão de educação.

Eça retrata os “brasileiros” quase sempre como portugueses que emigraram para o Brasil e regressam ricos e excêntricos, mas em *A Ilustre Casa de Ramires*, o Pereira brasileiro nunca tinha emigrado mas tinha herdado a fortuna de um parente regressado do Brasil, esse sim um “brasileiro”. Em *O Primo Basílio*, a amante de Jorge era casada com um brasileiro por interesse. Em *Os Maias* há também uma mulher que mantém uma relação com um brasileiro devido ao dote.

Mas outros acontecimentos internacionais são transportados para os seus livros de ficção. Os acontecimentos da Comuna de Paris, fazem parte de *O Crime do Padre Amaro*. Casa Havanesa, em Lisboa, maio de 1871: “Pessoas esbaforidas chegavam, rompiam pelos grupos que atulhavam a porta, e alçando-se em bicos de pés esticavam o pescoço, por entre a massa de chapéus, para a grade do balcão, onde numa tabuleta suspensa se colavam os telegramas da Agência Havas; sujeitos de faces espantadas saíam consternados, exclamando logo para algum amigo mais pacato que os esperava fora:

- Tudo perdido! Tudo a arder”³⁰¹

³⁰¹ O Crime do Padre Amaro, pag 32

A França, e o Segundo Império também aparecem na ficção eciana. Alberto Campos Matos, talvez o maior especialista em Eça de Queirós refere: “Narrador e personagens fazem inúmeras alusões ao Segundo Império e às suas figuras de proa, muito particularmente em *A Tragédia da Rua das Flores*, em *Os Maias*, em *O Conde de Abranhos* e em *A Correspondência de Fradique Mendes*. A antipatia de Eça pelo Segundo Império fará com que as suas personagens bonapartistas sejam quase todas indivíduos de medíocre mentalidade que refletem sobretudo a clivagem entre partidários dos regimes liberais e partidários de cesarismos monárquicos. O conde de Ribamar, Meirinho, Padilhão, Genoveva, Maria Monforte, eis algumas dessas personagens bonapartistas.”³⁰²

Com o significado que Paris tem para Eça, na sua obra de ficção seria praticamente impossível que não houvesse sinais dessa paixão. Para António Coimbra Martins: “de uma maneira geral, muitos valores fundamentais ligados à França permanecem na obra e nos fragmentos de Eça, escritos após a sua nomeação para Paris: exigência de uma plena liberdade de expressão; percepção da urgência do combate à miséria, à ignorância e à exploração; oposição às formas violentas de manutenção da ordem; sentimento ou pressentimento da injustiça da relação colonial; consciência da importância dos interesses coloniais e da expansão colonial no relacionamento entre as potências europeias.”³⁰³

Sem pretendermos “puxar a brasa à nossa sardinha” devemos referir que, ao contrário do que muitos consideram, da passagem de Eça pelo Alentejo e, nomeadamente, os meses, muito intensos, em que dirigiu o *Districto de Évora* ficaram-lhe profundas marcas. Assim, não é de estranhar que várias das suas personagens apareçam ligadas ao Alentejo.

Em *O Primo Basílio*, quando Jorge está de partida para ir trabalhar nas minas, Ernestinho à despedida chama-lhe a atenção para o verão, que naquelas paragens é uma “estação traiçoeira”. O Próprio Jorge, lamentando a longa jornada que tinha pela frente e que incluía viagem por Évora, Beja, até S. Domingos, em julho, desanimado, afirmava: “Que maçada por um Verão daqueles! Ir dias e dias sacudido pelo chouto dum cavalo de aluguer, por esses

³⁰² Silêncios, Sombras e Ocultações em Eça de Queiroz, pag 31

³⁰³ Eça e Paris

descampados do Alentejo que não acabam nunca, cobertos dum restolho escuro, abafados num Sol baço, onde os moscardos zumbem! Dormir nos montados, em quartos que cheiram a tijolo cozido, ouvindo em redor, na escuridão da noite tórrida grunhir as varas dos porcos! A todo o momento sentir entrar pelas janelas, passar no ar o bafo quente das queimadas! E só!”³⁰⁴

Em várias das suas obras surgem negócios relacionados com terrenos no Alentejo. N’*Os Maias*, Vilaça refere que o produto da venda de terrenos com montado, “não é um mau presente” e n’*A Ilustre Casa de Ramires*, considera-se que há ainda muitos terrenos incultos no Alentejo que, assim, poderia substituir África como destino de aventureiros em busca de fortuna. Para João Gouveia: “Portugal possuía toda uma riquíssima província a amanhar, a regar, a lavar, a semear, o Alentejo, onde já tinha estado a advogar, em Mértola, e sabia que estava abandonado, miseravelmente, há séculos, pela imbecilidade dos governos, embora fosse riquíssimo e fertilíssimo”³⁰⁵. Também a fortuna de Jacinto (*A Cidade e as Serras*) lhe vem, em parte, de rendas de terrenos no Alentejo.

Novamente as Américas e a luta de Eça de Queirós contra a escravatura, qualquer que fosse a cor da pele dos escravizados. Recorde-se, mais uma vez, a defesa dos chineses em Havana e de brancos e negros nos Estados Unidos. Claro que na sua obra de maior envergadura, *Os Maias*, este tema não poderia estar ausente. Se houve uma senhora macaísta que deixou oitenta contos a Vítor, um dos membros da família Maia, Pedro, está ligado a um traficante de escravos, um negreiro que fazia escala em Havana quando levava negros de África para a América do Norte e para o Brasil. Também Maria Eduarda tinha sido retirada a uma família nobre portuguesa, por uma negreira, e devolvida ao seio da família pelo filho da negreira.

Ainda neste romance e apesar da escravatura ter sido abolida em Portugal, um dos primeiros países a tomar esta medida corajosa no século XVIII, Monforte é um desses traficantes que escapara aos cruzeiros ingleses, e agora, rico, homem de bem, proprietário, ia ouvir a Corelli a S. Carlos.

³⁰⁴ O Primo Basílio, pag 7

³⁰⁵ A Ilustre Casa de Ramires, pag 36

Recorde-se que Monforte era açoriano e, quando moço, tinha-se envolvido numa rixa da qual resultou um morto, o que o forçou a embarcar, em segredo, para a América. Mais tarde ter-se-ia envolvido no negócio dos escravos e passado por Havana o porto giratório deste negócio.

Maria Monforte e o pai pensam ser possível que o seu poder financeiro, possa fazer esquecer a sua origem, mas Afonso da Maia, de origens fidalgas e homem de honra, é contra esta mulher, pelo que ela e o pai representam e nunca autoriza que o seu filho Pedro despose tal criatura.

Quando estava em Havana, Eça de Queirós, teve contato com os charutos cubanos e aprendeu a distingui-los pela sua qualidade. N' *Os Maias*, Carlos da Maia, manda o Baptista enviar charutos de "Flor de Cuba" para Ega, que, "sem saber fumar", pedia dos "Imperiales".

N' *A Cidade e as Serras* a chamada de Jacinto à terra, mesmo depois de conhecer a moderna vida contemporânea, as novidades da civilização, e ter tido a experiência de saber que tudo isto não consegue a felicidade plena. O excesso de bens materiais, a tal superabundância de vida, que Eça de Queirós critica na América, não faz de Jacinto um homem feliz e ele regressa às origens, para as serras de Portugal, onde, aí sim o viver em simbiose com a Natureza lhe pode proporcionar a felicidade e a paz que procura.

Também aqui há muitas semelhanças com a vida de Eça de Queirós, cansado de viver no estrangeiro, e desejoso de poder usufruir das paisagens, do sossego e da gastronomia que só pode alcançar na sua Quinta de Tormes³⁰⁶. Estes prazeres não são compensados nem pela agitação de Paris. É exaltada a virgindade das terras serranas do Douro, em comparação com o progresso tecnológico que também traz a desgraça e a exploração.

Para António José Saraiva, Eça analisando a História, considerava que a exploração de homens por outros homens vem de há muitos séculos: Vem desde "os Romanos que crucificaram Espártaco e lapidaram os Gracos; entre os Hebreus que crucificaram Cristo – que ele considera o grande precursor do socialismo; na Idade Média, onde os senhores

³⁰⁶ Essa quinta, é hoje sede da fundação Eça de Queiroz e foi o solar que atraiu Jacinto a Portugal e lhe possibilitou uma nova maneira de olhar para o país, mas também alcançar a paz de espírito desejada.

massacraram os Jacques; no Egipto, onde os pachás exploravam os felás; em Cuba, onde os europeus exploravam o chinês; na Inglaterra, onde o patrão explora o proletário, e assim por diante, o espetáculo é sempre igual”.³⁰⁷

Regressando à *Correspondência de Fradique Mendes*, que Eça de Queirós aproveita para reforçar algumas das suas ideias e dos conceitos que já tinha plasmado nas páginas do *Districto de Évora*, Fradique não deixa de escrever que: “uma Correspondência revela melhor que uma obra a individualidade, o homem; e isto é inestimável, para aqueles que na Terra valeram mais pelo carácter do que pelo talento”.³⁰⁸

Sabendo-se como Eça de Queirós mantinha correspondência com vários amigos e não só, a frequência com que divulgava as suas ideias através de cartas (já Jesus Cristo, que Eça de Queirós admirava, tinha usado esta forma de divulgação da sua doutrina), não podemos estranhar que Fradique Mendes tenha deixado esta pérola: “se uma obra nem sempre aumenta o pecúlio do saber humano, uma Correspondência, reproduzindo necessariamente os costumes, os modos de sentir, os gostos, o pensar contemporâneo e ambiente, enriquece sempre o tesouro da documentação histórica. Temos depois que as cartas de um homem, sendo o produto quente e vibrante da sua vida, contêm mais ensino que a sua filosofia – que é apenas a criação impessoal do seu espírito. Uma filosofia oferece meramente uma conjectura mais, que se vai juntar ao imenso montão das conjecturas: uma vida que se confessa constitui o estudo de uma realidade humana, que, posta ao lado de outros estudos, alarga o nosso conhecimento do Homem, único conhecimento *acessível* ao esforço intelectual. E finalmente, como *cartas* são palestras escritas [...], elas dispensam o revestimento sacramental da *tal prosa como não há...*”³⁰⁹

Recordamos, mais uma vez, a luta desenvolvida por Eça em favor dos trabalhadores mais pobres, não podemos deixar de assinalar em Fradique Mendes preocupações similares: “A fraternidade (dizia ele numa carta em 1886, que conservo), vai-se sumindo, principalmente nestas vagas colmeias de cal e pedra, onde os homens teimam em se amontoar e lutar; e,

³⁰⁷ As ideias de Eça de Queirós

³⁰⁸ A Correspondência de Fradique Mendes, pag 94

³⁰⁹ Idem

através do constante deperecimento dos costumes e das simplicidades rurais, o mundo vai rolando a um egoísmo feroz. A primeira evidência desse egoísmo, é o desenvolvimento ruidoso da filantropia. Desde que a caridade se organiza e se consolida...o homem não contando já com os impulsos do coração, necessita obrigar-se publicamente ao bem pelas prescrições de um estatuto. Com os corações assim duros e os invernos tão longos, que vai ser dos pobres?”³¹⁰

Cremos ter mostrado alguns exemplos de como na obra de ficção de Eça de Queirós, abundam personagens que exprimem como seus os argumentos usados por Eça na sua crítica social da política internacional. Claro que sabemos que a maior parte do espaço da sua obra é de denúncia da hipocrisia da sociedade portuguesa do seu tempo e, isso, fá-lo magistralmente.

Não podemos, no entanto, concluir este capítulo sem uma referência à que, no entender de alguns dos seus estudiosos, poderia ser a sua obra de maior envergadura e que versava, precisamente, a política internacional, os meandros da diplomacia e a hipocrisia das relações entre países onde, na opinião de Eça, os mais poderosos acabam por dominar os mais fracos. Curiosamente trata-se de um livro que não chegou a ser escrito e que poderia ter-se chamado “*A Batalha do Caia*”. Embora se pense que Eça não chegou a escrevê-lo (não nos esqueçamos que parte significativa do seu espólio jaz no fundo do mar), o escritor e diplomata deixou pistas suficientes (Conto “*A Catástrofe*”) para se antever o seu plano.

Seria um romance que, ao retratar a política internacional partia de uma série de anexações por essa Europa fora. A Alemanha promoveria uma conferência com as outras potências europeias para a partilha da Europa. A Alemanha “ficaria” com a Holanda, a Bélgica e a França. A Rússia anexaria toda a Rumélia³¹¹; a Áustria ocuparia a Bósnia; e a Itália ficaria com Fiume³¹². Como se vê seria o império de Guilherme II o “mais beneficiado”. A Inglaterra não

³¹⁰ A Correspondência de Fradique Mendes, pag 82

³¹¹ Foi um termo histórico que descreve a área atualmente referida como Balcãs ou península balcânica quando foi administrada pelo Império Otomano (<https://pt.wikipedia.org/wiki>)

³¹² A cidade de Fiume recebeu autonomia em 1719, com decreto do imperador Carlos VI foi declarada porto franco. Em 1779, nos tempos de Maria Teresa de Habsburgo foi fundado o *Corpus Separatum*. Desde então, e até 1924, Fiume existiu como entidade autónoma com elementos de um Estado. (<https://pt.wikipedia.org/wiki>)

se via contemplada nesta distribuição e declararia guerra à Europa, ou seja ao grupo das potências assaltantes. Desencadeia-se a guerra: as potências conluiadas invadem as nações, que se tinham anexado total ou parcialmente, e a Inglaterra desembarca tropas no continente. No início do conflito nada aconteceria na Península Ibérica. Mas esta haveria de chegar a Portugal por mor de uma invasão espanhola. A partir daqui seria o amor à pátria que levariam os portugueses a reagir.

Ficção de Eça de Queirós ou ficção de quem estudou a ficção de Eça de Queirós?

V – CONCLUSÃO

Para concluirmos este nosso estudo sobre a visão que Eça de Queirós nos deixou de alguns aspetos muito importantes da política internacional e das relações de poder entre os Estados e entre classes sociais, resta-nos responder às duas questões que colocámos no início do nosso trabalho:

- Teve Eça de Queirós intervenção política durante a sua vida pública?

-Deixou-nos testemunhos para que possamos considerar essa intervenção coerente e constante, quer nos seus textos, quer na sua atividade como cônsul de Portugal?

A resposta à primeira questão parece-nos fácil, perante a nossa investigação e o registo elaborado. Logo enquanto estudante, na Universidade de Coimbra, Eça de Queirós começou a frequentar tertúlias onde se reuniam homens que pretendiam alterações profundas no nosso país e que, sob a superior inteligência de Antero de Quental, tinham bebido grande parte das suas ideias nas doutrinas socialistas de Proudhon.

Depois, quando veio para Évora, fundar, dirigir e redigir o *Districto de Évora* fê-lo com uma clara e declarada intenção de intervenção política, até porque foi contratado com essa função. Criar um jornal de oposição e manter polémica com os editoriais situacionistas existentes na região, de onde se destacava o *Folha do Sul*. Conseguiu fazê-lo de uma forma exemplar e que ainda hoje seria ótimo que Évora pudesse usufruir de um jornal com a qualidade do *Districto de Évora*. Além da secção de notícias locais, Eça consegue manter outras secções como: revista crítica dos jornais, ciências histórico-sociais, leituras modernas, comédia moderna, traduções, política nacional e política estrangeira. É sobretudo nestas duas últimas secções que Eça vai deixando testemunho do seu pensamento político quer em relação à situação de Portugal quer em relação à Europa, a atravessar momentos muito conturbados.

Por nos parecer uma descrição exemplar do trabalho de Eça de Queirós em Évora e das suas tomadas de posição políticas transcrevemos parte do prefácio de Alberto Machado da Rosa que, em 1965, reuniu em *Prosas Esquecidas II* os artigos publicados por Eça de Queirós no

Districto de Évora: “Redigido quase inteiramente por Eça de Queiroz aos vinte e um anos de idade, o Distrito de Évora de 1867, jornal oposicionista, é um estudo básico para o estudo do homem, do pensador e do artista; e um depoimento significativo para o conhecimento de uma época histórica, **em Portugal e no estrangeiro**³¹³. Precisamente em 1867, com a publicação do primeiro volume de *Das Capital*, Karl Marx iria impor à consciência socialista uma nova fronteira, dialética e rigidamente traçada sobre o mapa esboçado por movimentos revolucionários precedentes. No mais importante deles, o de Proudhon, se enquadram as ideias do jovem redactor do distrito eborense, impressionado e influenciado pelas explicações que o bom Antero lhe dera, a ele e a outros colegas da Universidade de Coimbra, sobre as teorias do querido «Mestre», apóstolo da Liberdade e da Justiça. Sob a pressão implacável de produzir dois números por semana, impondo-se o dever e a disciplina do magistério cívico, Eça realiza em sete meses uma obra extraordinária, verdadeiro atestado da integridade do seu carácter e ideais. Nela resplandecem, com o brilho inconfundível da espontaneidade, as tendências e preferências, convicções e hesitações, até mesmo as antinomias, aparentemente irreduzíveis, do seu vigoroso espírito. E porque toda a sua alma vibra com a causa da pátria, e com os sofrimentos de todos os humildes e ofendidos; porque a opressão política e a injustiça social, tão espalhadas e prepotentes, lhe inspiram fundos sentimentos de repulsa e revolta; essa obra traduz, a par da força do seu intelecto, a grandeza do seu coração”³¹⁴.

Como cônsul e por todos os consulados por onde passou, mesmo respeitando a sua condição de representante de Portugal e as limitações de intervenção que essa condição lhe impunha, não deixou de tomar posições coerentes através dos relatórios oficiais que enviava para Lisboa, das cartas para os amigos, de crónicas em jornais e, como também já vimos, de personagens da sua obra de ficção.

Portanto a resposta à primeira questão só pode ser uma: Sim, Eça de Queirós, na sua vida pública, teve uma intervenção política constante, em Portugal e no estrangeiro e dessa intervenção deixou-nos muitos e variados testemunhos.

³¹³ Sublinhado nosso

³¹⁴ *Prosas Esquecidas II*, pag 7/8

Em relação à resposta à segunda questão, já adiantámos que os testemunhos deixados foram muitos e variados. Devemos agora responder se houve coerência nessa intervenção política.

Creemos que sim, que foi coerente toda a sua rica e variada intervenção. Essa coerência pode-se verificar de forma muito clara em dois vetores distintos: ao nível da relação entre patrões e empregados e ao nível das relações entre os países.

A nível laboral recordamos toda a sua intervenção em Havana em favor dos escravizados imigrantes chineses, (como pensamos que foi largamente demonstrado no nosso estudo), na denúncia das condições de trabalho dos operários portugueses nas fábricas dos Estados Unidos, onde se deslocou para as verificar e avaliar, na revolta mostrada pelas condições em que trabalhavam e viviam os operários das fábricas de Newcastle ou os mineiros das minas de carvão e nas indicações que ia enviando para Lisboa sobre os nossos emigrantes em França.

No que às relações entre países diz respeito, Eça de Queirós foi claro e coerente quer na avaliação das relações internacionais de Portugal, quer naquelas em que intervêm outros países.

Eça esteve sempre contra o imperialismo, independentemente da região do mundo onde se verificasse. Denunciou o imperialismo inglês, quer as vítimas fossem irlandesas, afegãs, egípcias ou os negócios com Portugal (Tratado de Methuen), denunciou o aparecimento do imperialismo americano (doutrina Monroe), denunciou a colonização espanhola e todas as formas de domínio dos mais fortes (recorde-se a forma como descreve o desaparecimento a prazo dos pequenos espaços geográficos e a Batalha do Caia).

Com a tendência que há em classificar ideologicamente os homens que pela sua obra têm uma intervenção social marcante, deixamos três testemunhos de estudiosos da vida e da obra de Eça de Queirós.

Para Paulo Calvacanti: “Entrechocante na extravasão de seus pensamentos, confuso, talvez, nas manifestações de seu espírito, foi Eça, apesar disso, um homem da revolução. Se vivesse

seria tudo menos reacionário. As poucas contradições ideológicas existentes em Eça, não chegam a tornar descompassantes os rumos de suas convicções revolucionárias.”

Álvaro Lins no *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*: “se fossemos definir a posição política de Eça de Queiroz em termos dos dias de hoje, diríamos que ele foi um artista de esquerda”.

António José Saraiva, em *As ideias de Eça de Queirós*, refere: “Nos seus seus escritos, revela sempre preocupação com “a luta do capital e do trabalho”, que considera uma “eterna história”, “sempre a velha, a revelha história: a aristocracia ligando-se para exploração das plebes”, acreditando que a “cura”, para este defeito da “natureza humana”, “está numa transformação moral do homem”.

O próprio Eça de Queirós escrevia: “A revolução é um facto permanente, porque é manifestação concreta da lei natural de transformação constante, e uma teoria jurídica, pois obedece a um ideal, a uma ideia. É uma influência proudhoniana. O espírito revolucionário tem tendência a invadir todas as sociedades modernas, afirmando-se nas áreas científica, política e social. A revolução constitui uma forma, um mecanismo, um sistema, que também se preocupa com o princípio estético. O espírito da revolução procura o verdadeiro na ciência, o justo na consciência e o belo na arte.”³¹⁵

Uma questão nos ocorre. Porque é que durante tantos anos não houve uma maior divulgação desta faceta de Eça de Queirós, quer nos programas e manuais escolares, quer em iniciativas em que se referia, fundamentalmente o seu legado de escritor?

Claro que como escritor é um dos maiores da língua portuguesa, e merece todos os elogios, mas a sua vida foi mais rica e completa, também, pela sua intervenção cívica. Será que, nos 48 anos de obscurantismo, os valores que Eça defendeu, e não o poderemos classificar de perigoso revolucionário, não eram convenientes para o poder instalado?

Concluimos com um episódio que demonstra bem a forma como Eça de Queirós via a cena internacional. Vivia Eça os seus últimos anos em Paris, enquanto o jovem Guilherme II ocupava, há poucos anos, o seu trono imperial. Segundo Fidelino de Figueiredo, Eça

³¹⁵ Eça de Queirós 4ª Conferência no Casino, 12 de junho de 1871

escreveu: “se algum dia êste diletante da vontade, para enganar o seu tédio, tiver o capricho de ver uma grande guerra e verificar a eficiência das novas máquinas de matar, lançará o Mundo em miséria e ruína, para acabar aclamado como o soberano maior de todos os tempos ou degradado num exílio anónimo.”³¹⁶

Texto que se viria a revelar como premonitório de um futuro de grande violência na Europa que viria a ocorrer já depois da morte de Eça de Queirós.

Resta acrescentar que, quando exilado na Holanda e após a derrota na I Grande Guerra, Guilherme II referiu publicamente este texto de Eça de Queirós, com espanto e admiração, pois tinha sido escrito muitos anos antes e quando ele era o todo poderoso imperador.

Esperamos que este humilde estudo possa servir para um melhor conhecimento de um aspeto muito particular da intervenção pública de Eça de Queirós e que outros o aprofundem e, certamente, com mais competência enriqueçam a bibliografia sobre Eça de Queirós.

³¹⁶ ... um pobre homem da Póvoa do Varzim..., pag 151

“Para a política o homem é um meio; para a moral é um fim. A revolução do futuro será o triunfo da moral sobre a política”

(Ernest Renan, 1823-1892)

VI- Bibliografia

- Bernardo**, Maria Ana, Sociabilidade e Distinção em Évora no Século XIX, O Círculo Eborense, Edição Cosmos, Lisboa, 2001
- Berrini**, Beatriz, Apresentação, Organização Geral e Comentários de, Literatura e Arte, Uma Antologia, Eça de Queiroz, Relógio d'Água Editores, Lisboa 2000
- Berrini**, Beatriz, Eça de Queiroz, Palavra e Imagem, Inapa, Lisboa, 1988
- Campos**, Agostinho de (org.), Antologia Portuguesa – Eça de Queiroz I, 2ª Edição, Livraria Bertrand, Lisboa 1922
- Campos**, Agostinho de (org.), Antologia Portuguesa – Eça de Queiroz II, 2ª Edição, Livraria Bertrand, Lisboa 1923
- Castilho**, Guilherme de (org), Eça de Queirós/Correspondência, Imprensa Nacional, I Volume, Lisboa, 1983
- Cavalcanti**, Paulo, Eça de Queirós Agitador no Brasil, Editora Nacional, S. Paulo, 1959
- Claro**, Rogério, Eça de Queirós e a Europa, Edição de Autor, Tipografia Rápida, Setúbal, 1958
- David**, Celestino, Eça de Queirós em Évora, Évora 1945
- Duarte**, Mário, Eça de Queiroz, Cônsul, ao Serviço da Pátria e da Humanidade, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1973
- Figueiredo**, Fidelino de, “... um pobre homem da Póvoa de Varzim ...”, Portugália Editora, Lisboa, 1945
- Freeland**, Alan (org), Eça de Queiroz: Correspondência Consular, Lisboa, Cosmos, 1994
- Lins**, Álvaro, História Literária de Eça de Queirós, 2ª edição, Livraria do Globo, Porto Alegre, 1945
- Matos**, A. Campos, Imagens do Portugal Queirosiano, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa 1985
- Matos**, A. Campos, Diálogo com Eça de Queiroz, Editorial Caminho, Lisboa 1998
- Matos**, A. Campos, Eça de Queiroz – Uma Biografia, Edições Afrontamento, Porto 2009
- Matos**, A. Campos, Eça de Queiroz, Silêncios, Sombras e Ocultações, Edições Colibri, Lisboa 2012
- Medina**, João, Eça de Queiroz e o seu tempo, Livros Horizonte, Lisboa 1971
- Medina**, João, Releer Eça de Queiroz das Farpas aos Maias, Livros Horizonte, Lisboa 2000

-
- Miné**, Elza, Eça de Queiroz Jornalista, Livros Horizonte, Lisboa 1986
 - Mónica**, Maria Filomena, Eça de Queirós, Quetzal Editores, Lisboa 2001
 - Mónica**, Maria Filomena (coordenação), As Farpas, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, As Farpas originais de Eça de Queiroz, Principia, Cascais 2004
 - Moog**, Vianna, Eça de Queiroz e o Século XIX, 3ª edição, Livraria do Globo, Pôrto Alegre, 1943
 - Queirós**, Eça de, Cartas de Inglaterra, Livraria Chardron, Porto 1905
 - Queiroz**, Eça de, Echos de Pariz, Livraria Chardron, Porto 1905
 - Queirós**, Eça de, Notas Contemporâneas, 6ª Edição, Livraria Lello & Irmão – Editores, Porto 1938
 - Queirós**, Eça de, Cartas de Inglaterra, Livraria Lello & Irmão – Editores, Porto 1951
 - Queirós**, Eça de, Folhas Soltas, Livraria Lello & Irmão – Editores, Porto 1966
 - Queiroz**, Eça de, Raul Rego (org), A emigração como força civilizadora, Lisboa, Perspectivas e Realidades, 1979
 - Queirós**, Eça de, O Egípto e Mais Notas de Viagem, Círculo de Leitores, Lisboa 1982
 - Queirós**, Eça de, Notas Contemporâneas, Círculo de Leitores, Lisboa 1988
 - Queirós**, Eça de, Os Maias, Círculo de Leitores, Lisboa 1988
 - Queirós**, Eça de, A Correspondência de Fradique Mendes, Círculo de Leitores, Lisboa 1988
 - Queirós**, Eça de, A Capital, Círculo de Leitores, Lisboa 1993
 - Queirós**, Eça de, A Tragédia da Rua das Flores, Círculo de Leitores, Lisboa 1993
 - Queirós**, Eça de, O Crime do Padre Amaro, Círculo de Leitores, Lisboa 1993
 - Queirós**, Eça de, A Relíquia, Círculo de Leitores, Lisboa 1993
 - Queirós**, Eça de, O Primo Basílio, Círculo de Leitores, Lisboa 1993
 - Queirós**, Eça de, A Ilustre Casa de Ramires, Círculo de Leitores, Lisboa 1993
 - Queirós**, Eça de, O Mandarim, Alves & Companhia e O Conde de Abranhos, Círculo de Leitores, Lisboa 1993
 - Queirós**, Eça de, Textos de Imprensa VI (da Revista de Portugal). Edição Crítica das obras de Eça de Queirós. Edição de Maria Helena Santana. Coordenador Carlos Reis, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 1995
 - Queirós**, Eça de, Chineses e Japoneses, Edições Cotovia, Lisboa 1997

-
- Queirós**, Eça de, O Miantonomah, Expo'98, Lisboa 1997
 - Queirós**, Eça de, Da colaboração no Distrito de Évora-I, Edição Livros do Brasil, Lisboa 2000
 - Queirós**, Eça de, Da colaboração no Distrito de Évora-II, Edição Livros do Brasil, Lisboa 2000
 - Queirós**, Eça de, Da colaboração no Distrito de Évora-III, Edição Livros do Brasil, Lisboa 2000
 - Queirós**, Eça de, Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres, Edição Livros do Brasil, Lisboa 2001
 - Queirós**, Eça de, Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias). Edição Crítica das obras de Eça de Queirós. Edição de Elza Mine e Neuma Cavalcante. Coordenador Carlos Reis, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2002
 - Queirós**, Eça de, Textos de Imprensa I (da Gazeta de Portugal). Edição Crítica das obras de Eça de Queirós. Edição de Carlos Reis e Ana Teresa Peixinho. Coordenador Carlos Reis, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2004
 - Queirós**, Eça de, Textos de Imprensa V (da Revista Moderna). Edição Crítica das obras de Eça de Queirós. Edição de Elena Losada Soler. Coordenador Carlos Reis, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 2005
 - Queirós**, Eça de, A Cidade e as Serras, Edição Livros do Brasil, Lisboa 2006
 - Queirós**, Eça de, A Correspondência de Fradique Mendes (Memórias e Notas), Livraria Lello & Irmão – Editores, Porto s/d
 - Queiroz**, Eça de, Correspondência, Leitura, coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, s.d., vol. I
 - Reis**, Carlos, Eça de Queirós, Edições 70, Lisboa, 2009
 - Rosa**, Alberto Machado da, (Organização), Eça de Queirós, Prosas Esquecidas I, Editorial Presença, Lisboa, 1965
 - Rosa**, Alberto Machado da, (Organização), Eça de Queirós, Prosas Esquecidas II, Editorial Presença, Lisboa, 1965
 - Rosa**, Alberto Machado da, (Organização), Eça de Queirós, Prosas Esquecidas III, Editorial Presença, Lisboa, 1965
 - Rosa**, Alberto Machado da, (Organização), Eça de Queirós, Prosas Esquecidas IV, Editorial Presença, Lisboa, 1965

- Saraiva**, António José, As Ideias de Eça de Queirós, Gradiva, Lisboa 2000
- Silva**, Joaquim Palminha da, O Nosso Cônsul em Havana, A Regra do Jogo, Lisboa 1981
- Silva**, Paulo Neves da (organizador), Citações e Pensamentos de Eça de Queiroz, 2ª edição, Casa das Letras, Alfragide 2010
- Simões**, João Gaspar, Eça de Queirós, Arcádia, Lisboa 1961
- Simões**, João Gaspar, Vida e Obra de Eça de Queirós, Livraria Bertrand, Lisboa 1980

OUTROS DOCUMENTOS

- Araújo**, Luís Manuel de, Eça de Queirós e o Egito Faraónico, Editorial Comunicação, Lisboa, 1987
- Araújo**, Luís Manuel de, Aspectos do Roteiro Queirosiano no Egito: Eça de Queirós na Mastaba de TI
- Bello**, Nuno de Mello, Eça de Queirós Diplomata, janeiro de 2003
- Carvalho**, Tânia Franco, Eça de Queirós e o Brasil,
- Chacham**, Vera, Eça no Egito: Encanto e Desencanto da Cidade Oriental, Universidade Federal de Minas Gerais
- Coleção do Jornal Districto de Évora** – Biblioteca Pública de Évora
- Graça**, Mário Quartin, Blogue do Centro Nacional de Cultura, 30 de abril de 2013
- Lima**, Isabel Pires de, Os Orientes de Eça de Queirós, Revista Semeiar 1 s/d
- Madureira**, Elsa, Eça no Estrangeiro, Revista de Letras e Culturas Lusófonas, nº 9-10, Instituto Camões, Lisboa, 2000
- Magalhães**, José Calvet de, Eça de Queirós, cônsul e escritor, in Revista Camões nº 9/10 de 2000
- Martins**, António Coimbra, Eça e Paris, Revista de Letras e Culturas Lusófonas, nº 9-10, Instituto Camões, Lisboa, 2000
- Medina**, João, Breve Resenha Cronológica da Vida e Obra de Eça de Queirós, Revista Vértice, nº 331-332, Coimbra 1971
- Oca**, Miguel Alejandro García Montes de, Disertación de Maestría en Estudios Portugueses Especialización en Estudios Literários, Eça de Queiroz y José Marti: Lo que cuentan las cartas, estudio de la correspondência de Eça como diplomático en Cuba y del epistolário martiniano de la etapa, Lisboa, Abril, 2013
- Oliva**, Osmar Pereira, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Eça de Queirós, A Imigração Chinesa – Qual Medo?, Universidade Estadual de Montes Claros, 2007
- Oliveira**, Lopes, Eça de Queiroz, Cônsul em Havana
- Peixinho**, Ana Teresa, Imagens breves do republicanismo nos textos de imprensa de Eça de Queirós, Comunicação e Cultura, nº8, 2009

-
- Pires**, Maria João, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto 2002
- Ribeiro**, Clementina de Fátima Bidarra Pinto de Castro, Reaportuguesar Portugal: o Sentido Patriótico em Eça de Queirós, Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares, Universidade Aberta, Lisboa 2008
- Scarano**, Julita, Migração sobre contrato: a opinião de Eça de Queiroz, UNESP-CERU
- Silva**, Joaquim Palminha da, História nº24, Separata de “O Jornal”, Lisboa, Outubro de 1980
- Soler**, Elena Losada, Eça de Queirós em Espanha, Revista de Letras e Culturas Lusófonas, nº 9-10, Instituto Camões, Lisboa, 2000
- Sousa**, Américo Guerreiro de, Eça de Queirós e a Inglaterra, Tese de Doutoramento, Universidade de Oxford, 1988
- Spengler**, Eusébio Leal, Eça em Havana, Revista de Letras e Culturas Lusófonas, nº 9-10, Instituto Camões, Lisboa, 2000
- Vakil**, Abdool Karim, Eça de Queirós e o Islão, Revista de Letras e Culturas Lusófonas, nº 9-10, Instituto Camões, Lisboa, 2000
- biblioteca.clacso.edu.ar.ar/libros/anpocs00/gt09/00gt0934.doc**, consulta em 18/10/2014
- http://duas-ou-tres.blogspot.pt/**, blog de Francisco Seixas da Costa, consulta em 18/10/2014
- http://ptcultura.wordpress.com/2013/01/09/grande-fome-na-irlanda-e-ajuda-otomana/**, consulta em 23/10/2014
- cvc.instituto-camoes.pt/.../biblioteca.../revista-no09-10-eca-de-queiros.ht**, consulta em 02/11/2014
- bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs00/gt09/00gt0934.doc**, consulta em 02/11/2014
- http://paulofranchetti.blogspot.pt/**, consulta em 02/01/2015
- https://pt.wikipedia.org/wiki**, várias consultas